

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Comunicação

“EI, POLÍCIA, A PRAIA É UMA DELÍCIA!”:

Rastros de sentidos nas conexões da Praia da Estação

Carolina Abreu Albuquerque

Belo Horizonte

2013

Carolina Abreu Albuquerque

“EI, POLÍCIA, A PRAIA É UMA DELÍCIA!”:

Rastros de sentidos nas conexões da Praia da Estação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Geane Carvalho Alzamora

Belo Horizonte

2013

AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer outra pessoa, preciso agradecer muito à Geane por uma orientação incrível. Primeiro, por não desistir de mim, apesar dos meus recorrentes atrasos, confusões e mobilizações melodramáticas. Segundo, pela presença, o cuidado e o carinho que marcaram a relação de orientação ao longo de todo o percurso do mestrado – enquanto eu via meus colegas correndo desesperadamente atrás de seus orientadores. Terceiro (e talvez mais importante), por acreditar com um entusiasmo contagiante que uma pesquisa deve assumir escolhas e correr riscos. Obrigada mesmo, Geane! Eu acho que cresci demais nesse meio tempo e as melhores coisas que eu levo do mestrado tenho certeza que aprendi com você.

Agradeço também com muito amor ao CCNM, grupo de pesquisa que me acolheu com as discussões mais legais que eu já tive na universidade. Geane, Lena, Raquel, Joana, Coca, Lorena, Priscila, Gabriel, Natália, Vitória, Campa, Daniel, Amanda, Tacy, Carlos, Pedro, Carol, Juliana: as reuniões inconstantes no longínquo prédio da Fundep foram super importantes pra mim e eu espero continuar junto com vocês na tentativa coletiva de entender as coisas fluidas. Muito obrigada pelos conselhos acadêmicos e afetivo-emocionais, pelo apoio moral, pela ajuda imensa!

Muito obrigada ao Eduardo, que topou participar da banca mesmo sem conhecer o trabalho, e à Ângela e à Joana, que toparam, mesmo conhecendo. Agradeço muito pela possibilidade de interlocução e espero não matar vocês de raiva. À Ângela, agradeço duplamente, pelas ótimas observações no exame de qualificação – ao que também preciso agradecer imensamente à Lena. Obrigadíssima ainda à minha super equipe de revisores ~~compulsórios~~ voluntários, aos meus alunos lindos de CUC e a todo mundo que torceu por mim, nesses dois anos.

Obrigada demais à turma de mestrado, Lili, PH, Vanessa, Zictor, Jura, Tati, Frances, Eulálio, Filipe, Clayton, Tiago, Siomara, João e Leandro. Ao Nuno e ao Bóli, também. Almoços, cervejas, disciplinas, debates acalorados sobre textualidades e os hits do Leandro e Leonardo nunca mais serão a mesma coisa. Que sorte compartilhar esses dois anos com vocês!

Mãe, brigada por tudo! Eu tenho certeza que, se eu consegui terminar esse mestrado, boa parte da culpa foi sua. Kequinha, brigada pelas marmitas lindas e pela ótima companhia

de irmãs. Mário e Amilcar, brigada por estarem aí, sendo vocês e segurando a onda familiar. E obrigadas aos meus tios (Tijuju e Tiacecete), pelas fugidinhas incertas nas horas certas. Amo muito vocês!

Um agradecimento gigantesco pro Movimento Paca: Tata, Arlety, Luci, Beta, Claudinha, John, Kelly, Marinonce, Babi, Cris, Cissa, Meiris, Danda, Ju. Outro, também enorme, pra todos os Marighellas: Nuno, Lolis, Drica, Teury, Lygia, Yaya, Zictor, Lu, Quel, Maroca. E outro pros Djalmas, Bóli, Drita, Terry e André, jovens promissores da música boa belorizontina. Uma das melhores coisas do mestrado foi saber que existia vida lá fora, sempre disposta a me receber com muito amor! Vocês são lindos!

E um mais gigantesco ainda pro Luiz, lindo, companheiro, amigo, motorista, terapeuta e namorado no tempo que sobra de vez em quando. Brigada por estar aqui, nêgo, e por continuar querendo me namorar e acreditando no amor-humor, mesmo durante esse tempo de gado.

Em algumas situações extremas, os atores parecem ter uma capacidade impressionante de discordar de tudo o que os sociólogos supostamente tomam como dado a fim de iniciar seu trabalho. Abandonar o quadro de referência fixo oferecido pelo éter, como fizeram os físicos, parece em retrospecto um caso muito simples, comparado àquilo que teremos que renunciar se quisermos deixar os atores livres para desdobrar a plena incomensurabilidade de suas próprias ações com as quais os mundos são feitos.

Bruno Latour

RESUMO

Esta dissertação busca investigar o modo como se delineia reticularmente a configuração sociopolítica da “Praia da Estação”, fenômeno de contestação criado em 2010 que passou a ocupar a Praça da Estação (localizada no hipercentro de Belo-Horizonte), transformando o espaço em uma Praia como forma de contestar um decreto da prefeitura que proibiu a realização de eventos de qualquer natureza no local. A pesquisa partiu da definição de uma textualidade que atravessa os registros encontrados em três ambientes midiáticos distintos e interligados: o blog, a lista de e-mails e o perfil no Twitter criados para a Praia. Buscando trabalhar com a instabilidade inerente a esse terreno, foi desenvolvida uma “cartografia das conexões”, abordagem metodológica que articula o método cartográfico, tal como sugerido por Deleuze e Guattari (1995) e sistematizado por Passos, Kastrup e Escóssia (2010) às noções de rede e controvérsia elaborada por Latour (2012). Por meio da identificação de controvérsias, articuladas pelos operadores “dispositivo” e “agenciamento”, o trabalho buscou perceber como o emaranhado de sentidos que caracteriza a Praia da Estação é atravessado por linhas, transformações e deslocamentos, fazendo emergir conexões que, embora efêmeras, circunstanciais e permanentemente negociadas, dão pistas da tessitura da configuração sociopolítica do fenômeno.

Palavras-chave: Cartografia; Rede; Controvérsias; Dispositivo, Agenciamento; “Praia da Estação”.

ABSTRACT

This work aims to investigate the outlining of a sociopolitical configuration of “Praia da Estação”, a phenomenon of contestation created in 2010 that occupied Praça da Estação (located in downtown Belo Horizonte), turning the square on a beach as a way to challenge an Order of the city hall that forbade the accomplishment of events at the site. The research defined a textuality that goes through the records found at three distinct and interconnected media environments: the blog, the list of e-mails and the Twitter profile which were created to the protest. Seeking to work with the inherent instability of this ground, it was developed a “connection cartography”, a methodological approach that articulates the cartographic method, as suggested by Deleuze and Guattari (1995) and systematized by Passos, Kastrup and Escóssia (2010) to the notions of network and controversy developed by Latour (2012). Through the identification of controversies, articulated by the analytic dimensions of “dispositive” and “agencement”, the work seeks to realize how the tangle of meanings that characterizes Praia da Estação is crossed over by lines, transformations and displacements, making emerge connections that, although ephemeral, circumstantial and permanently negotiated, give clues to understand the weave of the sociopolitical configuration.

Keywords: Cartography; Network; Controversies; Dispositive; Agencement; “Praia da Estação”

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. VESTÍGIOS DE UM OBJETO INDISCIPLINADO	11
1.1 “Sob os tijolos, a Praia”.....	13
1.2 “A onda não morre na praia”.....	30
1.2.1 “ <i>This revolution is faceless</i> ”	31
1.2.2 “ <i>Ocupe a praça, ocupe a cidade</i> ”	42
1.3 “Que trem é esse?”	50
2. ONDA QUE TRANSBORDA	52
2.1 Textualidade escorregadia	52
2.1.1 <i>groups.google.com/pracalivre_BH</i>	53
2.1.2 <i>pracalivrebh.wordpress.com</i>	59
2.1.3 <i>@pracalivrebh</i>	70
2.1.4 <i>A emergência da textualidade</i>	76
2.2 Sentidos em conexão	78
3. POR UMA CARTOGRAFIA FLUIDA	83
3.1 Pistas para uma caminhada.....	84
3.2 A tessitura das conexões	88
3.2.1 <i>Controvérsias: rastreando o terreno</i>	90
3.2.2 <i>Constituição do corpus: episódios rugosos, espaços controversos</i>	92
3.2.3 <i>Dispositivo e agenciamento: ferramentas de traçado</i>	95
3.2.3.1. <i>Desenredando forças: a dimensão analítica do dispositivo</i>	96
3.2.3.2. <i>Movimentos multiterritorializantes: a dimensão analítica do agenciamento.</i> 99	
3.2.4 <i>Relevos, ângulos, distâncias: procedimentos para uma cartografia</i>	102
4. RASTROS DE SENTIDOS NAS CONEXÕES DA PRAIA DA ESTAÇÃO	104
4.1 Linhas, vetores, movimentos: entre controvérsias e conexões	104
4.1.1 <i>Um release: que Praia é essa?</i>	105
4.1.2 <i>A Comissão do Prefeito: qual o caminho para a praça livre?</i>	118
4.1.3 <i>Beijola e o carro de som: quem organiza o quê?</i>	132
4.1.4 <i>A praia, um ano depois: como transbordar os limites da manifestação?</i>	140
4.2 Um mapa móvel dos sentidos	151
CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	163

INTRODUÇÃO

“A Praia é uma delícia”. Repetido em rodas de discussão, lembrado em mesas de boteco e bradado aos berros em banhos coletivos de caminhão pipa, esse é provavelmente o único enunciado que pode ser categoricamente afirmado sobre o objeto em questão nesta dissertação. Nada mais delicioso que desafiar o prefeito, a estrutura burocrática da administração municipal, a ideia de tradicional família mineira e algumas dúzias de policiais perplexos com o gesto sutil e maravilhoso de ocupar uma praça no centro de Belo Horizonte de biquíni e guarda-sol¹. Independente de qualquer discordância quanto aos fins, aos meios e aos inícios da Praia da Estação, ninguém poderá dizer o contrário. Mas – além de ser uma delícia – o que mais é a Praia?

Nesta dissertação, partimos da percepção de que, em um movimento constante de oscilação e reverberação, a Praia da Estação entra e sai de categorias conceituais, flerta com algumas perspectivas teóricas para em seguida ignorá-las, aproxima-se e logo se distancia de referências históricas. Compreendendo a indisciplina desse objeto de pesquisa, buscamos construir uma abordagem que entende a Praia da Estação como um processo em curso, com toda a instabilidade que esse gesto carrega. E perguntamos justamente por sua configuração sociopolítica, que buscamos rastrear em uma textualidade compreendida entre os registros textuais encontrados no blog, na lista de e-mails e no perfil do Twitter construídos para a Praia.

Tendo em vista a rebeldia do objeto e a fluidez da textualidade com que buscamos trabalhar, a dissertação se volta para a captura de conexões de sentidos, agenciamentos que – ainda que efêmeros, circunstanciais e permanentemente negociados – podem ajudar a reconstruir o percurso irregular que caracteriza o objeto de estudo como fenômeno sociopolítico. Para traçar este percurso, investimos em uma aproximação do método cartográfico, sugerido por Deleuze e Guattari (1995) e sistematizado por Passos, Kastrup e Escóssia (2010), às noções de rede e de controvérsia elaboradas por Bruno Latour (2012). Nossa proposta é partir das controvérsias que emergem da textualidade configurada entre o blog, a lista de e-mails e o Twitter da Praia da Estação, em uma tentativa de rastrear as conexões em que são agenciados os sentidos que conformam a Praia como um fenômeno sócio-político.

¹ É importante assumir aqui que a pesquisadora que escreve esta dissertação foi muitas vezes banhista na Praia da Estação.

Optamos assim por fazer da pesquisa uma “cartografia das conexões”, tendo como foco vestígios deixados pelos atores envolvidos no processo. A pesquisa parte do objetivo de compreender o modo como a textualidade construída entre os registros textuais encontrados no blog, na lista de e-mails e no perfil do Twitter da Praia da Estação revela o agenciamento de conexões de sentidos em torno da Praia; e em que medida as controvérsias identificadas em meio a essa textualidade atuam na direção da conformação reticular da Praia como um fenômeno sociopolítico.

Partindo da proposta de acompanhar o desenrolar de um percurso, foram selecionados três recortes temporais que compõem o *corpus* desta dissertação. Os períodos foram escolhidos de modo a privilegiar momentos em que as praias estivessem sendo realizadas, tendo em mente a percepção de que o fenômeno se constrói na sobreposição entre a experiência presencial, no espaço da Praça, e as trocas comunicativas realizadas por meio de ambientes midiáticos. O primeiro período de observação compreende os três primeiros meses de atividade dos banhistas nos ambientes midiáticos: os meses de janeiro, fevereiro e março de 2010. O segundo período compreende os meses de dezembro, janeiro e fevereiro de 2011, que marcam a retomada das Praias, com o retorno do verão. O último período reúne os meses de dezembro, janeiro e fevereiro de 2012 – a segunda retomada. Nesses três recortes, buscamos fazer uma textualidade que atravessa e transborda dos três ambientes midiáticos investigados.

A dissertação se estrutura desse modo em quatro capítulos. O primeiro capítulo parte da instabilidade com que a Praia da Estação se apresenta como um fenômeno sociopolítico para propor uma abordagem de pesquisa voltada para os rastros textuais dos banhistas nos três ambientes investigados. Com base em uma pesquisa exploratória, é feita uma descrição do percurso da Praia, chegando à ideia acionada pelos manifestantes de uma “onda”. Posteriormente, são identificados dois eixos de referências também convocados pelos banhistas para caracterizar o fenômeno: as noções de “rede” e “ocupação” – que, articuladas pela mediação simbólica da onda, apontam para uma disputa política que se dá no campo dos sentidos.

O segundo capítulo busca fazer uma leitura da atividade comunicacional dos banhistas nos três ambientes midiáticos, a fim de compreender como se dá o processo de circulação de sentidos na textualidade investigada. Percebe-se uma dinâmica de agenciamento em rede, em que os sentidos associados à praia pelos banhistas escorregam e transbordam de um ambiente

midiático a outro, configurando uma espécie de conversação em rede. O material que analisamos nesta dissertação é assim caracterizado como uma textualidade caracterizada pela constante possibilidade de autorreconfiguração.

No terceiro capítulo, é discutida a proposta de construir a pesquisa como uma cartografia: visada metodológica que orienta não apenas os movimentos de análise, mas a elaboração da dissertação como um todo. Buscando uma sintonia em relação à indisciplina e à instabilidade do objeto de pesquisa, será desenvolvida a ideia de uma cartografia das conexões, a partir do mapeamento e da observação de controvérsias na textualidade compreendida entre o blog, a lista de e-mails e o perfil do Twitter da Praia da Estação. O capítulo apresenta também os operadores e procedimentos de análise.

O último capítulo apresenta o resultado da cartografia das conexões. Aqui são realizadas as análises que vão constituir o “mapa móvel” previsto no capítulo anterior. A análise parte da identificação, nos períodos que compõem o corpus, de episódios que revelem controvérsias que atravessam e tensionam o percurso da Praia como um fenômeno sociopolítico. No esforço de composição da rede que articula a Praia da Estação, a proposta é traçar linhas, vetores e movimentos articulados pelas controvérsias, buscando fazer emergir conexões de sentidos que caracterizam a Praia como fenômeno sociopolítico.

1. VESTÍGIOS DE UM OBJETO INDISCIPLINADO

A Praia é um “movimento” ou “Desobediência Civil massiva”? Se restringe à Praça da Estação? É “movimento de artistas”? E quem não é artista, tá nessa de espectador? É festa? É movimento rizomático de pessoas e coletivos que questionam os usos pré-estabelecidos dos espaços da cidade através de ação direta? Questiona o urbanismo utilitarista e higienizador da prefeitura²? É piquenique libertário? Vai ser usado como mais uma arma da Prefeitura de higienização do hipercentro, trocando os tradicionais habitués da Praça por esta gente rica, elegante e não tão sincera? A Praia não tem líderes, ou pelo menos nunca teve, como se dá a representatividade? Ou não se dá? Mas e aí, como resolvemos reuniões, audiências e tralalá? é intervenção artística? é subversão pelo prazer da subversão? é reinvenção? do quê? pra quem? é modinha /hype/?³

Como objeto, a Praia da Estação insiste em ser sujeito. A Praia é movimento social? Intervenção urbana? Ativismo? Evento cultural? Rede de ação direta, irrupção do inesperado, ilusão de participação? Pouco comportada, muito escorregadia e avessa às classificações fáceis, ela se recusa a ser compreendida de forma taxativa: assume uma multiplicidade de formas, ao mesmo tempo em que não se filia a nenhuma delas. Por mais que seja possível identificar nas práticas que a delineiam semelhanças e aproximações com outras formas contemporâneas de engajamento e mobilização, a Praia parece sempre escapar das tentativas de aprisionamento conceitual. É objeto em movimento – um movimento descontínuo, desordenado, fluido. Uma praia na praça não poderia, afinal, ser qualquer coisa de muito coerente.

É por isso que, neste capítulo, o leitor não vai encontrar uma definição canônica que enquadre as práticas dos banhistas de Belo Horizonte ou uma perspectiva conceitual que norteie *a priori* o modo de olhar para o objeto. Em um movimento contrário, a tentativa aqui é outra: apanhar a Praia pelas bordas, construindo, a partir dos rastros deixados pelos manifestantes, uma caracterização do que quer que seja que eles estejam fazendo. É a partir dessa primeira recuperação que algumas pistas teórico-conceituais serão acionadas como questões-chave, em uma articulação conceitual das referências convocadas pelos banhistas para conferir sentido à Praia. A fluidez do objeto, portanto, deve se aplicar também ao gesto de apreendê-lo: a perspectiva conceitual que delineia nossa abordagem é acionada na medida da captura desses vestígios, em um movimento constante em direção à empiria.

² Entre as práticas de deboche utilizadas pelos atores que postam e comentam no blog, está a utilização do termo “prefeitura” para se referir à Prefeitura.

³ Retirado dos comentários da postagem “E pra você, meu irmão, o que é a Praia da Estação?”, de 20/12/10, no blog Praça Livre. Disponível em <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/12/20/pra-voce-o-que-e-a-praia-da-estacao/> (Acesso: 13/06/12)

E qual a diferença, afinal? Em primeiro lugar, muda a direção da escrita: primeiro os atores, depois os autores, até que ambos possam se aproximar organicamente. Mas, além disso, muda também o sentido de escrever: este capítulo não busca olhar para a Praia pelo prisma de uma moldura teórica. A ideia é, por outro lado, construir uma forma de dizer do fenômeno ao qual esta dissertação se debruça partindo dos vestígios deixados por suas próprias práticas – registros fragmentados, dispersos no emaranhado simbólico que se constitui entre a praça física e seus espaços midiáticos de articulação. Esse gesto vai percorrer toda a dissertação, em um processo de escrita que busca acompanhar o movimento do objeto.

Para isso, a primeira seção do capítulo busca trazer uma descrição detalhada da forma como se desenvolveu a Praia da Estação, elaborada a partir de uma pesquisa preliminar no blog Praça Livre, na lista de e-mails e no perfil do Twitter. O objetivo, nesta etapa, é chegar a uma caracterização geral do percurso que a Praia seguiu, reconstituindo o fenômeno por meio dos registros textuais deixados nos três ambientes. A caracterização é o ponto de partida para a segunda seção, que consiste em uma tentativa mais específica de identificar, ainda nas pistas deixadas na textualidade aqui investigada⁴, eixos de referência acionados pelos banhistas. Partindo de recorrências encontradas nas discussões, postagens, tweets e comentários dos manifestantes⁵, foram definidos dois eixos centrais: a *ocupação dos espaços urbanos* (relacionada a um gesto simbólico de apropriação) e a *articulação em rede* (associada a princípios como a horizontalidade e o anonimato). Entendidas como molduras semânticas que emergem da Praia, veremos como essas ideias agregam camadas de significação aos processos que envolvem o fenômeno em estudo. O objetivo dessa segunda etapa será construir, com base nas conexões estabelecidas pelos manifestantes, uma rede de referências, buscando esboçar uma perspectiva conceitual que possa ajudar a compreender a natureza sociopolítica da Praia da Estação.

⁴ No segundo capítulo, veremos como a ideia de textualidade caracteriza uma rede textual composta de fragmentos textuais provenientes de cada um dos ambientes midiáticos em estudo.

⁵ Mais adiante neste capítulo será discriminada a forma como essa triagem foi realizada.

1.1 “Sob os tijolos, a praia”⁶

Oficialmente denominada Praça Rui Barbosa, a Praça da Estação está localizada na região do hipercentro de Belo Horizonte, em uma esplanada construída na interseção entre a Rua da Bahia e as ruas Guaicurus e Caetés, atravessada pela Avenida dos Andradas e margeada, ao fundo, pelas linhas de trem e metrô da cidade. O espaço data da época da construção do município e sedia, além da Estação Central do Metrô, o prédio da antiga estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, que abriga hoje o Museu de Artes e Ofícios. Além de sua centralidade geográfica, a Praça da Estação ganhou uma centralidade simbólica ao longo da história de Belo Horizonte, ao tornar-se palco para shows e manifestações culturais e políticas de forma geral.

A partir do fim dos anos 1990, a região do hipercentro é inserida em uma série de iniciativas de requalificação⁷ impulsionadas pelo poder municipal, como o Programa Centro Vivo⁸. Em agosto de 2004, como parte desse programa, durante o primeiro mandato de Fernando Pimentel⁹ na gestão de BH, a prefeitura entregou o resultado de um conjunto de reformas na esplanada da Praça da Estação. De acordo com uma nota publicada no Diário Oficial do Município¹⁰, as obras tiveram como objetivo instalar uma “infra-estrutura adequada pra manifestações culturais com grande aglomeração de pessoas” e “melhorar as condições de acesso à Estação Central do Trem Metropolitano”. É possível observar como, desde então, o processo de significação da Praça na cidade (seja pelo discurso oficial da PBH ou dos próprios moradores) é acrescido de uma nova camada simbólica, configurando a “requalificação” de um antigo cartão postal.

Cinco anos depois da reforma, em dezembro de 2009, o então prefeito Marcio Lacerda

⁶ De acordo com a Internacional Situacionista (2004), a frase era pichada nos muros parisienses durante os levantes juvenis de maio de 68 (“*Sous les pavés, la plage*”). Uma adaptação (“Debaixo da praça, a praia”) foi utilizada em um dos textos sobre a Praia publicados pelo Coletivo “Conjunto Vazio”, ator bastante presente nas manifestações na Praça e na lista de e-mails. Disponível em: <http://conjuntovazio.wordpress.com/2010/01/21/praiada-estacao/> (Acesso: 21/05/12)

⁷ Para um panorama desse tipo de iniciativas, ver Vilela (2006).

⁸ Segundo o site da PBH, o programa consiste em um “conjunto de obras e projetos sociais da Prefeitura que prevê a requalificação de espaços coletivos da área central de Belo Horizonte”. Ver: [\(http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.doevento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=politicasurbanas&tax=16903&lang=pt_br&pg=5562&taxp=0&\)](http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.doevento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=politicasurbanas&tax=16903&lang=pt_br&pg=5562&taxp=0&). Acesso: 07/05/12)

⁹ Como vice do então prefeito Célio de Castro, eleito pelo PSB nas eleições municipais de 2000, Pimentel assumiu definitivamente o comando do executivo municipal pelo PT em 2004, devido ao afastamento de Castro por motivos de saúde. Pimentel foi reeleito no mesmo ano, permanecendo como prefeito de Belo Horizonte até a eleição de Marcio Lacerda pelo PSB em 2008 – da qual foi um forte apoiador.

¹⁰ Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=914362>. (Acesso: 20/12/11).

publicou o decreto nº 13.798¹¹, proibindo a realização de “eventos de qualquer natureza” na Praça da Estação. Duas justificativas foram apontadas no texto do documento: a dificuldade em limitar o número de pessoas e garantir a segurança pública; e a depredação do patrimônio verificada nos últimos eventos realizados. Como resposta à proibição, ainda no mês de dezembro, começou a circular pela Internet uma chamada anônima para o protesto “Vá de branco”, que convocava os cidadãos belo-horizontinos a se manifestar – devidamente trajados de branco – contra a proibição. A convocação era enviada por e-mail, a partir do endereço “vadebranco@gmail.com”, criado para a ocasião.



Fig. 01 – Imagem anexada aos convites para o “Vá de Branco”.

As chamadas virtuais remetiam ao blog “Vá de branco”¹², hospedado na plataforma Blogspot, cujas primeiras postagens datam de 14 de dezembro de 2010 – cinco dias após a publicação do decreto. O vadebranco.blogspot.com.br tem apenas três postagens publicadas (duas de 14 de dezembro de 2009 e uma de 18 de janeiro de 2010), trazendo alguns modelos de divulgação da convocação disseminada por e-mail e discussões acerca do decreto criado, seguidas por uma série de questionamentos:

Porque a Secretaria de Segurança Patrimonial não propôs um debate com a população sobre a depredação na Praça da Estação? Porque os eventos foram proibidos na Praça da Estação e não na Praça do Papa? Porque poucas pessoas entram no Museu de Artes e Ofícios que fica na Praça da Estação? Qual é o maior espaço central para eventos gratuitos em Belo Horizonte? Quais foram as

¹¹ Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1017732>. (Acesso: 21/05/12).

¹² <http://vadebranco.blogspot.com.br/> (Acesso: 21/05/12)

depredações dos últimos eventos? Será que a decisão tem a ver com as discussões sobre a mudança do carnaval de Belo Horizonte da via 240 para a Praça da Estação?¹³

O “Vá de branco” surge de um contexto de debates sobre a cidade em que grupos diversos já se encontravam articulados em críticas contra sua atual gestão. É o caso, por exemplo, do Espaço Ystilingue, em que se reuniam (e ainda se reúnem) jovens de diversos coletivos libertários de Belo Horizonte para promover debates, oficinas, ações de ativismo e outras iniciativas, em muitos momentos ligadas à discussão sobre a temática urbana e o poder municipal¹⁴ (OLIVEIRA, 2012). Outro exemplo é o blog “Pedreira na Vidraça”, assinado por pelo menos dois usuários¹⁵, que reúne uma série de textos com críticas à gestão de Belo Horizonte. O blog foi um dos espaços centrais de divulgação do encontro e traz também alguns registros da ação, assim como diversos registros da Praia da Estação.

A convocação do “Vá de Branco” foi respondida por um grupo de cerca de 50 pessoas¹⁶, entre membros de movimentos anticapitalistas, anarquistas e libertários, pessoas ligadas ao segmento da cultura e interessados de forma geral¹⁷, que se reuniram em trajés alvos no dia 7 de janeiro na Praça da Estação. O encaminhamento central do encontro foi a articulação de uma frente apartidária de resistência ao decreto, que foi chamada de Praça Livre. Para articular as ações do recém-criado “movimento”¹⁸, os manifestantes criaram uma lista de e-mails¹⁹, reunindo os endereços dos presentes no Vá de Branco. Um perfil no Twitter²⁰ (o @pracalivrebh) também foi criado, para divulgação e compartilhamento dos questionamentos e ações gerados pelo grupo.

A primeira mensagem da lista data de 12 de janeiro, enviada pelo usuário Omar Hashshashin com o assunto “Textos sobre a praça”, e consiste em um teste de funcionamento da lista, com links para dois textos publicados nos blogs “Dia sem compras” e “Pedreira na

¹³ Retirado de: <http://vadebranco.blogspot.com.br/2009/12/entenda-o-decreto-que-proibe-eventos-na.html> (Acesso: 21/05/12)

¹⁴ É o caso, por exemplo, da mesa de debates “Cidade Situada”, realizada em diversas edições abordando temas relacionados à questão urbana, como ocupações, mobilidade e intervenções (OLIVEIRA, 2012).

¹⁵ A maior parte das postagens é assinada pelos usuários “Bruno Vieira” e “Chops”. Bruno é também, como veremos no próximo capítulo, um dos usuários mais ativos na lista da Praia.

¹⁶ Dados do blog Pedreira na Vidraça. <http://pedreiranavidraca.blogspot.com.br/2010/01/va-de-branco-o-day-after.html> (Acesso: 26/06/12)

¹⁷ Dados levantados em uma recente discussão na lista de e-mails, provocada por questões de uma estudante que fazia um trabalho universitário sobre a Praia.

¹⁸ A palavra “movimento” aparece aqui sob rasura por fazer parte de uma discussão importante (e nunca resolvida) entre os banhistas, sobre assumir ou não a Praia da Estação como um movimento social. Nesse ponto, em que os desdobramentos do “Vá de Branco” ainda eram bastante turvos, alguns registros apontam a criação de um movimento – sem, no entanto, que isso fosse entendido como um consenso.

¹⁹ https://groups.google.com/group/pracalivre_bh?hl=pt-BR (Acesso: 21/05/12)

²⁰ <http://twitter.com/#!/pracalivrebh> (Acesso: 21/05/12)

vidraça”²¹ sobre o decreto. No dia 13 de janeiro, em meio à conversação que começava a se desenvolver na lista, é divulgada a chamada para uma nova ação de contestação ao decreto: a “Praia na Praça da Estação”. O convite consistia, assim como na ocasião do Vá de Branco, em uma convocação anônima, que chamava os cidadãos a ocupar a Praça “de maneira divertida, lúdica e aparentemente despreziosa”²², transformando o espaço em uma praia. O tom da manifestação é bastante explícito: trata-se de um protesto festivo, em que os manifestantes são incitados a trazer roupas de banho, instrumentos de percussão e viola para debater sobre a proibição do prefeito. Os links encaminhados à lista têm origem em dois endereços específicos, que parecem ter sido os primeiros espaços a abrigar o convite à Praia. O Centro de Mídia Independente²³, é um deles, e será usado em diversas ocasiões, para divulgar convites, convocar, e registrar as ações ligadas à Praia. O blog do Coletivo “Conjunto Vazio” é o outro endereço. Como veremos no Capítulo 4 desta dissertação, Paulo Rocha, um dos dez usuários mais ativos na lista de e-mails, é integrante do Coletivo – que vai figurar em diversas das discussões geradas nos ambientes midiáticos.



Fig. 02: Imagem anexada ao convite para a primeira Praia da Estação.

Esse convite para a Praia chega em três mensagens diferentes na lista de e-mails. A

²¹ A mensagem traz os seguintes links: <http://diagemcompras.wordpress.com/2010/01/12/cidade-situada-informativo1/> e <http://pedreiranavidraca.blogspot.com/> (Acesso: 30/05/12)

²² Retirado de: <http://conjuntovazio.wordpress.com/2010/01/13/prai-na-praca-da-estacao/> (Acesso: 21/05/12)

²³ O CMI é a versão brasileira do projeto Indymedia, criado em meados dos anos 90 durante as manifestações anti-globalização corporativa ao redor do mundo. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2010/01/462765.shtml> (Acesso: 21/05/12)

primeira vem do usuário Bernardo de Souza, como uma das respostas ao primeiro e-mail de Omar. Não se trata de uma chamada para a articulação da ação, mas sim de um comentário sobre a circulação da convocação no Twitter, sobretudo a partir do perfil da banda Black Sonora²⁴. Bernardo pondera que novamente a convocação não vem assinada pelos organizadores, mas se diz “satisfeito em saber que iniciativas contra a medida da Prefeitura estão se replicando²⁵”. O segundo convite vem alguns minutos depois, em uma mensagem enviada pelo usuário Paulo Rocha com o assunto “DIVULGUEM: Praia na Praça da Estação”, desvinculada da conversa anterior. Essa mensagem consiste no convite propriamente dito, com a imagem acima colada no corpo do e-mail. A terceira mensagem vem do usuário Terça Feira, como compartilhamento de um e-mail recebido.

Importante perceber como a ideia da Praia não foi gestada na lista, apenas divulgada pelas mensagens de Bernardo, Paulo e Terça Feira. Nas respostas a essas mensagens, os próprios membros da lista demonstram não saber de onde teria vindo a convocação. No entanto, é curioso como a ação ganha total adesão dos usuários, sendo imediatamente apropriada como uma tarefa por aqueles que já estavam inscritos na lista. A partir deste momento, a lista passa a funcionar em função da Praia: seguem-se discussões sobre a produção de um release²⁶ a ser enviado para a imprensa e a realização de uma oficina de cartazes para o dia da Praia.

Desde essas primeiras mensagens, é possível perceber como divergências entre os manifestantes vão estabelecer uma tensão permanente no que diz respeito à configuração sociopolítica da Praia – que será marcada por controvérsias²⁷. A discussão em torno de fazer ou não um release para a ação, por exemplo, passa por questões que serão levantadas muitas vezes no decorrer do protesto, sobretudo ligadas à recusa de um sistema de representação e à consequente demanda pela ausência de lideranças nas ações da Praia da Estação. Se, de um lado do debate, muitos manifestantes reivindicavam a necessidade de conferir maior visibilidade para a Praia, como forma de chegar a outros segmentos da população, de outro, o ato de escrever um release é entendido como uma tentativa de homogeneizar a diversidade de perspectivas ali presentes, atribuindo qualidades a um movimento (ou a um coletivo) que sequer existia. Na mesma cadeia de e-mails, podem ser destacados alguns trechos de mensagens que mostram essa tensão:

²⁴ @BlackSonora, banda do cenário independente de Belo Horizonte

²⁵ Retirado de e-mail enviado à lista.

²⁶ Esse episódio será retomado no quarto capítulo desta dissertação.

²⁷ A ideia de controvérsias, desenvolvida no terceiro capítulo, será um conceito central para a metodologia que desenvolvemos neste trabalho.

isso soa, para mim, como a reprodução de uma mentalidade representativa separada que está em consonância com as políticas de representação dos partidos ou dos especialistas da política. estamos querendo, mais uma vez, dar UM nome e UMA cara a um tal "movimento" que, na prática, sequer existe. (Omar Hashshashin)²⁸

Mais do que isso, o que se tem mostrado é ansia de alguns de já tomarem a frente dessa movimentação. Vocês querem ser líderes? É isso?! (Paulo Rocha)

Eu sou da seguinte opinião: já somos um coletivo formado. Não temos do que nos esconder, e fazer como no Vá De Branco, que até hoje não sabemos quem começou. [...] Não é para expor ninguém, mas para dar crédito ao movimento. Movimentos anônimos costumam não ter o devido crédito. Já que somos um coletivo - o Coletivo Praça Livre - por que manter o anonimato? (Bruno Vieira)

you vai me desculpar de novo, Bruno: não somos um coletivo. isso não passa de uma aglomeração de gente em torno de um problema comum (que é interpretado de várias formas). isso que você está tentando fazer se parece muito com o aparelhamento normalmente praticado pelos militantes profissionais. tome cuidado, pois isso pode se tornar rapto a qualquer hora! (Omar Hashshashin)

considero positiva a proliferação de vozes e a não-união ideológica do movimento (ou do coletivo) (ou do movimento), e talvez nesse momento não precisemos mesmo de líderes, uma vez que cada um de nós tem legitimidade para se pronunciar como quiser. (Luís Gabriel)

Ainda que não se chegue a um consenso, com algumas poucas exceções, o anonimato e a horizontalidade são reforçados como valores importantes tanto para aqueles que se posicionam pró-release, como para aqueles que são contra. Na próxima seção, essas questões serão retomadas, confluindo para um importante eixo de significação da Praia que pode ser identificado como uma espécie de ideal reticular.

A Praia é enfim realizada no sábado seguinte, dia 16 de janeiro de 2010, a partir da divulgação anônima de convites disparados pelo endereço “pracalivrebh@gmail.com” e por

²⁸ Um mesmo padrão gráfico será mantido para apresentar citações de mensagens trocadas na lista de e-mails, com o texto justificado à esquerda. Para citações do blog, o texto será justificado à direita. Citações de tweets serão centralizadas. Todos os trechos reproduzidos acima são referentes à cadeia de e-mails trocada a partir de 14 de janeiro de 2010, e estão disponíveis na lista de e-mails.

endereços de e-mails individuais, compartilhados pelo perfil @pracalivrebh no Twitter e publicados em diversos blogs da cidade. Munidos de trajes de banho, guarda-sol e caixas de isopor com cerveja, cerca de 300 manifestantes²⁹ ocuparam a Praça para protestar contra o decreto do prefeito. Como as fontes da praça não foram ligadas, os presentes dividiram o aluguel de um caminhão-pipa, que já estava de sobreaviso para representar o mar e refrescar os banhistas de BH.



Fig. 03 – Banho de caminhão-pipa em Praia realizada em 23/01/10. (Imagem: Luiz Navarro)

As Praias se repetiram semanalmente aos sábados até o mês de maio, sempre divulgadas via Internet. A média de público variava bastante: enquanto algumas edições reuniram 300 pessoas, em outras o público se resumia a 40 banhistas, de acordo com registros do blog Praça Livre. Os motivos da oscilação podem estar relacionados ao período de férias, à chegada do carnaval ou, em alguns momentos, ao arrefecimento das discussões sobre a Praia (seja nas reuniões presenciais ou nos ambientes midiáticos relacionados à manifestação). Ainda que a manifestação tivesse se tornado recorrente, não se chegou a um consenso acerca de sua configuração sociopolítica, para além da aglomeração de pessoas em torno de um mesmo problema – a resistência ao decreto como forma de reivindicação pela retomada de um espaço público da cidade. O mais próximo de uma definição consensual a que se chegou, na lista de e-mails, foi uma analogia a uma “onda”, uma agregação espontânea que assume

²⁹ Dados publicados em blogs que apoiaram a causa (<http://pedreiranaavidraca.blogspot.com.br/2010/01/praiada-estacao.html>) e no jornal Hoje em Dia (<http://www.hojeemdia.com.br/cmlink/hoje-em-dia/minas/manifestantes-fantasiaram-para-debochar-da-lei-que-veta-ato-publico-na-praca-da-estac-o-1.64878>). Acesso: 21/05/12.

diferentes contornos com o tempo. Mais adiante neste capítulo, tomaremos a onda como um elemento articulador dos dois eixos de referências dos quais vamos partir para caracterizar a Praia da Estação. Mesmo sem definir precisamente o que seria “uma onda”, aos poucos os manifestantes passam a adotar o termo para definir a Praia, como se pode perceber nas mensagens abaixo:

calma cara, o que está acontecendo não é um movimento, não é um coletivo nem nada disso. É uma onda, uma agregação espontânea a partir de coisas que vocês ou alguém disparou. [...] a questão é que neste ponto a coisa é indefinível e inluderável. Tentar definir demais as coisas pode exatamente sufocar a energia que esta movimentação está despertando nas pessoas, por razões que estão muito longe de cínicas. (Miguel, em uma das respostas à discussão supracitada acerca do release)

Sem querer ser chato com a questão 'conceitual' mas movimento parece que há um discurso único e já ficou MUITO claro que não existe, tem uma pluralidade enorme tanto de discursos quanto de opiniões e vontades que querer dar um nome ou um carte de movimento não vai conseguir agrupar... já foi muito falado aqui, mas "onda" parece ser um termo muito mais condizente (e por que não, lúdico e bem humorado). (Paulo Rocha, em uma discussão posterior sobre responder a um contato com a Rádio Itatiaia)

Gosto dessa idéia de "onda", como foi dito num e-mail anterior. Pode ser um simbolismo qualquer, mas pode ser dito que trata-se de uma manifestação contra a onda de calor, ou a onda de proibições de fontes de água nas praças públicas (ou proibições em geral que assolam a humanidade desde sempre :/), onda de Belo Horizontinos alucinados com praia... (Támas Bodolay, em resposta a uma cadeia de e-mails em que foi pautada a relação da Praia com a grande mídia)

Os manifestantes organizaram também, ainda em 2010, duas edições do chamado “Eventão de qualquer natureza”, evento festivo que desafiava a proibição com a realização de shows, oficinas e atividades culturais em geral no espaço da Praça, sempre com grande adesão de público (a terceira edição, em 2011, chegou a reunir 600 pessoas). Sobretudo em sua primeira edição, realizada em 6 de março de 2010, o Eventão revela um apelo ao ideal de autogestão: é construído um wiki³⁰ para organizar o evento, as próprias bandas se articulam

³⁰ Um wiki é um conjunto de páginas na internet que pode ser acessado e constantemente re-editado por qualquer usuário. O wiki do Eventão está disponível em <http://eventao.wikispaces.com/> (Acesso: 26/06/12)

para reunir os equipamentos necessários e são incentivadas iniciativas autônomas para arrecadação de dinheiro (como a confecção de uma bolsa térmica para revenda e a venda de latinhas de cerveja no local). Os Eventões foram acompanhados de perto pela Polícia Militar e pela Guarda Municipal, que tentavam dissuadir os manifestantes a ocupar o local, tendo a proibição como horizonte. Em virtude do decreto, o primeiro Eventão teve que ser deslocado para o espaço debaixo do Viaduto de Santa Tereza, do outro lado da esplanada da Praça. Em protesto, os banhistas ocuparam a Avenida dos Andradas, marchando até o local permitido.



Fig. 04 – Segundo *Eventão de Qualquer Natureza*, realizado em 8 de maio de 2010. (Imagem: Tamás Bodolay)

O chamado para a primeira edição do Eventão trazia como título a frase: “A onda não morre na Praia”, como referência tanto à configuração disforme da manifestação, quanto à necessidade de se ocupar a Praça de diferentes maneiras. Os Eventões mostram como a Praia da Estação tornou-se maior do que a ação propriamente dita, tornando-se referência para uma série de práticas – que ainda que não fossem tocadas exclusivamente pelos banhistas, alimentavam-se da força simbólica da manifestação, como saraus, shows e atividades culturais organizadas por coletivos autônomos no espaço da Praça. Além dos eventos festivos, foi organizado um abaixo-assinado contra o decreto, que circulou pelas Praias com intenção de embasar uma ação civil pública. Por intermédio do vereador Arnaldo Godoy (PT), foi também convocada uma audiência pública na Câmara Municipal, realizada no dia 24 de março, com a presença de mais de 100 pessoas. Mais do que gerar encaminhamentos efetivos, a audiência resultou em visibilidade para a movimentação. A Praia foi bastante noticiada na

imprensa local (nos jornais O Tempo, Estado de Minas e Hoje em Dia, por exemplo) e chegou a sair no Blog “Luís Nassif Online”³¹, (cuja discussão nos comentários contou com a participação do prefeito Marcio Lacerda³²).

As ações eram coordenadas por meio de reuniões presenciais realizadas às quintas-feiras à noite na Praça da Estação, entremeadas por discussões em três ambientes midiáticos distintos: além dos já mencionados (perfil no Twitter e lista de e-mails), foi criado também um blog, algumas semanas depois³³. Interessante destacar como é difícil dissociar as dimensões *online* e *offline* do processo. Ao mesmo tempo em que grande parte da organização, discussão e registro das manifestações e reuniões é realizada nesses ambientes midiáticos, o vínculo presencial é inerente à mobilização: sem a praça, não há Praia. Embora a todo o tempo os banhistas ressaltem a necessidade de não se ater ao que chamam de “virtualidade”, chamando para os processos presenciais, boa parte das discussões são realizadas no âmbito da lista, do blog e do perfil no Twitter. As Praias parecem ser construídas justamente na sobreposição entre essas dimensões, como um processo que é midiático e presencial, e que revela como essas dimensões tornam-se híbridas a partir das práticas dos manifestantes.



Fig. 05 – Além das reuniões presenciais, eram organizadas rodas de conversa nas primeiras edições da Praia, para discutir sobre o decreto e as possibilidades de ação. (Imagem: Flávia Mafra)

³¹ Assinado pelo jornalista Luís Nassif e famoso na blogosfera brasileira, o blog costuma ter um grande volume de acessos e comentários nos artigos postados. Disponível em: <http://www.advivo.com.br/luisnassif> (Acesso: 17/06/12)

³² <http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/marcio-lacerda-e-o-movimento-da-praia> (Acesso: 20/12/11).

³³ O blog do “Vá de Branco”, primeiro espaço de agenciamento da manifestação, deixou de ser atualizado ainda em janeiro de 2010.

Do outro lado da arena, a PBH acompanhava o desenrolar das Praias com uma série de medidas institucionais. No dia 29 de janeiro de 2010, duas semanas após a realização da primeira manifestação, o prefeito publicou um novo decreto³⁴ (nº 13.863), instituindo a Comissão Especial para a Regulamentação de Eventos na Praça da Estação, composta por representantes de órgãos e secretarias do município com o objetivo de discutir parâmetros para a realização de eventos no local. Depois de mais de três meses de trabalhos, a síntese das discussões da Comissão foi publicada em maio, na portaria 02/2010³⁵, que define critérios e estabelece regras para a utilização da Praça da Estação, como o cercamento do espaço da praça, a limitação do número de eventos e participantes e a cobrança de um valor caução, para o caso de danos ao patrimônio público. Com as novas decisões, o decreto inicial é revogado³⁶. Todas essas decisões repercutem em intensa discussão e novas ações, por parte dos banhistas. À criação da Comissão, seguiu-se um intenso debate sobre reivindicar ou não a participação de membros da sociedade civil – que culminou na decisão de não legitimar as decisões tomadas naquele espaço. Embora representem o fim do decreto, as decisões descritas na portaria 02/2010 também não agradam os manifestantes. Ainda que grande parte deles reconheça a necessidade de alguma regulamentação, o cercamento da praça e a cobrança para o uso são associados a práticas de fechamento e negação do espaço público, fortemente rechaçadas.

Ainda em 2010, em meados de junho, surge uma convocação para uma reunião a portas fechadas na prefeitura, com a presença de Marcio Lacerda. Há duas mensagens distintas na lista que trazem essa convocação³⁷. A primeira é enviada pela usuária Érica Espechidt, no dia 15 de junho. Érica diz que proposta de reunião havia sido comunicada pelo Fórum Nova Cena, que fora contatado pela Fundação Municipal de Cultura em busca de “uma referência do movimento da Praia da Estação”. A segunda é enviada pela usuária Janaína Macruz dois dias depois, em 17 de junho de 2010. Janaína diz ter sido contatada pelo vereador Arnaldo Godoy. As duas mensagens são respondidas por banhistas diversos, até que a discussão se concentra na mensagem de Janaína. Depois de intensa discussão, oito banhistas compareceram à reunião no dia 22 de junho (cujo áudio foi disponibilizado para download no

³⁴ Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1025770> (Acesso: 21/05/12)

³⁵ Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1031525> (Acesso: 21/05/12)

³⁶ *O decreto que substitui o primeiro está disponível em:* <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1031517>. (Acesso: 21/05/12)

³⁷ Pelos rastros textuais que podem ser encontrados na lista de e-mails, não é possível saber ao certo quem convocou a reunião, se essa era uma demanda dos próprios banhistas ou partiu da PBH.

servidor Rapidshare³⁸). Nas falas do prefeito, é possível perceber motivos que não tinham vindo a público até então, como a ameaça da empresária Ângela Gutierrez de fechamento do Museu de Artes e Ofícios devido à alegada depredação. Além disso, foi apontado também como causa da proibição o aumento significativo do número de eventos evangélicos na Praça, que reuniam milhares de pessoas a cada fim de semana. No entanto, apesar do áudio ter sido postado no blog da Praia, a reunião não teve grandes repercussões nas trocas virtuais entre os banhistas. O assunto não resultou em reverberação nos comentários do blog, no perfil do Twitter ou nas conversas da lista de e-mails.

Ainda em 2010, a proximidade do inverno, acompanhada de um esvaziamento dos encontros presenciais, parece ter esfriado os debates nos três ambientes. Pode-se perceber como a perspectiva simbólica construída em torno da ideia de Praia, envolvendo questões como o sol, o calor, o verão, sofre um baque com a passagem das estações, como é reforçado por alguns banhistas:

Uma conversa que não rolou no bate papo mas que acho que temos que começar a pensar é o General Frio. Não podemos cometer o mesmo erro de Napoleão e ser vencidos pelo inverno. E é pouco provável que a Praia lote com este friozinho que tomou BH de assalto. Talvez fosse hora de nos reinventarmos. Sejamos criativos! (Matheus Machado, ao enviar um relato sobre uma reunião presencial esvaziada)
a Praia era onda de verão, não? aliás, de férias. se anda ficando falha, talvez seja porque houve uma mudança de interesses diante dela. já passa a hora de pensarmos outros modos, colocarmos novas formas de ocupação em prática. (Janá Ana'j, como resposta ao e-mail de Matheus)

O trânsito de mensagens em todos os ambientes sofreu uma queda depois do segundo Eventão, realizado no dia 8 de maio de 2010. Ainda em maio, as praias deixaram de acontecer. Maio foi também, como já dito acima, o mês em que o decreto inicial foi revogado. O movimento nos três espaços midiáticos fica bastante contido até setembro³⁹, quando a discussão é reanimada pelo assunto do Festival Transborda. Nessa retomada do debate entre os banhistas, fica bastante clara uma tomada de posição que já se prenunciava desde o início, que busca ao mesmo tempo ampliar as reivindicações da Praia para além do decreto e

³⁸ A postagem do blog está disponível em: <http://pracalivrebh.wordpress.com/2011/01/24/audio-da-reuniao-com-a-prefeitura/> (Acesso: 21/05/12). O áudio da reunião está disponível para download em: https://rapidshare.com/#!download|790p12|401822442|Audio_Prefeitura.WAV|29507|R~7BF4F363FB669928A80000E08FC4B65D|0|0 (Acesso: 21/05/12).

³⁹ No próximo capítulo, a dinâmica da circulação de sentido entre os três ambientes midiáticos será retomada de modo mais detalhado.

multiplicar as formas de ação para além da ocupação praieira em si. Como se pode ver nos trechos abaixo, se já era possível observar esse posicionamento em e-mails e postagens de forma isolada, a partir de então a “agenda oficial” da Praia da Estação parece ser ampliada, de forma geral.

Sobre isso - continuando a discussão realizada ontem na praça da estação e batendo na tecla em que muitos já bateram - acho que o movimento tem que identificar o que faz dele um conjunto de pessoas com um objetivo comum. Eu, particularmente, gostaria que o "objetivo comum" não fosse apenas derrubar o decreto, mas também discutir todas as outras ações da prefeitura relacionadas ao *espaço público. *Não sei se aí estaria ampliando o debate mais do que deveria, mas eu não sou *apenas* contra o decreto, sou contra várias outras ações da prefeitura em relação ao espaço público - por isso, eu gostei muito dos textos que estão no blog. (Érica Espechidt, em resposta a um relato da primeira reunião presencial, em janeiro de 2010)

Sem querer ser pretensioso (e talvez até inapropriado nesse momento), deixando claro que acho sim que temos de nos preocupar com o decreto que como já foi falado parece ser muitas vezes a única coisa que nos une (além do divertimento, claro) mas também acho que devemos colocar mais fichas nas apostas, sermos mais pretensiosos em nossos "discursos" e discussões. Como já dito também muitíssimas vezes, o decreto da praça é só mais uma medida que está entre várias outras que também expropriam a cidade do seu uso por pessoas, ou seja, talvez deveríamos começar a pensar e discutir se há outras alternativas de ocupação/reinvidicação que saiam da praça... claro, se isso for de interesse também... mas acho que temos de aproveitar esse embalo de discussões e principalmente o animo das pessoas em torno dessas questões! (Paulo Rocha, em uma cadeia de e-mails do final de janeiro de 2010)

o espírito banhista que assombra a cidade parece que tá voltando. [...] Apesar do clima estar exigindo umas praias, que devem acontecer, muitos banhistas tem pensado que com o novo formato do licenciamento da Praça a praia tem pouco a fazer, daí a idéia de pensar em inovações para possíveis intervenções. A idéia é usar o blog e a lista Praça Livre para continuar articulando iniciativas diversas sobre a mesma temática do mote praiano Ocupa a Cidade. (Matheus

Machado, ao relatar uma reunião presencial no mês de setembro).

A ideia de “ocupação” da cidade, que Matheus chama de “mote praiano” parece mesmo delinear todo o percurso que caracteriza a Praia da Estação⁴⁰. O mote é invocado com recorrência no blog, no perfil do Twitter e na lista de e-mails, tendo sido reproduzido também nos materiais de divulgação que foram impressos para a Praia. Dentro dessa ideia, outras ações são pensadas, como “Que trem é esse?”, manifestação festiva itinerante realizada dentro do metrô, na semana do Dia Mundial sem Carros, celebrado em 22 de setembro de 2010; e o “Roupa suja se lava em casa”, intervenção na fachada do Palácio das Artes realizada em novembro do mesmo ano no intervalo da programação do Fórum da XV Cúpula da Rede Mercocidades, um encontro entre gestores e técnicos de mais de 400 cidades da América Latina. No entanto, mesmo que outras ações de “ocupação” dos espaços públicos tenham sido realizadas (e ainda que alguns banhistas tenham indicado um possível esgotamento da Praia diante das novas regras de licenciamento da Praça da Estação, como apontado nos trechos acima), a Praia permanece como referência simbólica em todos os eventos, articulados em grande medida pelos mesmos atores.

Em dezembro de 2010, com o início do verão, as Praias foram retomadas, realizadas até o fim da estação, em março do ano seguinte. Em 22 de janeiro de 2011, um terceiro Eventão foi realizado, em comemoração ao aniversário de um ano da Praia, mais uma vez com grande adesão do público. As discussões no blog e na lista, que haviam diminuído consideravelmente, parecem ter sido reanimadas pelo retorno das manifestações.

⁴⁰ Veremos, na próxima seção deste capítulo, como a ideia de ocupação torna-se um importante eixo de referências para os banhistas da Praia da Estação.



Fig. 06 – No terceiro Eventão, realizado em 22 de janeiro de 2011, os banhistas se encontraram na Praça 7 e desceram até a Praça da Estação levando uma lona azul que representava o mar. (Imagem: Flora Rajão)

Para além da proibição que desencadeou o protesto, é interessante destacar como as questões discutidas no blog, na lista de e-mails e no Twitter apontam para um cenário mais amplo de contestação em Belo Horizonte. É o caso, por exemplo, da mobilização de pessoas ligadas ao setor cultural da cidade em prol da reativação do Festival Internacional de Teatro (FIT), que havia sido cancelado pela Fundação Municipal de Cultura em 2010. Para esse caso, foi realizada uma edição da Praia que marchou rumo ao prédio da Prefeitura e lavou suas escadarias com a água que era jorrada do caminhão-pipa⁴¹. A discussão em torno do carnaval de rua de BH e a formação de novos blocos independentes também se imiscuiu às Praias, sendo que, a partir de 2011, os blocos passaram a ensaiar aos sábados, durante as manifestações. Foi criado ainda um bloco da Praia da Estação, que desfilou em 2010, 2011, 2012 e 2013 durante o carnaval na cidade.

⁴¹ A articulação em prol do FIT contou com inúmeras ações mais amplas, com destaque para o Fórum Nova Cena, que realizou uma série de reuniões e audiências públicas com os gestores de cultura do município. Com a pressão de artistas e público, o Festival foi reassumido pela PBH e aconteceu normalmente.



Fig. 07 – A primeira edição do Bloco da Praia da Estação, em fevereiro de 2010, se apropriou do gesto de lavar as escadarias da prefeitura com a água do caminhão-pipa, repetido nos carnavais seguintes. (Imagem: Flávia Mafra)

Em março de 2011, os banhistas se fizeram presentes na série de manifestações em decorrência do assassinato de dois moradores do Aglomerado da Serra por policiais militares. O episódio foi amplamente noticiado e gerou grande discussão em Belo Horizonte sobre a atuação da polícia e a vulnerabilidade dos moradores de vilas e favelas. Foi realizada uma edição da Praia na Praça do Cardoso, local que havia sido apropriado pela comunidade do Aglomerado da Serra como símbolo dos protestos, em sucessivas manifestações. Outras questões foram constantemente discutidas e articuladas pelos banhistas, como a reivindicação pela manutenção do Duelo de MC's⁴² debaixo do viaduto de Santa Tereza, em contraposição às tentativas da prefeitura de retirar o evento do local; e a defesa das ocupações urbanas da cidade, como Dandara e Zilah Spósito⁴³, ameaçadas de despejo pela PBH. As ações de despejo, obras e outras decisões tomadas pela PBH em decorrência da Copa do Mundo também foram bastante tematizadas pelos banhistas, em articulação com o Comitê Popular dos Atingidos pela Copa (COPAC)⁴⁴.

⁴² O Duelo de MC's é um encontro de HipHop realizado desde 2007 debaixo do viaduto de Santa Tereza, do outro lado da esplanada que compõe a Praça da Estação. O Duelo é realizado semanalmente às sextas-feiras pelo Coletivo Família de Rua, e reúne centenas de jovens.

⁴³ As ocupações Dandara, no bairro Céu Azul (onde vivem atualmente mais de 300 famílias), e Zilah Spósito, na região de Venda Nova (com 39 famílias), são exemplos das comunidades de famílias sem-teto que se apropriam de terrenos ociosos nos espaços urbanos de Belo Horizonte. Articuladas por organizações como as Brigadas Populares, as ocupações tentam resistir à especulação imobiliária e às frequentes ameaças de despejo (que, no caso da Zilah Spósito, resultou em uma ação efetiva da PBH/PMMG). Outras ocupações mais antigas podem ser citadas, como Camilo Torres e Irmã Dorothy, na região do Barreiro.

⁴⁴ O Comitê Popular dos Atingidos pela Copa é uma iniciativa da sociedade civil, articulada entre todas as

A Praia da Estação é também apontada por diversos banhistas e apoiadores como um dos catalisadores centrais⁴⁵ para o desenvolvimento do “Fora Lacerda”, movimento suprapartidário criado em julho de 2011 para fazer frente ao projeto político do então prefeito da cidade. A onda de insatisfação em relação à atual gestão tomou forma nas diversas manifestações da Praia, com referências diretas ao prefeito tanto nos protestos praieiros (nos gritos de guerra entoados durante os banhos coletivos de Caminhão Pipa, ou nas marchinhas improvisadas nos ensaios dos blocos de carnaval na Praia, eram comuns variações sobre o tema: “Ei, Lacerda, seu governo é uma merda”), quanto nos ambientes virtuais (charges, montagens, cartas abertas e discussões diversas trouxeram críticas nominais ao prefeito). Toda essa atmosfera foi canalizada pelo Fora Lacerda, que busca reunir diversos segmentos insatisfeitos com o projeto político do então prefeito. Muitos dos banhistas podem ser identificados no movimento e tanto a lista de e-mails, como o blog e o perfil no Twitter foram utilizados para abrigar discussões e registros e espalhar convites para os eventos do movimento. Além disso, o Fora Lacerda foi um ator fundamental para a retomada das Praias em 2012, convocando eventos como a Praia do Trabalhador, no feriado de 1º de maio, as Praias da Savassi, realizadas a partir do mês de julho, e a Praia dos Sobreviventes, realizada após a data prometida para o fim do mundo, em dezembro de 2012.

Todas essas questões atravessam a discussão que originou a Praia, em uma rede de relações que coloca em discussão questões centrais relativas às práticas de gestão do espaço público, aos direitos humanos e à política (formal e informal) em Belo Horizonte. Tendo em vista a forma como a Praia absorve, se desdobra e se ramifica em outras movimentações políticas, a metáfora da onda, acionada pelos banhistas, pode ser aqui recuperada. A onda parece caracterizar bem essa forma particular com que a Praia da Estação se desenvolve, em um movimento de oscilação e reverberação que traz à tona, em diferentes momentos, questões relacionadas aos espaços públicos, propagando-se tanto em ambientes midiáticos, como nos espaços físicos da cidade. Como dito acima, partindo dos rastros deixados pelos atores na textualidade que emerge entre a lista de e-mails, o blog e o perfil no Twitter, não é possível dizer de um consenso no que diz respeito ao que é a Praia da Estação. No entanto, é possível identificar recorrências interessantes em relação aos quadros de sentido que são acionados pelos banhistas para caracterizar suas ações. Na próxima seção, veremos como podem ser

cidades-sede e voltada para a discussão e pressão dos impactos sociais da Copa do Mundo no Brasil. Disponível em: <http://atingidoscopa2014.wordpress.com/>. (Acesso: 26/06/12)

⁴⁵ No texto “Carnavalizar o urbano – Avante BH!”, publicado no blog do Fora Lacerda em fevereiro de 2012, é possível ver como essa relação é estabelecida, articulada a outras manifestações políticas em Belo Horizonte. Disponível em: http://fora_wp.falasocial.com/?p=3948. (Acesso: 19/08/12)

identificados dois grandes eixos de referências, que aglutinam camadas de significação propostas pelos próprios manifestantes e podem ser articulados pela ideia da onda.

1.2 “A onda não morre na praia”⁴⁶

Na seção anterior, vimos como a Praia da Estação se constitui como uma espécie de onda, caracterizada por um movimento fluido que agrega e dissemina discussões acerca dos conflitos que envolvem os espaços públicos da cidade. Buscando olhar para a Praia mais de perto, o esforço desta segunda seção consiste em lançar foco sobre questões específicas que se insinuaram na pesquisa preliminar realizada para a caracterização construída acima. Partimos de uma triagem de todo o material disponível no blog, na lista de e-mails e no perfil do Twitter⁴⁷, buscando identificar postagens e comentários que trouxessem em si definições, avaliações e interpretações do fenômeno da Praia. Levando em conta recorrências observadas no discurso dos banhistas, chegamos a dois grandes eixos, que julgamos atravessar a textualidade da Praia em direção a duas ideias distintas, porém entrelaçadas: a ocupação dos espaços urbanos e a articulação em rede.

Essas noções serão entendidas aqui como molduras semânticas, eixos que atravessam a textualidade da Praia aglutinando referências e que atuam para conformar o modo como os banhistas significam suas práticas. Partindo das pistas deixadas pelos manifestantes, esta seção busca identificar e caracterizar esses eixos, acionando uma rede conceitual que possa auxiliar na compreensão das conexões de sentido que se estabelecem em torno da Praia. A ideia de emaranhados (mais ou menos instáveis) de sentido, atravessados pelas perspectivas simbólicas da ocupação dos espaços urbanos, da articulação em rede e da metáfora da onda, vai delinear a nossa abordagem ao longo de toda a dissertação, do ponto de vista conceitual e metodológico.

⁴⁶ Como foi dito acima, a frase foi utilizada na chamada para o primeiro Evento de Qualquer Natureza organizado pelos banhistas.

⁴⁷ Metodologicamente, essa pesquisa exploratória se configura como um primeiro passo. No terceiro capítulo, veremos como essa etapa vai se desdobrando ao longo da dissertação.

1.2.1 “*This revolution is faceless*”⁴⁸

O primeiro eixo de referências da Praia da Estação gira em torno de ideais como auto-gestão, anonimato, agregação horizontal e descentralizada e ausência de lideranças, associados à praia pelos banhistas – ainda que, na prática, o que se observa não seja necessariamente essa estrutura. Longe de ser um ponto bem resolvido, esse parece constituir um dos principais focos de tensão entre os banhistas, que retomam a controvérsia da horizontalidade em diversos e-mails, postagens e comentários, sobredeterminando essa questão. Veremos aqui de que modo princípios como a horizontalidade e o anonimato apontam para o que se pode chamar de um “ideal cultural da rede” (JURIS, 2007), que parece agenciar uma série de processos de contestação e resistência na contemporaneidade.



Fig. 08 – A recusa às lideranças institucionalizadas representa uma tensão entre os banhistas desde a primeira Praia, realizada em 16/01/10. (Imagem: Rodrigo Clemente - Jornal O Tempo)

O conceito de rede é compreendido por diversos autores (CASTELLS, 2001; CASTELLS, 2009; MARTINHO, 2011) como um conjunto de nós interconectados, constituindo uma estrutura comunicativa por meio da qual circulam fluxos de informação. As unidades fundamentais da rede, portanto, são nós e conexões. Uma rede é permanentemente (re)construída pelas interações entre seus nós, em dinâmicas de conectividade que vão variar

⁴⁸ Citação que aparece em duas colagens no blog Praça Livre, fazendo menção ao pseudônimo coletivo Luther Blisset, à horizontalidade atribuída às práticas envolvendo a Praia e a aversão à política representativa.

de uma estrutura reticular para outra, e mesmo em diferentes períodos de tempo dentro de uma mesma rede. Além disso, redes se conectam a outras redes, constituindo tramas complexas por meio de novos acoplamentos e conexões. Nessa medida, Martinho (2011) destaca a irregularidade e o dinamismo do processo de constituição reticular, caracterizado por “contornos móveis e dinâmicas irregulares de espraiamento, em função das descontinuidades encontradas no próprio fenômeno da conectividade”. (MARTINHO, 2011, p. 28).

Mas ainda que a constituição e a operação da rede sejam imprevisíveis e inconstantes, podendo mudar conforme a interação dos nós, todas as redes guardam uma estrutura mínima de padrões de interação, agindo como matriz condutora. Nesse sentido, ainda que a rede esteja permanentemente sujeita à reconfiguração, ela é caracterizada por objetivos e regras de funcionamento, configurados por diversas instâncias de mediação. Castells (2009) se ampara na metáfora informacional para denominar a instância mediadora fundamental da rede como *programa*. Segundo o autor, o programa imprime sentido geral à rede e dá origem a seus protocolos de comunicação, atuando na determinação, por exemplo, da relevância de cada nó dentro do conjunto. Os nós com maior capacidade de conexão constituem as instâncias centralizadas da rede (chamados de *hubs* ou *switchers*), enquanto outros, menos conectados, formam sua periferia. Nessa medida, ainda que a metáfora da rede evoque uma imagem de simetria e horizontalidade, é preciso cuidado ao olhar para o conceito: uma rede é composta por buracos, descontinuidades e irregularidades, delineadas tanto pelo programa que a conduz (enquanto instância de mediação), quanto pelas próprias relações de conectividade configuradas pelos nós (a partir das diversas formas de interação).

Na seção anterior, pudemos observar que princípios típicos das dinâmicas em rede, como a construção de laços horizontais entre elementos autônomos e a coordenação descentralizada podem ser observados no discurso dos banhistas em numerosas discussões travadas na lista de e-mails e no blog para caracterizar suas práticas. Juris (2007) mostra como essa é uma dinâmica relacionada a ampla escala de processos de contestação em nível global, que encontram, na noção de rede, um importante ideal de ação. Uma discussão na lista de e-mails da Praia sobre o uso ou não de megafone nas reuniões presenciais parece apontar para o princípio da horizontalidade, como uma recusa em reproduzir práticas que associam a partidos políticos e movimentos sociais tradicionais.

Primeiro de tudo, gostaria de me expressar totalmente contra o tal do megafone. Fazendo

um brainstorm sobre 'megafone' agora mesmo: partidos, palavras-de-ordem, bandeiras, comunismo, briga por causa de poder falar no megafone, caras que amam microfone e que ficarão falando e gritando coisas totalmente sem propósito, ...

Falando a verdade, não gostaria de nenhuma dessas coisas no nosso movimento, acho que é totalmente possível conversar sem caos, e se não for, bom pra gente tentar aprender. [...] Ainda corre o risco de chegar uns vermelhos pra disputar vez na parada e monopolizarem o espaço sonoro com gritos sem sentido ou sem relação com o assunto. (Túlio Jorge, em resposta a um relato de uma das primeiras reuniões presenciais, que trazia como um dos pontos discutidos a necessidade de um microfone)

A ocupação da praça com o propósito festivo já dá conta de fazer com que o debate evolua, sendo que as questões políticas mais institucionalizadas serão pautadas pela imprensa e pela repercussão de todo o movimento. Falar alto (megafone) me parece uma maneira de fincar uma bandeira de que trata-se de um movimento de caráter temporário e acredito que o propósito de toda essa manifestação é de fazer com que a praça se torne um espaço de convergência constante de manifestações culturais e lazer, além disso o megafone verticaliza o discurso e dá abertura para que indivíduos falem em nome de todos coisas que nem todos concordam. (Tamás Bodolay, na mesma cadeia de e-mails)

Também creio que o uso da voz por alguns criaria a idéia de liderança. Como foi expressado em um cartaz: Aqui não tem líderes. É uma iniciativa popular, onde o nome e a voz de um não representa a maioria, até porque não representa nem a si. A iniciativa é livre. Algo difícil de assimilar em uma cultura de repressão fomentada e ostentada por grupos ditos políticos durante anos. Creio na voz de todos, nas ações de todos, na participação de todos. Não creio na voz de um.

Bem, não ao megafone. Não precisamos de ninguém ditando o que fazer em cima de um palanque, se quiséssemos entrariamos para um partido ou sindicato. Elegeríamos um presidente e coordenadores e reproduziríamos o curral. (Cristiano Pereira da Silva, na mesma cadeia de e-mails)

Negado pela maior parte dos banhistas que se engajaram na discussão, o megafone é tomado como símbolo de um discurso unívoco, hierárquico e agressivo, atribuído aos

“vermelhos”⁴⁹ ou aos integrantes de movimentos tradicionais de forma geral. A configuração sociopolítica da Praia parece assim, em alguma medida, ser construída em uma recusa à lógica de representação que rege esses movimentos e que os banhistas dizem rechaçar, fundando-se na horizontalidade, na ausência de lideranças e no anonimato como forma de organização coletiva. O princípio da horizontalidade é projetado pelos manifestantes em uma ideia de topologia sem centros, diretamente ligada ao ideal libertário de autogestão e à imagem da ausência de lideranças, convocada a todo o tempo nos espaços de discussão⁵⁰. Ainda que esses princípios sejam, em diversos momentos, colocados em cheque, é possível perceber como eles aparecem com intensidade no discurso dos banhistas, direcionando as discussões na lista de e-mails e nos comentários do blog.

Pra mim uma questão mais delicada é essa formatação em algo tipo "movimento". No pé em que estamos, vejo que temos funcionado como uma rede. Somos varios pontos, independentes e que atuamos em apoio mutuo, rumo a questionamentos varios, desde ao autoritarismo da prefeitura, ao decreto, a ocupação da cidade e outros. (Kra, em uma cadeia de e-mails construída em março de 2010 como resposta a questionamentos do usuário Rubens)

Não estamos promovendo um movimento nos moldes padrões com uma hierarquia de lideres, funções definidas e questões de ordem fechadas. Este é um movimento livre, anarquico, e isso não tem nada de inocência, é malícia de um outro tempo. Como combater um inimigo sem rosto e que não se sabe onde se esconde?

Não sei se fui claro na minha fala, mas um exemplo legal é o: Luther Blisset. Uma busca no google mostra melhor quem é e o que faz este não-sujeito. (Fidélis, na mesma cadeia de e-mails)

Buscando evitar as formais tradicionais de representação, dos líderes e porta-vozes de movimento, muitos dos manifestantes recorrem aos chamados “pseudônimos coletivos” ou “nomes múltiplos”, nomes próprios que podem ser acionados por qualquer pessoa ao assinar manifestos ou conceder entrevistas à mídia, conservando o anonimato dos atores envolvidos e desvinculando as ações de uma lógica de autoria ou representação. A figura de *Luther Blissett* é resgatada logo nas primeiras discussões dos banhistas para dar nome ao que vai sendo

⁴⁹ Pode-se dizer que os manifestantes empregam o termo “vermelhos” de forma pejorativa para caracterizar membros de partidos de esquerda. Algumas conversações apontam diretamente para o PSTU.

⁵⁰ Para uma relação entre o histórico dos coletivos libertários em Belo Horizonte e a Praia da Estação, ver Oliveira (2012).

caracterizado como uma “revolução sem rosto”:

a partir do momento que tiver um porta voz, um representante, alguém que fala pelas centenas de pessoas que vão lá, pra mim deixou de ser o que é.

a não ser q o cara desse entrevista e falasse q é luther blissett como alguém fez no hj em dia hahaha. aí seria interessante. todas as entrevistas dadas por luther blissett (Leo Santiago, em resposta a um e-mail que encaminhava um pedido de entrevista da Rádio Itatiaia, logo após a primeira Praia)

sei não leo, todo mundo é cidadão suficiente pra dar sua perspectiva do evento e se expressar de boa, se entrarmos na paranóia que qualquer um que fale se torna porta-voz...

contanto que o entrevistado deixe *bem claro *(e jornalistas são malandros em desentender as coisas "sem querer") que não fala por todos, acho de boa, até saudável e tb boto fé demais no pseudônimo coletivo luther blissett uhauhuhua!!! (Luís Gabriel, em resposta a Leo Santiago)

Ser e não aparecer, e quem resolve aparecer atrás de um nome coletivo faz isso para desarrumar as regras do jogo. Se na mídia aparece o rosto de Luther Blissett, este é com certeza mais um falso, pois LB possui rostos demais para ser representado somente por um. (Retirado da postagem “Sr. prefeito, pode crer: Luther Blissett olha para você!”, de 02 de fevereiro de 2010)

Mais uma vez nos defrontamos com a discussão de quem é ou de quem são os rostos e mentes de quem nos chamou, creio que essa discussão iniciada no dia 07, não deva ter rostos mesmos, cheguei a falar isso ontem na roda e apoiei em outros e-mail's a ideia de um pseudônimo comum para todos. (Cristiano Pereira da Silva, em resposta ao relato da primeira reunião presencial)

Luther Blissett é um pseudônimo coletivo que surgiu do “Luther Blissett Project”⁵¹, criado na Itália em meados dos anos 1990 a partir da ideia de “pegadinhas midiáticas” (*media pranks*) praticadas por ativistas culturais. O Projeto consistia em experimentos como a produção e disseminação de notícias falsas, por meio das quais a lógica da grande mídia era ridicularizada, colocando em cheque noções como autoria e identidade: “Tudo o que é assinado com o nome múltiplo não tem direitos autorais, é livremente reproduzível, modificável, aperfeiçoável sem ter de prestar conta a qualquer Autoridade” (BLISSETT, 2001, p. 24). André Mesquita (2008) explica como o pseudônimo torna-se uma espécie de

⁵¹ De acordo com André Mesquita (2008), de fato existiu um sujeito Luther Blissett, jogador de futebol pouco conhecido de um time da Itália. Mais sobre o LBP pode ser visto em <http://www.lutherblissett.net/> (Acesso: 04/08/12)

mito da cultura pop contemporânea, um sujeito político que opera a dissolução entre o individual e o coletivo nas práticas de artistas, hackers e ativistas ao redor do mundo. Transformado em um mito de guerrilha midiática, Luther Blissett é associado a uma forma de luta que faz do anonimato uma condição coletiva de luta política:

A ideia que está na base do Projeto Luther Blissett é a de criar um fantasma, um herói popular, que lidere o movimento libertário para fora do underground, do *cul-de-cusac* do *centrosocialismo* real, dos nichos dos militantes ou *militontos* em que o projeto permaneceu ao longo de quase vinte anos, injetando-o novamente no overground, no *mainstream* cultural. Enfim, trata-se de usar esse fantasma coletivo, espectral herói popular manipulado por milhares de fios, *para deixar um mito de luta irromper na cultura pop*. Um mito lúdico, esperto, cativante, eficaz, de fato “pop”, que divulga uma visão livre e feliz da vida e da luta de classes, longe dos erros/horrores do século XX. (BLISSETT, 2001, p. 39 – Grifos no original)

De acordo com Mesquita (2008), o uso dos nomes múltiplos remonta a práticas de resistência mais antigas, dos levantes ludistas no século XIX⁵², inspirados pela figura imaginária de Ned Ludd até os movimentos artísticos de correntes Neoístas (que lançaram os pseudônimos Monty Cantsin e Karen Eliot) nos anos 1960⁵³. Blissett (2001) – que assina uma coletânea de textos organizada sob o título “Guerrilha Psíquica” – vai ainda mais longe, situando a utilização do mesmo nome por muitas pessoas em estratégias de camuflagem elaborados por hereges medievais e sociedades secretas ligadas à prática da alquimia. Luther Blissett, desse modo, não diz respeito apenas a um modo de (não) se identificar. Configura um “enunciado de dissimulação” (BLISSETT, 2001) inscrito em um imaginário que reúne práticas revolucionárias, artísticas, ritualísticas e midiáticas sob o signo do anonimato como forma de resistência e recusa ao sistema de representação. Mais do que designar um “não-sujeito”, como afirma um dos banhistas, o anonimato conservado sob a forma de nomes múltiplos relaciona-se assim a um sujeito coletivo de luta política.

⁵² O Ludismo (Mesquita refere-se ao movimento como Luddita) foi um movimento de artesãos têxteis britânicos contra as mudanças técnicas produzidas pela Revolução Industrial, que os substituíram por trabalhadores menos qualificados, e com salários menores. O modo ludista de luta envolvia a destruição coletiva de teares mecanizados, comandada pelo personagem Capitão Ludd. Retirado de: <http://en.wikipedia.org/wiki/Luddite> (Acesso: 08/08/12)

⁵³ O Neoísmo refere-se a uma rede subcultural de performance artística e experimentalismo midiático, criada na década de 1960 no Canadá. Operando a partir de pseudônimos e identidades coletivamente compartilhadas, pegadinhas (*pranks*), plágio e falsificações, o movimento criou várias definições contraditórias de si mesmo, a fim de desafiar a categorização e historicização. Retirado de: <http://en.wikipedia.org/wiki/Neoism> (Acesso: 08/08/12)



Fig. 09: Imagem anexada às postagens “Sr. prefeito, pode crer: Luther Blissett olha para você!”, de de fevereiro de 2010 e “Bento XVI & Luther Blisset”, de janeiro de 2011. A imagem é associada à Wu Ming Foundation, grupo italiano que se desdobrou do LBP no início dos anos 2000. De acordo com o verbete “Wu Ming”, na Wikipedia⁵⁴, “Wu ming” é uma expressão em chinês que pode significar “anônimo”.

Ainda que a utilização de nomes coletivos pelos banhistas não fosse uma decisão consensual, pode-se observar sua utilização de forma bastante disseminada entre os manifestantes. Quando o blog Praça Livre foi criado, todas as postagens eram assinadas pelo usuário Luther Blissett (definido por um recurso automático da plataforma Wordpress), assim como diversos dos comentários (aqui, definidos de acordo com a vontade do usuário). Com o tempo, outros nomes múltiplos começam a aparecer: alguns já consagrados, como a musa neoísta Karen Eliot, e outros criados “à brasileira”, como Rita Garella e Ommar Motta. Este último é adotado posteriormente como perfil do blog, constando sempre na margem direita da interface com a seguinte descrição:

Ommar Motta são muitas caras e expressões, homem ou mulher, marias-josés na multidão. Quer simplesmente poder viver a cidade como palco de suas fruições, e estar nos espaços que são seus. Quando das "boas novas" que caíram sobre a Praça da Estação, em Belo Horizonte (um decreto parecido com sítamentos impostos por regimes autoritários), Ommar Motta se inconformou, foi à praça e a ocupou. Lançou suas muitas vozes a vários cantos da cidade, multiplicando modos, tirando sarro, jogando, conversando, trocando, vivenciando atos, convocando para a ação. Não é chegad@ às lideranças, não quer ser massa de manobra, menos ainda fazer bodes expiatórios. Age por conta própria.

⁵⁴ Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Wu_Ming (Acesso: 03/08/12)

Como dissemos acima, assinar com pseudônimos coletivos, como “Luther Blisset” e “Ommar Motta” não diz somente de uma forma de preservar a identidade dos manifestantes. Muito mais do que isso, ao filiar-se a princípios como a horizontalidade e o anonimato, os banhistas parecem associar-se a todo um universo simbólico relacionado a práticas de resistência e contestação que compartilham da proposta de coordenação descentralizada e anônima e fazem da rede um importante ideal cultural e político. Além do Luther Blissett Project, é necessário perceber como todo esse universo é mediado por uma referência direta ao ativismo político do final dos anos 1990⁵⁵.

Protagonizada pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), a Revolta de Chiapas – em todo o seu desdobramento midiático – é considerada um marco para a ideia de ativismo em rede. O levante, que estourou com a entrada em vigor do Tratado de Livre Comércio da América do Norte, em janeiro de 1994, reivindicava a defesa dos direitos das comunidades indígenas do estado de Chiapas, no México. Fortemente reprimida pelo governo mexicano, a revolta ganhou dimensão global, com a mobilização de ativistas de diversos países, exigindo o cessar-fogo contra os manifestantes. Ruiz di Giovanni (2012) caracteriza a expressão mobilizadora dos zapatistas como “uma grande novidade, poética, antineoliberal e universalista” (RUIZ DI GIOVANNI, 2012, p. 33). Manuel Castells (2001) descreve o ELZN como o primeiro movimento de “guerrilha informacional”, por utilizar-se de táticas de comunicação em rede que acionavam rapidamente ativistas de diferentes lugares do mundo, sendo pioneiros no uso da internet para a mobilização social.

Foram também os zapatistas que deram origem ao “Encontro Intercontinental pela Humanidade e contra o Neoliberalismo”, em cuja segunda edição (1997) foi fundada a Ação Global dos Povos (AGP): uma rede de ajuda mútua “sem uma estrutura organizada burocraticamente e sem uma coordenação centralizadora” (ASSIS, 2006, p. 15). A Ação Global dos Povos se define como um instrumento descentralizado de coordenação – “e não uma organização”. Entre seus principais objetivos, está a proposta de “oferecer um instrumento de coordenação e apoio mútuo a nível global” para ativistas e “dar projeção internacional às lutas contra a liberalização econômica e o capitalismo global, bem como às lutas dos povos indígenas e culturas originais”⁵⁶.

A AGP foi responsável pela criação, no ano seguinte, de outro marco do ativismo

⁵⁵ Referências mais antigas podem ser feitas, sobretudo relativas aos levantes contraculturais da década de 1960. Na próxima seção, vamos retomar esse outro conjunto de pistas, sob a chave da ocupação como tática de apropriação simbólica.

⁵⁶ Retirado de: <http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/cocha/principles.htm>. (Acesso: 08/08/12)

político: os chamados Dias de Ação Global, que consistiam em manifestações simultâneas em diversas cidades do mundo com o propósito de bloquear o acesso dos líderes mundiais aos encontros de cúpula de instituições-símbolo do capitalismo global, como a OMC, o Banco Mundial e o G8. Verdadeiros carnavais de rua, os protestos aliavam as tradicionais marchas a eventos de música, dança e bicicletada, tomando de assalto as cidades para expressar sua discordância em relação aos rumos da política neoliberal⁵⁷. As manifestações organizadas durante o encontro da OMC em Seattle, em 1999, que tiveram ampla repercussão em noticiários de todo o mundo, compuseram a “vitrine midiática” (MESQUITA, 2008) dos Dias de Ação Global, tornando-se o símbolo dos levantes.

O movimento que se construiu em torno dos Dias de Ação Global (e que em alguma medida se desdobrou dele) foi nomeado pela mídia tradicional como “anticapitalista” – mas diversos outros nomes poderiam ser dados, como “antiglobalização corporativa” ou “altermundialismo” (ORTELLADO, 2004). Segundo Ortellado (2004), a proposta era explorar as redes emergentes de comunicação, dinamizadas pela recente penetração da Internet, para mobilizar de modo simultâneo movimentos sociais ao redor do mundo contra a ideologia neoliberal. Ainda que fossem diversas as bandeiras dos movimentos ali reunidos (como ambientalismo, feminismo, sindicalismo, etc), era possível identificar uma unidade, que o autor chama de “cultura dissidente e ativista”:

O objetivo declarado da campanha do J18⁵⁸ era fazer convergir essas diferentes lutas numa luta comum contra a sociedade existente, a sociedade 'capitalista' [...] A unidade destas lutas estava na oposição à sociedade existente – uma forma específica e comum de oposição: a oposição pautada pela autonomia. As lutas contra a hierarquia, a homofobia, o sexismo, o racismo, o militarismo e a destruição ambiental orientavam-se todas pela ideia da autonomia – da igualdade e respeito às diferenças em todos os níveis e da liberdade entendida como direito à participação direta nas decisões. (ORTELLADO, 2004, p. 13).

Os Dias de Ação Global podem ser relacionados também à criação do Fórum Social Mundial, em 2001, como um espaço de debate e oposição ao neoliberalismo que se propõe a “facilitar a articulação, de forma descentralizada e em rede, de entidades e movimentos engajados em ações concretas, do nível local ao internacional, pela construção de outro

⁵⁷ Veremos na seção seguinte como esse tipo de ação, que aciona a chave simbólica da festa como tática de resistência política, remete às práticas de ocupação dos espaços urbanos – o segundo eixo de referências acionado pelos banhistas.

⁵⁸ O J18 foi o nome dado ao primeiro grande evento realizado pela rede dos Dias de Ação Global. Promovido em 18 de junho de 1999 de forma simultânea em cidades de 40 países, como Londres, São Francisco, Melbourne, Paris, Tel Aviv e Roma, o evento contestava o encontro do G8 que acontecia em Colônia, na Alemanha.

mundo”⁵⁹. Outro desdobramento importante das manifestações foi a criação do Centro de Mídia Independente (ou Indymedia)⁶⁰, rede de pontos de mídia alternativos, desenvolvida coletivamente com o objetivo de ir além da cobertura da mídia corporativa, possibilitando que os próprios manifestantes produzissem coberturas jornalísticas independentes dos protestos. “Não se tratava apenas de combater a hierarquia da redação jornalística, nem o caráter industrial e capitalista da produção da notícia; tratava-se de abolir o próprio papel de mediador do jornalista, criando um sistema participativo de publicação aberta.” (ORTELLADO, 2004, 29). O CMI tem hoje portais em diversos países, como Inglaterra, México, República Tcheca, Bélgica, França e Itália.

Nos diversos relatos acerca do ativismo caracterizado pelo ELZN, os Dias de Ação Global e seus numerosos desdobramentos, a alusão aos ideais de participação direta e ausência de mediadores é muito recorrente. A figura da rede é aqui sobredeterminada, com ênfase ora na utilização das “novas” tecnologias de informação e comunicação baseadas nas redes p2p, ora na morfologia descentralizada, horizontal e anti-hierárquica que se atribui às manifestações. Esse universo de referências, que enxerga na rede um ideal para a ação política, em uma recusa à lógica hierárquica de organização e ao sistema tradicional de representação, é acionado pelos banhistas como um forte agregador de sentido para caracterizar a Praia da Estação. Ainda que esse posicionamento seja permanentemente tensionado (e que, na prática, o que se revela não seja exatamente esse tipo de configuração), esse tipo de princípio parece orientar permanentemente o modo como a Praia é definida no discurso dos manifestantes⁶¹.

Juris (2007) vai relacionar essa tendência ao que chama de “lógica cultural da rede”, um ideal político direcionado a disposições como a construção de laços horizontais, a circulação livre e aberta de informação, a coordenação descentralizada e a produção de decisões consensuais. Para além da morfologia, o autor mostra como a rede torna-se um verdadeiro ideal cultural, um enunciado político que pode ser identificado não apenas na Praia da Estação, mas que ganha relevância em uma série de arranjos coletivos contemporâneos.

O ano de 2011 parece ter sido emblemático nesse sentido: em janeiro, estoura a onda

⁵⁹ Retirado de: http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=19&cd_language=1 (Acesso: 08/08/12)

⁶⁰ Mais sobre o CMI/Indymedia pode ser acessado em: <http://www.indymedia.org/en/index.shtml> (Acesso: 08/08/12)

⁶¹ Oliveira (2012) atribui essa orientação à participação de membros de coletivos libertários de Belo Horizonte na fundação da Praia, agrupamentos que apresentavam características como “culturas libertárias e anarquistas, ação direta, anticapitalismo, autonomia, horizontalidade, fluidez organizativa e de participação, conformação de redes, carnavalização do protesto etc.” (OLIVEIRA, 2012, p. 68).

de insurreições populares em países do oriente médio agrupadas no ocidente sob o nome de “Primavera árabe”. Poucos meses depois, a partir de maio, jovens europeus indignados espanhóis – mas também de outros países da Europa, como Itália, Portugal e Grécia – tomaram as praças de cidades-chave, em protestos pela “democracia real” que denunciavam a rejeição às instituições e políticas públicas neoliberais. Em setembro do mesmo ano, os protestos chegam ao coração do capitalismo contemporâneo, movimentando a classe média estadunidense que se identificava como “os 99%” nos acampamentos do Occupy Wall Street. Outras movimentações, ainda que menos noticiadas, também são dignas de nota, como as manifestações organizadas pelos estudantes chilenos reivindicando a garantia da educação pública, conhecidas como “Revolta dos Pinguins”, e a chamada “Marcha das Vagabundas” (*Slut Walk*), que se espalhou por diversas capitais do mundo em defesa da autonomia feminina. No Brasil, chamaram atenção também os numerosos levantes juvenis em diferentes cidades (destacaram-se o Fora Arruda, no DF; o #foramicarla em Natal; o Fora Lacerda em Belo Horizonte e o Fora Roseana, em São Luís – que ficou conhecido como “a primavera maranhense”).

Em maior ou menor grau, é possível encontrar, em todas essas manifestações, uma espécie de ancoragem discursiva ao ideal cultural da rede, “baseado na colaboração horizontal, democracia participativa e coordenação através da autonomia e da diversidade” (JURIS, 2007, s/p). Sem mencionar o fetiche midiático em torno da utilização das mídias sociais para organização das manifestações, o ideal reticular é ressaltado na “espontaneidade” com que os protestos e manifestações são organizados; no distanciamento de instituições tradicionais, como partidos e sindicatos; na ausência de uma hierarquia que permita a identificação de lideranças; entre muitas outras características. O seguinte trecho, retirado de uma reportagem publicada na revista Carta Capital em junho de 2011, mostra como as formas tradicionais de ação e representação política são questionadas – ao menos no nível do discurso – pelos movimentos contemporâneos:

Em comum, o fato de as manifestações serem organizadas por meios eletrônicos, sem a tutela de partidos, sindicatos ou entidades estudantis e sem uma hierarquia que permita identificar lideranças. É como se o tradicional modelo de representação política, consolidado no século XX, não fosse mais adequado para os novos tempos e demandas. (PICHONELLI & MARTINS, 2011: 24).

Como afirma Juris (2007), no entanto, o que se percebe na prática é a distribuição desigual de atribuições e funções entre os ativistas e uma tensão dinâmica e permanente com outras lógicas de organização – por meio da qual a espontaneidade e a descentralização são

colocadas em cheque. Nas manifestações do Chile, por exemplo, o movimento estudantil institucionalizado teve uma participação importantíssima na mobilização nacional (KEMPF, 2012). No caso da Primavera Árabe, no Egito, também é possível perceber como o principal partido de oposição ao governo de Mubarak, a Irmandade Muçulmana, teve um papel de destaque na organização das manifestações, que vinham sendo planejadas há tempos em conjunto com ativistas, jornalistas e blogueiros do país⁶². Essas questões parecem apontar para a configuração de uma ideia de rede para além da morfologia, como uma importante dimensão discursiva que se vale de ideais como a horizontalidade, o anonimato e a autonomia de organização para reforçar sua singularidade.

Ao longo desta seção, buscamos reconstituir, por meio das pistas deixadas pelos banhistas na textualidade configurada entre o blog e a lista de e-mails, uma dimensão do universo simbólico acionado pelos banhistas para dizer da Praia da Estação. Marcado por uma recusa à lógica de representação das instituições políticas e movimentos sociais tradicionais, o imaginário convocado pelos manifestantes parece ser fortemente mediado pelo imaginário da rede, que caracteriza um tipo específico de ativismo. Veremos, na próxima seção, como esse imaginário aponta também para a mediação de uma dimensão simbólica de ocupação dos espaços das cidades, marcada por táticas que têm na festa e na irreverência sua principal forma de manifestação.

1.2.2 “Ocupe a praça, ocupe a cidade!”⁶³

O segundo eixo de referências acionado pelos banhistas pode ser relacionado a um chamado pela *ocupação dos espaços urbanos*. Como foi destacado na primeira seção, a expressão “ocupe a cidade” é considerada “um mote praiano”, em uma articulação simbólica que se dá em duas vertentes. De um lado, é possível perceber como a reivindicação pela cidade, pela rua, pelo espaço público, parece nortear as ações da Praia, criada justamente em contraposição a um decreto que proibiu o uso da Praça da Estação para “eventos de qualquer natureza”. De outro, a própria forma de manifestação consiste na ocupação do espaço da

⁶² Conforme mostra, por exemplo, o documentário produzido pela BBC “*How Facebook Changed the World: The Arab Spring*”. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/programmes/b014grsr> (Acesso: 20/08/12)

⁶³ Chamado que assina manifestos, panfletos e posts publicados no blog Praça Livre, convocando a população para as Praias e Eventões de fim de semana.

Praça, em um gesto de apropriação que busca exaltar seu caráter público e democrático ao transformá-la em uma Praia. Veremos aqui como os dois lados se entrecruzam na medida em que essa ocupação é associada a uma operação de apropriação simbólica da cidade, mediada pelo humor e pela festa.



Fig. 10 – Montagem que brinca com uma imagem da estátua de Tiradentes, localizada no centro da Praça da Estação, anexada à postagem “Nunca subestime um homem de sunga e guarda-sol”⁶⁴, de 28/02/10.

A reivindicação dos banhistas pelo espaço público parece estar ancorada em uma visão crítica das práticas contemporâneas de gestão das cidades, projetos urbanos voltados para os grandes interesses econômicos, mercadológicos e políticos. Jaques (2009) associa essas práticas a um processo acelerado de espetacularização urbana, que elimina dos espaços públicos qualquer possibilidade de conflito, em uma intensa preocupação com a assepsia e o controle. Mascaradas muitas vezes como “requalificação” ou “revitalização” dos espaços públicos, as chamadas práticas de “gentrificação” (associadas à especulação imobiliária e ao enobrecimento dos espaços da cidade) dizem de um universo urbano excludente e autoritário.

Belisário (2008) define a gentrificação como “um processo de enobrecimento dos espaços urbanos, que ocorre principalmente em pontos centrais das cidades. A *gentrificação* ocasiona a remoção dos moradores de áreas consideradas degradadas em prol da recuperação econômica do local” (BELISÁRIO, 2008, *online*). Os processos de gentrificação atuam em uma dinâmica que envolve o investimento em áreas consideradas degradadas ou abandonadas, aumentando seu valor imobiliário e ativando o ciclo da especulação. Na textualidade que

⁶⁴ <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/02/> (Acesso: 07/03/13)

emerge dos três ambientes midiáticos investigados, parece se configurar um sentido dominante que associa o decreto que originou a Praia a processos como esses, por vezes buscando expandir o debate para a crítica do cenário urbano contemporâneo de Belo Horizonte.

Agora, só não podemos esquecer que existe uma intencionalidade nisso tudo, que para mim é questionar não só o aprisionamento da Praça da Estação, mas toda a carência em que BH está virando, indo na contra mão de outras cidades no mundo afora. Porque linha verde e não ciclovias? porque encaixotamento do Arrudas (apresentado na imprensa como um "boulevard") e não o tratamento e despoluição dos córregos que são seus contribuintes? porque os projetos de "revitalização" não incluem agricultura urbana, melhoria de quintais, atenção com as pessoas que andam a pé... Enfim, BH está se transformando em sua antítese, uma cidade com cada vez menos árvores, espaços de convivência e fruição das pessoas, e cada vez mais uma cidade para os carros, os prédios, a violência, o isolamento. Para mim, tudo o que vier para questionar e explicitar isso, tá valendo! (Marilda Quintino Magalhães, em uma discussão de janeiro de 2010 sobre burocratizar a Praia)

A dita "revitalização" acontece em várias cidades do Brasil e do mundo e já faz tempo que esse processo começou. O recente decreto número 13.798 de Dezembro de 2009 entra nesse contexto que atinge vários aspectos da vida das pessoas. [...]

Por "revitalização", podemos entender como política urbana que procura eliminar certas situações que possam não estar em conformidade com a ordem estabelecida ou com padrões sociais pretendidos. A miséria exposta nas ruas, sejam em forma de camelos e vendedores ambulantes, moradores de rua ou favelas e aglomerados devem ser varridos para longe dos centros urbanos. Será aberto caminho para o capital e para o consumo organizado e tutelado pelo estado e por grandes empresas. Um emburguesamento do espaço público. (Retirado da postagem "Praça da Estação, o Decreto, a Cidade, e as Pessoas – mais um ponto de vista", de 21/01/10)

Acho que a ideia do Paulo de ampliar ainda mais o foco das manifestações e do diálogo político estabelecido com a questão da Praia é bastante pertinente, embora ache que possa levar a um enfraquecimento do objetivo em pauta: a revogação do decreto. Boto muita fé que esse movimento todo que está rolando venha a servir como exemplo e inspiração para conquistarmos muitas outras praças,

ruas, direitos e possibilidades de construir alternativas. Vamos nos concentrar nesse primeiro passo e vencer a inércia - o primeiro grande inimigo. Como diria o Emicida, *com a paciência de quem cata latinha, focado no que tenho, não em que vou ter ou tinha*. (Cidadão Comum, em resposta ao e-mail de Paulo)

Em uma visada crítica às práticas de higienização e controle (na qual os manifestantes inserem o decreto), é reivindicado o valor do espaço público como espaço de uso e sociabilidade. A discussão é levada para a perspectiva do “Direito à Cidade”, entendido como direito coletivo de todos os habitantes da cidade ao uso dos espaços urbanos de modo equitativo. A expressão é cunhada por Henri Lefebvre (1969) e remonta ao direito à vida urbana, transformada e renovada (LEFEBVRE, 1969, p. 108). Na leitura de David Harvey (2009), trata-se de um direito a intervir na cidade, de transformá-la, reinventá-la de acordo com o desejo dos indivíduos que nela vivem. O “uso” da cidade é assim associado à possibilidade, pelos indivíduos, de intervenção, de transformação. Para além do papel de espectador/consumidor que lhes é relegado pelo poder público ao gerir a cidade como empresa/mercadoria, o direito à cidade aponta para uma cultura urbana participativa e inclusiva. A reivindicação que os banhistas fazem pela cidade, nessa medida, é relacionada a uma postura de resistência diante de um cenário urbano considerado desigual e excludente, gerido por práticas de governo autoritárias – do qual o decreto torna-se um representante.

Diversos grupos⁶⁵ que buscam resistir às práticas de segregação e higienização dos espaços urbanos investem na ocupação desses espaços como forma de inversão dessa lógica dominante. Saskia Sassen (2011) relaciona o gesto de ocupar a uma operação política de reelaboração e ressignificação das relações de poder que atravessam determinado espaço urbano. Segundo a autora, ocupar significa transformar o que era visto apenas como um espaço em um território. O conceito de território é uma noção importante nessa chave de interpretação:

No sentido em que estou usando o termo, território é uma condição complexa na qual se insere a lógica do poder e da reivindicação, algo que implica muito trabalho para criar e não pode ser reduzido apenas à factibilidade elementar do espaço ou da terra. Assim, ocupar é um processo que reelabora, mesmo temporariamente, a

⁶⁵ Podem ser citados como exemplos movimentações de ciclistas como a Bicletada, em que ciclistas ocupam as ruas para divulgar a bicicleta como meio de transporte, em uma crítica à cultura do automóvel (Ver: <http://bicicletada.org/Home+page> - Acesso: 20/08/12), movimentos de resistência como o *squatter*, nascido na Europa dos anos 60, que se apropria de espaços urbanos ociosos como centros de resistência cultural. Além de passar a residir no espaço, eles instalam ali bibliotecas, mostras de teatro, exposições de arte, rádios clandestinas, entre outros processos culturais coletivos (BELISÁRIO, 2008).

frequentemente antidemocrática lógica do poder incrustada no território. (SASSEN, 2011, *online*)

Dizer de um território, portanto, é reconhecer o espaço para além de suas propriedades físicas, sobretudo no que diz respeito aos embates simbólicos que instituem (ou buscam instituir) as relações ali travadas. Ao promover a ocupação dos espaços, o que se busca não é apenas resistir à propriedade privada, mas também questionar um modo hegemônico de se pensar e viver nas cidades. Citando Lefebvre, Rogério Haesbaert (2008) chama atenção para o caráter de *apropriação* implícito nesses processos, associado ao exercício do poder simbólico. Apropriar-se de um espaço, nesse sentido, não é um gesto funcional relacionado ao tomar posse, à propriedade ou ao seu *valor de troca*. Trata-se, sim, de uma operação simbólica carregada das marcas do vivido, que põe em evidência seu *valor de uso*:

O uso reaparece em acentuado conflito com a troca no espaço, pois ele implica 'apropriação' e não 'propriedade'. Ora, a própria apropriação implica tempo e tempos, um ritmo ou ritmos, símbolos e uma prática. Tanto mais o espaço é funcionalizado, tanto mais ele é dominado pelos 'agentes' que o manipulam tomando-o unifuncional, menos ele se presta a apropriação. Por quê? Porque ele se coloca fora do tempo vivido, aquele dos usuários, tempo diverso e complexo. (Lefebvre *apud* Haesbaert, 2008, p. 21)

Os autores relacionam o valor de troca e a noção de propriedade ao mercado e ao aparato estatal, que Lefebvre denomina de “agentes”. A operação inversa está na apropriação, relacionada à vida social, às pessoas comuns, “usuárias” das cidades. Há, nessa separação, uma percepção crítica da transformação da cidade por esses agentes em um produto, restando aos usuários apenas o consumo. Nas operações de ocupação, nesse sentido, está implícita uma proposta de inversão simbólica que se relaciona diretamente à reivindicação pela cidade: ocupar os espaços públicos é assim um modo de se apropriar da cidade, tomar as ruas como seu usuário, para além da cidade produto dos processos de gentrificação.

A oposição entre valor de troca e valor de uso, entre agentes e usuários das cidades, pode ser compreendida nos termos da distinção que Michel de Certeau (2009) faz entre estratégias e táticas. Certeau define a estratégia como um cálculo de relações de forças estabelecido por um sujeito de querer e poder a partir de um lugar próprio, que serve como base à gestão de suas relações com qualquer tipo de exterioridade. A estratégia está do lado dos agentes, que calculam suas manobras do alto de seus postos estabelecidos. A tática está na posição inversa, incapaz mesmo de estabelecer exterioridades, na medida em que parte de quem não possui um lugar próprio:

Denomino, ao contrário, 'tática' um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base / onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. (DE CERTEAU, 2009, p. 45)

Para Manovich (2008), as táticas são os modos pelos quais os indivíduos negociam as estratégias que lhes foram postas: a tática trabalha com os produtos da estratégia a fim de torná-los seus próprios. Táticas são assim operações de apropriação: astúcias desenvolvidas para jogar nas situações em que só se tem por lugar o do outro. Novamente, não se trata de uma operação relacionada ao valor de troca ou à noção de propriedade. A única fronteira que pode ser deslocada é simbólica – o que não a torna menos sólida. No caso dos banhistas de Belo Horizonte, a proposta de transformar em Praia uma Praça proibida parece estar relacionada ao gesto de tornar próprio aquele espaço, como forma de resistência simbólica às estratégias de gestão da prefeitura. A ocupação da Praça é tática: não está relacionada à ideia de propriedade, mas de apropriação. Mas a despeito do significado militarista que se poderia atribuir a uma ocupação (ou a mesmo a uma ação de resistência), o sentido aqui é outro: os banhistas não empunham uma bandeira, mas um guarda-sol. Como é possível perceber nos enunciados abaixo, a chave de apropriação se dá por meio do humor e da festa – acionando referências históricas e conceituais que se entrecruzam com a ideia de rede, como recuperada na seção anterior:

nossa missão como ativistas culturais deve falar por si só. abaixo a repressão do festival e da folia como fim em si mesmos. o levante e a catarse são escapismos à engrenagem do poder nomade! abaixo a politizações que tendem a empobrecer o caráter horizontal e democrático do movimento.

o movimento não deve ter nome. o movimento não deve ter líderes! e o movimento não deve comportar oportunismos. (Luciano Tiara, em resposta ao e-mail de Támas)

Além das quatro Praias – que têm sido as ocupações da praça com mais notoriedade midiática –, a Praça da Estação vem abrigo ainda outros, nos formatos que cabem às pessoas dispostas. Saraus, encontros para produção de materiais gráficos, trocas de oficinas, rodas de capoeira, bate-papo... uma onda específica que evoca, no seu básico, a necessidade de ocupar a cidade e gozá-la, que jorra questionamentos com 'criatividade', e que quer, ao mesmo tempo, dificultar o trabalho dos que vivem de expropriar espaços e manejá-los sozinhos. [...] Pois o que faz disso tudo parte de um contexto especial é justamente o modo

como o ambiente das ruas tem sido tomado sem muitas restrições, de um modo festivo, lúdico e ativo. E mais: pelas NOSSAS questões. (Retirado da postagem “Mais escritos sobre banalidades e sobre cidades”, de 16/01/10)

"festa" não é necessariamente sinônimo oba oba irresponsável e pueril.

"festa" pode ser entendido como uma forma ultra-evoluída de manifestação social, (que o digam os antropólogos)

compartilho dessa visão e acho que uma das potências maiores da nossa ação é o caráter lúdico. responder os cacetetes com tambores. e nisso a proposta de um outro modelo político, social, cidadão, que não esse de instituições de governo viciadas e flácidas. [...]

e é crendo nisso que acho que temos que envolver a cidade ao máximo, pelo viés da festa, para que através dela se instaurem as condições necessárias para estabelecer um debate mais amplo sobre os motivos reais dessa questão pontual que é o decreto. (Luiz Gabriel, na discussão supracitada sobre o megafone, de janeiro de 2010)

O jeito ludico e organizadamente desorganizado deu seus bons frutos...

por que nao continuar creando nossa propria politica?? Por que nao ter nossa propia identidade? desestruturar as estruturas as deles e as nossas!

o ato da praia é um ato poetico! (Por Valeria, retirado dos comentários da postagem “Não me organizem... Crítica à apropriação da praia”, de 29/03/10)

Em articulação com os princípios de horizontalidade e autonomia de organização, a apropriação do espaço de forma lúdica e irreverente convoca novamente uma série de referências de movimentos e experiências de resistência. São várias as camadas de mediação: do cenário contracultural dos anos 1960, são evocados grupos que se destacaram por subverter as formas comumente associadas à política por meio de práticas de deboche. É o caso, por exemplo, dos Situacionistas na França, grupo de artistas, pensadores e ativistas que se posicionaram radicalmente contra a espetacularização da vida cotidiana, compreendida como não-participação e alienação (JACQUES, 2003), por meio da criação de situações e escritos perturbadores. Outra referência importante remonta aos Provos, grupo formado na Holanda por ativistas anarquistas que promoviam *happenings*⁶⁶ e outras ações não-violentas

⁶⁶ Os happenings são uma forma artística originada nos anos 50-60 que combina artes cênicas e visuais na produção de pequenos acontecimentos que fazem com que o espectador participe da cena criada (Ver http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3647 Acesso: 01/03/13).

com o objetivo desafiar e provocar a polícia (GUARNACCIA, 2010). Podem ser citados também movimentos nos Estados Unidos, como os Yippies (Youth International Partie), que ironizavam a autoridade por meio de intervenções artísticas e pegadinhas coletivas⁶⁷.

Esse universo simbólico que articula a zombaria em relação às instituições políticas tradicionais com a realização de ações bem-humoradas e não-violentas é acrescido de uma nova camada simbólica quando é apropriado pelo ativismo da década de 1990. Como lembra Ruiz di Giovanni (2012), os “Carnavais contra o Capital” (des)organizados pelo grupo britânico *Reclaim the streets* ditaram o tom das manifestações dos Dias de Ação Global, que em momentos de catarse coletiva, por meio de rituais de ação direta e desobediência civil, ofereciam resistência concreta à realização de encontros dos organismos neoliberais internacionais. Todo esse universo sustenta a base de uma proposta política que se funda em um forte processo de inversão. A ideia de “frivolidade tática”, adotada pelos músicos ativistas do *Rhythms of resistance*⁶⁸, pode ser interessante para pensar esses processos.

A Frivolidade Tática é um espaço que existe no espaço entre a concordância total e o confronto violento. Ela não se guia por absolutos, mas pelo alargamento dos limites da compreensão, para incluir todos os seres humanos num fluxo produtivo construtivo rumo a uma celebração alegre da vida. (RHYTHMS OF RESISTENCE, apud RUIZ DI GIOVANNI, 2012).

Nessa chave de interpretação, ao alargar-se os limites da compreensão, por meio de táticas de resistência tão absurdas quanto formar uma bateria de escola de samba ou transformar uma praça em Praia, os manifestantes reivindicam a criação de um espaço de potência política: uma potencial “zona autônoma”, capaz de suspender a ordem dominante dentro dessa mesma ordem. O conceito de Zona Autônoma Temporária, ou TAZ (BEY, 2004), acionado pelos banhistas em diversas ocasiões, remete a uma tática sociopolítica de criação de espacialidades nomádicas para escapar às estruturas de controle. Ainda que seja efêmera e fugidia (ou justamente em função desse tipo de qualidade), por meio desses processos de inversão, a TAZ liberta temporariamente um espaço. Ou, para falar nos termos de Sassen (2011), tensiona os vetores de poder que atravessam esse espaço, transformando-o em território.

Mais do que compreender a não-oposição existente entre festa e protesto, portanto, a ideia parece ser justamente celebrar a potência política da festa. Como comenta Mesquita (2008), a natureza política desse tipo de ação enxerga nos eventos de rua verdadeiros rituais

⁶⁷ Ver: http://en.wikipedia.org/wiki/Youth_International_Party (Acesso: 01/03/13)

⁶⁸ O *Rhythms of resistance* se define como uma rede ativista anticapitalista transnacional que usa o samba como forma de ação política. Retirado de: <http://rhythms-of-resistance.org/spip/> (Acesso: 20/08/12)

de libertação. “É a recuperação de um território através do espírito, da luta que considera que ‘a resistência é o segredo da alegria’ – para lembrar de uma consagrada frase ativista – e que transforma a estética da vida cotidiana em criação política.” (MESQUITA, 2008, p. 44). O comentário do banhista Cidadão Comum, diante de uma das muitas discussões que traziam uma oposição entre a Praia e as formas de organização tradicionais, aponta para o sentido político da festa que caracteriza a forma de apropriação da Praia:

É por isso mesmo que sempre desconfiei desse caráter de “protesto” que às vezes se atribui à Praia. Tem gente aí pensando que ir à Praia todo sábado é cumprir com seu dever cívico.

Tudo bem, faz parte também. Mas, pessoal, pensar assim é ingênuo e é pensar pequeno. A Praia tem um potencial lírico, criativo, subversivo, que vai muito além de circunstâncias momentâneas de contexto político. O sentido que um ajuntamento de gente assim toma pra si é muito mais poderoso como política de vida, uma coisa mais (muito mais!) universal. Daqui a pouco o decreto cai, e aí? Morreu a praia? Acho que não, né? Vale muito mais a pena mergulhar na profundidade de como isso muda nossa percepção da cidade, das pessoas, do cotidiano que a gente leva e por aí vai (longe). (Por Cidadão Comum, retirado dos comentários da postagem “Não me organizem... Crítica à apropriação da praia, de 29/03/10)

Com a ideia de ocupação, assim, os banhistas parecem esboçar uma concepção de política que atravessa e engloba o ideal reticular para dizer de um modo de agir que se afasta, aqui em uma outra via, das organizações tradicionais. Mais do que a uma morfologia (ou uma forma de organização), a noção de rede é associada a um modo de agir que se efetiva no âmbito do simbólico, pela via do humor e da festa – e que começa a se delinear como uma mediação fundamental para a circulação de sentidos na textualidade que atravessa os ambientes midiáticos aqui investigados.

1.3 “Que trem é esse?”⁶⁹

Como buscamos mostrar na seção anterior, partindo dos rastros textuais deixados pelos

⁶⁹ O “Que trem é esse?”, como vimos na primeira seção do capítulo, foi uma festa itinerante que se desdobrou da Praia da Estação, realizada dentro dos vagões do metrô, buscando questionar temas relacionados à mobilidade urbana.

banhistas nos três ambientes midiáticos investigados, o movimento constante que caracteriza a “onda” da Praia da Estação parece ser assim fortemente direcionado por duas ideias convergentes: *rede* e *ocupação*. Ainda que sejam permanentemente tensionadas, atravessadas a todo o tempo por controvérsias entre os banhistas, essas duas noções se esboçam como vetores importantes no percurso da manifestação. É possível perceber como um e outro eixo agenciam conexões que sobredeterminam o percurso da Praia. Ao longo desta dissertação, veremos como essas ideias serão tensionadas, rebatidas e reverberadas por outros agenciamentos, sem nunca se estabelecer como certezas.

Mas ainda que não possibilitem delimitar uma definição precisa dos contornos da Praia, as noções de rede e ocupação configuram uma questão fundamental para nossa pesquisa. Os vestígios das associações dos banhistas que agrupamos nesses dois eixos apontam para uma disputa política que se dá no campo dos sentidos⁷⁰. Seja nos embates estabelecidos frente ao poder público, nos confrontos e tensões travados entre os próprios banhistas, ou no próprio modo de agir da manifestação, o que parece estar em jogo são operações de compartilhamento, ressignificação, e reelaboração dos sentidos associados aos espaços urbanos e à reivindicação por esses espaços. Nessa medida, a Praia da Estação parece se delinear como um fenômeno de ordem fortemente simbólica. A fim de compreender a configuração sociopolítica que se delineia nesse processo, nosso objetivo neste trabalho será mapear conexões de sentidos, emaranhados mais ou menos instáveis que emergem da textualidade em estudo e vão configurando, pelas bordas, um percurso de pesquisa.

No próximo capítulo, a ideia é buscar perceber como os sentidos trafegam nessa textualidade, a fim de preparar o terreno para nossa abordagem metodológica. Veremos como a onda da Praia é construída nos rebatimentos entre os três ambientes midiáticos, em uma dinâmica de circulação na qual os sentidos escorregam e transbordam de um ambiente midiático a outro, marcando ainda mais a fluidez necessária à nossa investigação.

⁷⁰ Patrick Charaudeau (2008) pensa o sentido como resultado do processo de enunciação, que coloca em relação de um lado, o código linguístico e seu significado, e de outro, as situações concretas de interação. Partindo dessa concepção, compreendemos o sentido como processo de atualização e reconfiguração de significados e representações envolvidos nas ações dos banhistas, por meio dessas próprias ações. No próximo capítulo, veremos como a Praia aponta para uma dinâmica de circulação reticular dos sentidos.

2. ONDA QUE TRANSBORDA

Partindo dos vestígios deixados pelos banhistas, o primeiro capítulo desta dissertação abre o caminho para a investigação da Praia da Estação como um fenômeno de disputa simbólica, articulado no campo da produção e circulação de sentidos. Neste segundo capítulo, buscamos desenvolver essa perspectiva para compreender o processo de circulação simbólica no universo textual investigado. Nossa proposta é partir de uma leitura preliminar da atividade dos banhistas em cada um dos ambientes midiáticos em questão, associando picos e baixas na movimentação à variação temática dos assuntos postos em pauta, a fim de entender como se dá a dinâmica de agenciamento⁷¹ em rede. Investimos aqui na percepção de um transbordamento de sentidos entre os três ambientes midiáticos, atravessados pelo que parece se configurar como uma espécie de conversação em rede (RECUERO, 2012). Nosso material de análise neste trabalho será compreendido, nessa medida, como uma textualidade que emerge segundo a lógica das conexões (KASTRUP, 2004), caracterizada, sobretudo, pela constante possibilidade de autorreconfiguração. Compreender os registros investigados em termos de uma textualidade em conexão implica uma visão necessariamente dinâmica e processual dos sentidos que circulam no universo compreendido pela pesquisa, marcado pela instabilidade e pelo movimento em rede.

2.1. Textualidade escorregadia

O material sobre o qual nos debruçamos nesta dissertação⁷² é composto por fragmentos, registros textuais dispersos entre três diferentes ambientes midiáticos: a lista de e-mails, o blog e o perfil no Twitter criados pelos banhistas. Por um lado, compreendidos de modo articulado às ocupações da praça aos sábados e às reuniões presenciais realizadas durante a semana, esses ambientes configuram espaços privilegiados de captura dos sentidos produzidos em torno da Praia, na medida em que constituem um repositório de enunciados,

⁷¹ O conceito de agenciamento será discutido no terceiro capítulo desta dissertação, como um de nossos operadores analíticos.

⁷² Como veremos no próximo capítulo, nosso material de análise corresponde à textualidade compreendida entre o blog, a lista de e-mails e o perfil no Twitter em três períodos temporais distintos: janeiro a março de 2010; dezembro de 2010 a fevereiro de 2011; e janeiro a março de 2012.

discussões, proposições dos manifestantes. Por outro, os enunciados, discussões e proposições estão dispersos em um emaranhado textual confuso e aparentemente desordenado – atestando, mais uma vez, a indisciplina com que a Praia se oferece à análise.

Seguindo a proposta de trabalhar com a instabilidade sem, no entanto, enrijecer os processos investigados, nosso esforço será compreender a dinâmica de funcionamento desses ambientes e o modo como se relacionam, configurando a emergência de uma textualidade. É com esse objetivo em mente que buscamos, a seguir, caracterizar as especificidades e os entrecruzamentos da conversação⁷³ que permeia a lista de e-mails, o perfil no Twitter e o blog da Praia da Estação, pelo viés da lógica das conexões.

2.1.1 – *groups.google.com/pracalivre_bh*

Como vimos no primeiro capítulo, a lista de e-mails foi criada em 12 de janeiro de 2010 pelo grupo que havia se reunido no “Vá de Branco” com o propósito de discutir e organizar ações contra o decreto da prefeitura que proibia eventos na Praça da Estação. Hospedada no GoogleGrupos, a lista é classificada sob as categorias “*Society > Culture*” e “*Society > Activism*”, conta com 187 inscritos e tem um total de 4474 mensagens armazenadas⁷⁴. Com a realização das praias, a movimentação na lista passou a ser intensa, com um grande fluxo de mensagens e novos membros adicionados a cada fim de semana. A inscrição como membro da lista é ainda hoje aberta a qualquer usuário da Internet.

No gráfico abaixo, elaborado a partir de informações disponíveis no perfil da lista, é possível observar claramente a variação da intensidade com que a troca de mensagens acontece nesse ambiente.

⁷³ Para dizer sobre as mensagens compartilhadas em cada um dos ambientes, utilizamos aqui a nomenclatura corrente no senso comum. Mensagens enviadas à lista são e-mails. As compartilhadas pelo blog são chamadas de postagens ou posts (com seus respectivos comentários) e, pelo perfil no Twitter, tweets ou tuitadas.

⁷⁴ Dados de 17/01/13.

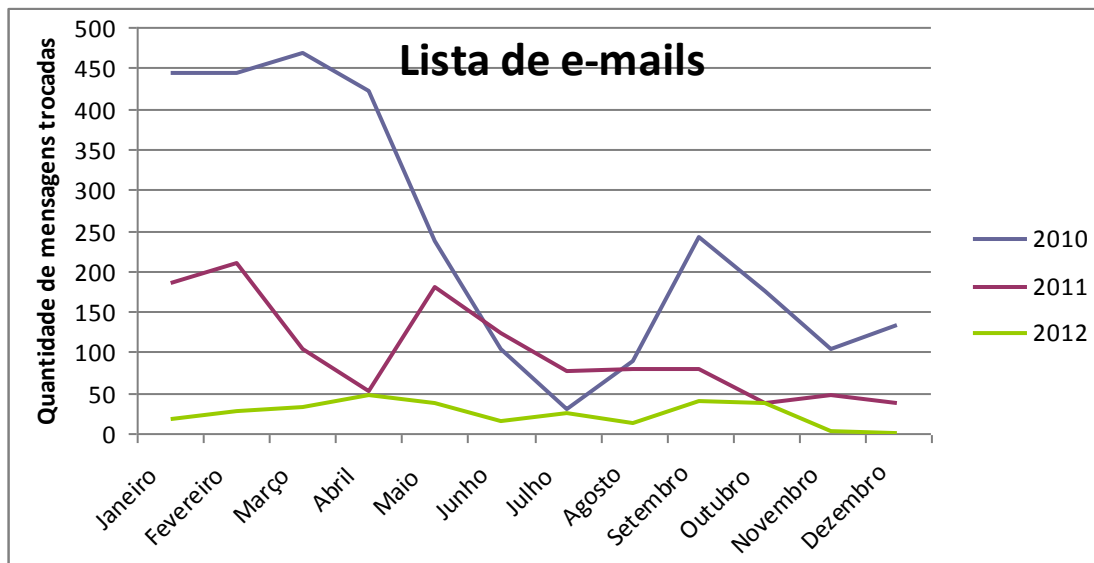


Gráfico 01 - Fluxo de mensagens enviadas desde janeiro de 2010 para a lista Praça Livre, do GoogleGrupos.

Como se vê no gráfico, há uma forte oscilação na movimentação da lista de e-mails ao longo de seus três anos de existência. Nos primeiros meses de 2010, à época de criação da lista e de realização das primeiras praias, observa-se um grande fluxo de mensagens trocadas. No mês de março, período de maior movimentação, a lista recebeu 468 mensagens de usuários, o que sugere um pico de movimentação – ou seja, uma dinâmica intensa de conversação entre os banhistas em um espaço temporal definido. É importante ter em mente que, durante esse período, a conversação na lista de e-mails se sobrepunha à realização de reuniões presenciais no espaço da Praça e às próprias Praias, que aconteciam semanalmente (diversas mensagens tratam da organização ou trazem a relatos das reuniões e Praias).

Podemos identificar os temas que se destacaram entre os e-mails trocados no mês de março, agenciando uma quantidade expressiva de respostas. O primeiro deles é a discussão gerada pela possibilidade de enviar um banhista para compor a Comissão Especial de Regulamentação dos Eventos. O tema torna-se bastante controverso, trazendo à tona o debate sobre a rede (sobretudo no que diz respeito à sua horizontalidade), a relação com partidos políticos, as táticas de ação, etc. Quatro cadeias diferentes de conversação são agenciadas pela proposta de participar da Comissão (a primeira delas, com 18 respostas; a segunda, com 35; a terceira, com 5; e a última, com 41)⁷⁵. Outros assuntos que geram movimentação na lista são o Eventão (tanto no que diz respeito à sua organização, como a relatos posteriores), o cancelamento do FIT (e seus desdobramentos, como manifestações populares) e a audiência

⁷⁵ Importante notar que a conversação na lista é bastante desordenada, com recorrentes mudanças de assunto entre os e-mails, respostas em cadeias de conversação distintas, etc. Como veremos adiante, essa aparente desordem parece caracterizar o que Recuero (2012) chama de conversação em rede.

pública para discutir o caso da Praça da Estação.

A partir do mês de abril, o gráfico revela uma diminuição progressiva no fluxo de mensagens, o que se mantém até julho, quando o número de mensagens trocadas chegou a 30. Dois acontecimentos coincidem com a baixa no volume das mensagens: a chegada do inverno e a revogação do decreto que proibia eventos de qualquer natureza no espaço da Praça. Ambos parecem ter contribuído para a desmobilização dos banhistas e o esvaziamento das Praias, arrefecendo também o movimento nos espaços midiáticos. Adiante, nesta seção, veremos que não só a lista de e-mails, mas também o blog e o perfil no Twitter foram marcados por esse hiato de atividade comunicacional no período citado.

A troca de mensagens na lista de e-mails volta a crescer em agosto de 2010, chegando a um novo pico entre os meses de setembro e outubro, com 241 mensagens. Esse novo aumento parece ter sido provocado, em primeiro lugar, pela proximidade das eleições nacionais, que ocasionou um grande movimento de “spamização” na lista, gerado sobretudo por três usuários: Maurício Tavares, Osmar Rezende e illyushin Zaak. Grande parte das mensagens enviadas à lista nesse período é proveniente dos três. Embora não cheguem a gerar muitos debates sobre o tema, essas mensagens contribuem para a movimentação na lista de e-mails por dois motivos: primeiro, porque o número de e-mails em si é bastante expressivo, especialmente em relação à falta de movimento nos meses anteriores. Segundo, porque o spam gera uma comoção dos demais usuários, que passam a responder as mensagens demandando bom senso ou, em casos mais extremos, uma atitude da “moderação”⁷⁶. Na maior parte dos casos, o debate se desenvolve a partir desse tipo de pedido. Com o segundo turno, a discussão eleitoral continua até o mês seguinte.

Outro tema que movimentou a lista nesse período – embora de modo bastante diferente – foi a prisão do grupo de pixadores Piores de Belô⁷⁷. Diversos artigos e cartas de apoio assinadas por diferentes grupos e pessoas⁷⁸ foram encaminhados à lista, além da divulgação de eventos, como debates e rodas de conversa sobre o assunto. Além disso, os

⁷⁶ Embora a lista não tenha uma moderação “oficial”, em algumas ocasiões (como essa) aparece uma mensagem enviada pelo endereço pracalivrebh@gmail.com, provavelmente de um (ou mais) usuário(s) que possui o e-mail de criação da lista, assinada como “a moderação”. No entanto, na maior parte das vezes, essa moderação é feita de forma informal e coletiva. Um exemplo é uma ferramenta de filtro, que chegou a ser criada pelo usuário Marcelo Lustosa, para que os demais pudessem bloquear os e-mails provenientes de illyushin e Osmar em suas caixas de entrada.

⁷⁷ Os Piores de Belô foram presos em agosto de 2010. O acontecimento gerou a mobilização de diversos grupos da cidade, que consideraram um exagero a acusação de formação de quadrilha, já que a prática da pixação no município é comumente julgada como crime ambiental. (Adotamos aqui a grafia “pixação”, como é utilizada na literatura que se propõe a compreendê-la como expressão cultural).

⁷⁸ Por meio da análise preliminar das mensagens da lista, é possível identificar a recorrência de práticas como o envio de manifestos, cartas de apoio/repúdio, etc, assinados individualmente ou por coletivos.

usuários se atualizavam sobre os acontecimentos mais recentes por meio da lista. Além dos dois assuntos citados, um terceiro fator que também nos parece importante para o novo pico de interação na lista foi o burburinho gerado pelo Festival Transborda – um dos primeiros grandes eventos realizados na Praça depois da proibição, organizado por coletivos como o Pegada e o Fora do Eixo (alguns integrantes dos coletivos, como o usuário Lucas Mortimer, fazem parte da lista da Praia). Diante da proposta de realizar uma edição da Praia dentro do Transborda, a lista voltou a receber discussões e os banhistas chegaram a se reunir presencialmente, o que não acontecia desde maio. A conversa agenciada pelo Transborda evoluiu também para a proposição de novas ações de ocupação de espaços da cidade, como um piquenique na Praça da Estação, o “Que Trem é esse?” e o “Roupa suja se lava em casa” – comentados no primeiro capítulo.

Ainda no ano de 2010, o gráfico aponta um novo pico nas mensagens trocadas, a partir do mês de dezembro – ainda que o volume de e-mails (132 mensagens) tenha diminuído consideravelmente, se comparado ao início do ano. Dezembro marca a chegada do verão e a retomada das Praias, que se mantiveram firmes até o carnaval: ou seja, o início de mais um período em que a realização das Praias se sobreponha à conversa nos ambientes online. Entre as mensagens trocadas, chamam atenção alguns temas específicos. O convite para a ação “Roupa suja se lava em casa”, realizada no dia 02/12/10, mobilizou 20 respostas na lista. Outra ação presencial que movimentou o ambiente online foi a retomada da Praia, cujo chamado teve 17 respostas de banhistas. Nesses casos, a conversa girava em torno da mobilização para as ações, com diversas mensagens de confirmação de presença ou relacionadas a questões logísticas e de divulgação.

Além dessas convocações, outro assunto que movimentou a atividade na lista foi a redação de um projeto de lei que dispunha sobre a simplificação da realização de eventos em praças públicas na cidade⁷⁹. Proposto pelo vereador Arnaldo Godoy, o texto do projeto recebeu algumas sugestões por parte dos banhistas, debatidas no blog e na lista (nesta, totalizando 16 respostas). Os banhistas responderam também a duas cadeias de mensagens (a primeira com 8 e a segunda com 6 respostas) relativa a uma possível conversa com a Fundação Municipal de Cultura. Por meio da lista, chegaram a discutir a pauta, agendar uma

⁷⁹ Incorporando as sugestões dos banhistas, o projeto foi apresentado à Câmara Municipal pelo vereador e aprovado em setembro 2011 (Lei nº 10.277, disponível em <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1066636> – Acesso: 10/01/13). O prefeito vetou três dos sete artigos, o que rendeu diversas críticas de banhistas e pessoas ligadas ao setor cultural. Mais sobre o assunto em: <https://www.facebook.com/notes/gustavo-bones/fora-lacerda-news-cr%C3%B4nicas-culturais-ii/201693426566620>. (Acesso: 10/01/13).

reunião para se preparar para a conversa, e fazer também um relato desse encontro.

O fluxo de e-mails cresce em janeiro (com 185 mensagens) e em fevereiro (com 209) de 2011, voltando a diminuir nos meses de março e abril (com 103 e 52 mensagens, respectivamente). Em janeiro, dois temas dominam a conversação na lista. O primeiro deles é o Eventão de um ano de praia, que mobiliza diversas cadeias de mensagens relativas à organização, logística e divulgação. O segundo tema é a própria Praia da Estação: em meio à avaliação que alguns banhistas faziam do Eventão, foi iniciado um exercício coletivo de autocrítica da Praia, que rendeu mais de 40 respostas e uma das postagens mais comentadas no blog da Praia (com 22 comentários) – como veremos mais adiante. Nessas mensagens, vem à tona novamente a controvérsia da rede: horizontalidade, ausência de lideranças e a potência política da manifestação são postas em questão, em uma discussão acalorada entre os banhistas.

No mês de fevereiro, a nova proposta de concessão para feirantes da Feira Hippie (Feira de Artesanato da Av. Afonso Pena) movimentou a conversação, em duas cadeias de mensagens (a primeira com 12 e a segunda com 13 respostas). Uma dessas conversas, sobre um erro da prefeitura no sistema de inscrição para o edital, gera um post para o blog, que será, como veremos, outra das postagens mais respondidas, com 21 comentários. Ainda em fevereiro, os modos de uso do blog são tema de mais uma discussão, com 23 respostas, disparada por uma mensagem do usuário Fidélis, cujo texto foi sobreposto por uma nova postagem no mesmo dia. A conversa gera um debate sobre a prática das postagens e a atuação da moderação⁸⁰. Mas o assunto mais comentado na lista em fevereiro (com 42 respostas) foi a proposta de realização de uma Praia na Praça do Cardoso, no aglomerado da Serra (em protesto ao assassinato de dois moradores cometido por policiais militares, como vimos no primeiro capítulo). Lançada como evento no Facebook, a proposta recebeu uma série de críticas na página criada (inclusive dos próprios moradores do aglomerado), o que gerou uma reflexão maior por parte dos banhistas – que optaram por adiar o evento e buscar a articulação com lideranças locais para realizá-lo.

Em maio, há um novo pico de mensagens (179). Alguns fatores podem ser apontados para justificá-lo. O primeiro deles é uma mensagem disparada pelo usuário Paulo Rocha, acerca de um debate promovido pelo PSOL que contaria com um palestrante da Praia da Estação. Novamente, princípios como a horizontalidade, ausência de lideranças e anonimato são postos em cena na conversação entre os banhistas. A discussão foi intensa, com 33

⁸⁰ Novamente, não há uma moderação oficial para o blog. Mas alguns usuários possuem a senha e se movimentam no caso de imprevistos como esse.

respostas, e alguns usuários chegaram a manifestar animação em relação à retomada do uso da lista. Outros temas, ainda que tenham gerado menos conversação, foram importantes para o volume de mensagens. É o caso, por exemplo, do convite, encaminhado pela usuária Janaína Macruz, para que o bloco da Praia (formado para os carnavais de rua) se apresentasse no BH Music Station⁸¹. O convite gera oito respostas, com uma série de questionamentos por parte dos banhistas, e a ideia é abandonada, surgindo a proposta de se fazer um luau na Praça da Estação paralelamente aos shows. Outro tópico que rendeu algum movimento foi uma notícia referente à Conferência Estadual de Juventude, organizada por um representante da juventude do PSBD, secretário estadual da agenda. Com 15 respostas, a discussão entra nas querelas entre partidos de esquerda e direita. Além disso, noticiaram-se também as ocupações de praças espanholas (e outras ações internacionais), que começavam a se desenrolar; e algumas ações envolvendo o Mercado Distrital do Cruzeiro, organizadas por moradores da região.

Depois de maio, no entanto, a movimentação logo esfria, diminuindo progressivamente até o ano de 2012, em que poucas mensagens são enviadas e pouquíssimas são respondidas. Grande parte das mensagens enviadas à lista não chega, portanto, a constituir uma conversação: são informes, mensagens de divulgação de eventos e e-mails encaminhados. Ainda que seja provável que os usuários continuem acompanhando essas mensagens, nenhuma delas chega a agenciar a conversação na lista. Importante mencionar, no entanto, que o esvaziamento desse ambiente parece estar ligado a um movimento de migração: vários dos atores que participam, organizam e conduzem a Praia passam a integrar o Movimento Fora Lacerda, criado em julho de 2011. Se em alguma medida o Fora Lacerda nasce da Praia da Estação (do descontentamento com as ações do prefeito e dos canais criados para criticar e protestar contra suas práticas de gestão), ele ao mesmo tempo amplia e reverbera sua discussão – não se furtando, por exemplo, a se relacionar com partidos políticos e movimentos sociais tradicionais, aspectos delicados para os banhistas. Além disso, a partir de 2012 é o Fora Lacerda que parece agenciar as ações em ambientes midiáticos, utilizando-se de uma lista de e-mails própria⁸², de um blog⁸³ e de uma página no Facebook⁸⁴. Essas questões parecem reforçar a dinâmica de oscilação que caracteriza a Praia: muito mais do que um esgotamento das ações, o esvaziamento da lista de e-mails parece apontar para outros tipos de agenciamento em rede, que se desdobram da ação original.

⁸¹ Evento realizado anualmente em Belo Horizonte, que traz artistas de todo o Brasil para shows nas plataformas do metrô.

⁸² www.foralacerda.googlegroups.com (Acesso: 10/01/13)

⁸³ www.foralacerda.com (Acesso: 10/01/13)

⁸⁴ www.facebook.com/foralacerda (Acesso: 10/01/13)

A lista de e-mails oferece uma listagem de seus membros mais ativos, ou seja, usuários que mais enviaram e-mails ao longo do tempo. São eles: wilson lino, Coala Croata, Bruno Vieira, Rafael Barros, João Paulo Flor de Maio, Fidelis Alcantara, illyushin Zaak, Kara, Paulo Rocha e Osmar Rezende⁸⁵. É curioso pensar como alguns desses membros têm atuações muito diferentes na lista. wilson lino, por exemplo, é um dos únicos usuários que continua encaminhando e-mails (sobretudo advindos de outras redes, com chamados para ações, convites para eventos e textos sobre política) para a lista depois que o movimento cessa – embora ninguém costume responder suas mensagens. Como vimos acima, illyushin Zaak e Osmar Rezende foram os responsáveis por um movimento grande de “spamização” eleitoral na lista, à época das eleições presidenciais de 2010. No entanto, é possível dizer de um padrão de atuação comum entre os usuários Coala Croata, Bruno Vieira, Rafael Barros, João Paulo Flor de Maio, Fidelis Alcantara, Kara e Paulo Rocha⁸⁶. Grande parte da conversação na lista passa por esses usuários, em maior ou menor grau, ao longo do tempo. Eles costumam agitar a organização das ações, tomar tarefas para si e opinar bastante nas discussões da lista – sem necessariamente assumir posicionamentos concordantes entre si. Veremos também como esses usuários revelam-se presentes nos outros ambientes, contribuindo para a circulação dos sentidos em rede.

2.1.2 – prcalivrebh.wordpress.com

A primeira postagem do blog da Praia data de 20 de janeiro de 2010. Hospedado no domínio Wordpress, o blog coloca publicamente as discussões e acolhe uma diversidade maior de manifestações, inclusive de pessoas que não estavam inscritas na lista de e-mails. Sua criação foi noticiada no mesmo dia pelo usuário Kara (como vimos acima, um dos dez usuários mais ativos da lista de e-mails):

Foi criado um blog para centralizar algumas informações sobre essa diversidade de movimentos da praça da estação contra o decreto do lacerdinha. Que sejam videos, fotos, releases, textos, notícias, divulgações e etc (Kra)

⁸⁵ Esses são os nomes que os usuários utilizam na assinatura de seus e-mails. Procuramos manter a grafia exata, respeitando o uso de letras iniciais minúsculas e a ausência de acentos.

⁸⁶ Embora o Googlegroups não a tenha incluído na lista, a usuária Milene Migliano também pode ser inserida nesse padrão.

O blog tem 372 posts, 960 comentários, 130.599 visualizações⁸⁷ e uma particularidade: o login e a senha são abertos, constando sempre como a primeira postagem, na página inicial. Ou seja, é permitido a qualquer usuário da Internet (banhista ou não) postar novos textos, editar – ou mesmo apagar – os antigos, gerenciar comentários e fazer alterações na conta. Pode-se assim associar uma dimensão pública ao blog, em dois sentidos: além de poder ser lido por qualquer pessoa, ele também pode ser modificado por qualquer um. Embora tenha gerado algum receio entre os integrantes da lista, a ideia do login aberto foi rapidamente acatada (e mesmo um tanto celebrada) por todos.

aberto? abertão mesmo? não vai virar zona? tudo bem nós aqui do grupo termos acesso à senha... mas os leitores também? (o primeiro post já mostra a senha.) (Bruno Vieira, em resposta ao e-mail que noticia a criação do blog)

sim... existe uma experiencia acontecendo q é o blog do dia sem compras. Nunca deu pau e permite que varias pessoas postem sobre assuntos os mais diversos. Acho q esse é um bom formato para a forma como as coisas tem acontecido sobre a praça, porque pode dar vizibilidade para a qualquer um que se propoe a usar o blog sobre esse assunto sem personificar essa diversidade em algumas pessoas. E na minha opinião, se fosse um blog fechado para determinad@s editores/as, teria q ficar bem claro isso. Que não representa em totalidade a diversidade de coisas que tem rolado. Bom... mas se tivermos problemas, repensamos esse blog. (Kra)

senha aberta!!! a galera aprende a ser responsável! e só assim a coisa toma forma e legitimidade. (Flávia Mafra)

Senha livre. Internet livre. Mundo Livre S.A.
(Cristiano Pereira dos Santos)

Abarcando, portanto, uma potencialidade no que diz respeito à diversidade das discussões, o blog acabou por configurar, além de um importante ambiente de registro e publicização das ações e discussões da Praia, uma instância congregadora de debates sobre a cidade que iam além da proibição propriamente dita.

É importante ter em mente que sua dinâmica se diferencia bastante da lista de e-mails: é mais complexo olhar para a conversação no blog. Além dos comentários e compartilhamentos em outros blogs e perfis no Twitter, por vezes as postagens respondem ou

⁸⁷ Dados de 17/01/13.

remetem umas às outras, em uma cadeia de referência difícil de ser dimensionada. Ademais, ainda que não existam (ou que existam poucos) comentários em determinados períodos, a quantidade de postagens pode ser um indicativo interessante de movimento, na medida em que indica que as pessoas estão se apropriando da ferramenta (de modo diferente da lista, em que mensagens sem resposta dão a impressão de alguém “falando sozinho”). Nos gráficos abaixo, é possível observar a variação do número de postagens e comentários ao longo do tempo.

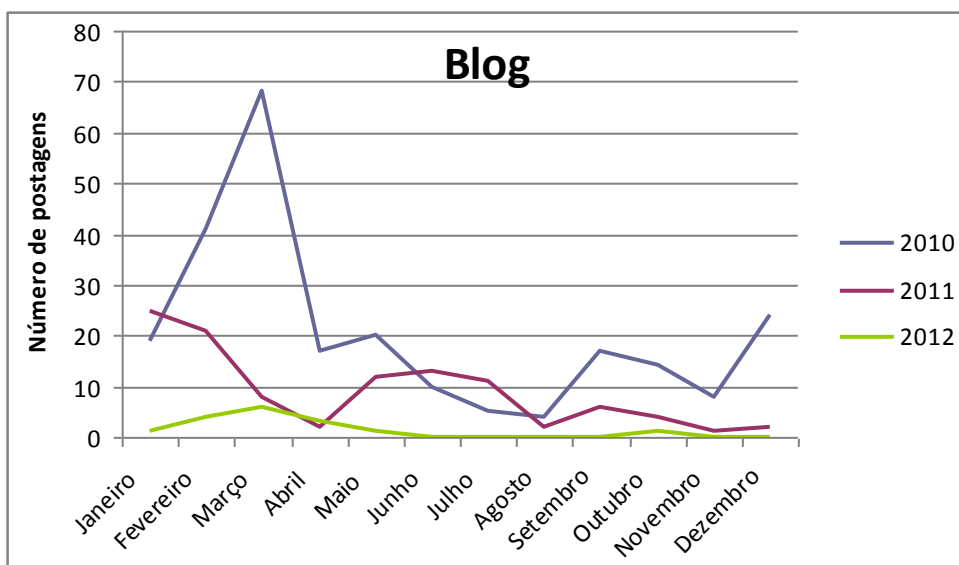


Gráfico 02 – Número de postagens no blog Praça Livre desde sua criação, em 2010

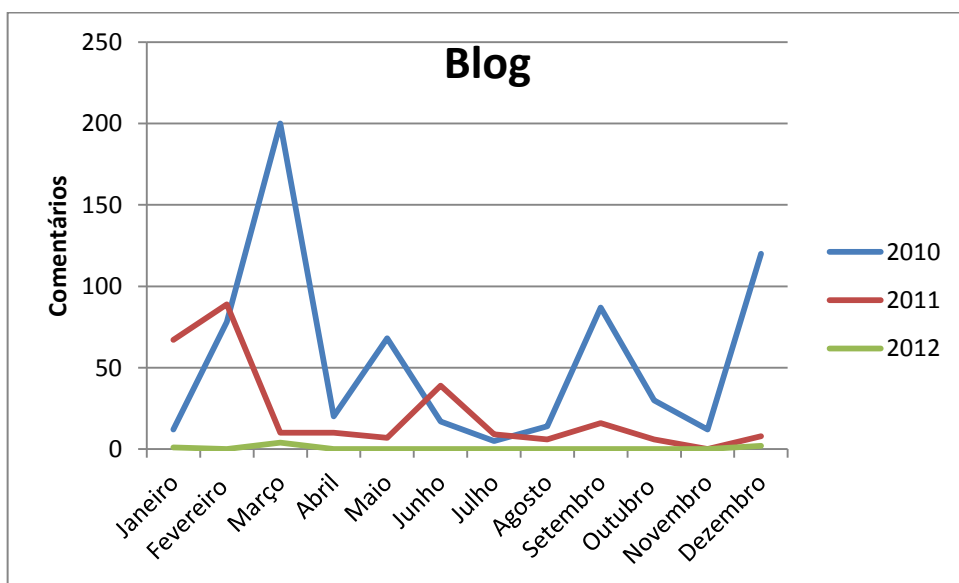


Gráfico 03 – Número de comentários no blog Praça Livre desde sua criação, em 2010.

Como se pode observar nos gráficos, as curvas de postagens e comentários no blog parecem seguir um padrão semelhante à conversação na lista de e-mails. Março de 2010 é, nos dois ambientes, o período de maior movimentação: no blog, são 68 postagens e 200 comentários. Março pode ser descrito, em alguma medida, como o período auge de realização das Praias: o carnaval havia passado, as reuniões aconteciam semanalmente e o primeiro Eventão e a audiência pública foram realizados, ambos com sucesso de público. Além disso, março foi o mês em que a prefeitura cancelou a realização do FIT, gerando uma movimentação entre artistas, produtores culturais e público – com uma manifestação na Praia da Estação. Entre os temas abordados nas postagens do blog, destacam-se as convocações e relatos sobre ações, reuniões e eventos relacionados à ocupação do espaço público (sobretudo as Praias e a audiência pública); as críticas e reproduções de notícias acerca do cancelamento do FIT; e as discussões sobre a cidade de forma geral. Podemos perceber como há uma consonância nos temas que movimentam a lista e o blog: tanto a discussão acerca do cancelamento do FIT como a mobilização para a audiência pública, por exemplo, foram importantes agendas nos dois ambientes.

Mas a movimentação no blog arrefece mais rápido do que na lista. Como se pode ver nos gráficos, há uma forte queda de atividade de março para abril, em que há apenas 17 posts e 20 comentários. Durante o ano de 2010, o movimento permanece baixo e em ritmo de diminuição, com um pico bastante modesto em setembro. Mas ainda que o mês tenha somente 17 postagens, são 87 comentários (o 4º maior pico de atividade nos comentários, como veremos mais adiante). O crescimento da movimentação nesse mês, acompanhando mais uma vez a dinâmica da lista, parece estar associado a fatores diversos. Pode-se citar a realização de alguns eventos de ocupação do espaço urbano, como saraus, piqueniques e a festa no metrô “Que trem é esse?”, além das diversas críticas despertadas pelo Festival Transborda, realizado com a praça cercada, dentro da nova regulamentação. A prisão dos Piores de Belô também inspira alguns posts, que buscam expandir a discussão para uma crítica à gestão da cidade. A discussão sobre os impactos sociais da Copa do Mundo começa a agenciar uma série de postagens ainda em setembro, sobretudo no que diz respeito às medidas de despejos e remoções em função das obras. Outras postagens trazem a problemática urbana à tona, com foco nos processos de especulação imobiliária e gentrificação, chamando atenção para os despejos de ocupações urbanas mais antigas, como a das Torres Gêmeas, por exemplo.

Esse tipo de discussão, que envolve uma perspectiva crítica sobre as práticas de gestão da cidade, os megaeventos e as questões sociais urbanas, será recorrente ao longo de todo o

período de atividade do blog. Na lista, embora essa temática também apareça, ela é mais esparsa e menos discutida – mesmo porque os banhistas parecem compartilhar um posicionamento a esse respeito, o que não necessariamente acontece com os usuários que comentam no blog. Uma diferença importante relativa ao mês de setembro nos dois ambientes é a total ausência do tema das eleições nacionais no blog. Enquanto a lista é bombardeada com spam eleitoral, o blog permanece alheio a esse assunto – tanto nas postagens, como nos comentários.

Com o retorno das Praias em dezembro de 2010, o movimento no blog também volta a crescer, chegando a 24 posts nesse mês, com 120 comentários; e a 25 em janeiro de 2011, com 67. Entre os temas das postagens de dezembro de 2010, estão convocações para Praias e outras ações e artigos sobre Belo Horizonte e a própria Praia, além de algumas críticas à administração da PBH (parte delas diretamente relacionadas à figura de Marcio Lacerda). Os Piores de Belô voltam a aparecer também, agenciando o debate sobre pixação, cultura urbana, etc. Uma novidade de dezembro são duas postagens sobre o Wikileaks (dezembro foi o mês do julgamento de Julian Assange, o porta-voz central da organização). Janeiro de 2011 segue um padrão semelhante, com convocações para ações de ocupação (como o terceiro Eventão) e textos sobre a Praia liderando o número de postagens. Novamente, há diversas postagens com críticas à figura de Marcio Lacerda e à PBH.

O gráfico demonstra como a atividade no blog volta a cair até o mês de abril (em que apenas 3 posts e 10 comentários são registrados). O número baixíssimo de atividade em abril pode ser justificado por um problema com o servidor Wordpress, que impossibilitou as postagens por cerca de um mês. De acordo com a postagem de retorno:

Tivemos problemas com o primeiro login aberto divulgado e no retorno a utilização do Blog. Mas enfim, estamos de volta a ativa. [...]
O primeiro login divulgado, praxeirx, foi deletado pelo WordPress pelo fato de ter publicado material protegido por lei de direitos autorais.
Então, cuidado com isso! Não vamos dar o mesmo vacilo duas vezes! (“VOLTAMOS! Novo login aberto!”, publicada em 30/04/11⁸⁸)

O mês seguinte, maio de 2011, inicia um novo aumento da atividade (com 12 postagens e 7 comentários). Nenhum tema em especial parece agenciar as postagens de maio, que trazem chamadas para três eventos, alguns artigos sobre questões urbanas em Belo

⁸⁸ Disponível em <http://pracalivrebh.wordpress.com/2011/04/30/voltamos-novo-login-aberto/>. Acesso: 15/12/12.

Horizonte (como a situação do Mercado Distrital do Cruzeiro, as parcerias público-privadas e a conduta da PBH em relação aos artesãos nômades) e outros poucos sobre a própria Praia. Como vimos anteriormente, maio é também um pico na lista de e-mails. Mas diferente dos outros meses em que o aumento de atividade nos dois ambientes coincide, dessa vez os temas abordados em um e outro espaço não convergem. Esse caso nos parece sintomático de outro tipo de agenciamento: a própria atividade comunicacional em um ambiente midiático pode ser vista como um fator que alimenta a movimentação nos demais – ainda que a configuração temática seja diferente. Isso pode ser explicado pela presença dos mesmos atores nos três ambientes: a retomada da movimentação em um deles pode provocar a utilização dos outros, mesmo que os temas tratados sejam diferentes.

No embalo de maio, o mês de junho de 2011 marca um novo pico (13 postagens e 39 comentários), que não será mais superado na história de existência do blog. As postagens de junho se dividem em duas temáticas principais: o apoio/chamado/divulgação para a Marcha da Liberdade⁸⁹ e a Marcha das Vadias⁹⁰ (que aconteceram simultaneamente no dia 18 de junho de 2011) e as críticas direcionadas diretamente ao então prefeito Marcio Lacerda. A primeira temática parece reforçar a tendência do aumento da atividade online paralelo à realização de ações de ocupação presencial, organizadas ou apoiadas pelos banhistas. A segunda aponta para o movimento que buscamos destacar na seção acima, em relação à lista de e-mails. No blog, é mais evidente como as críticas à gestão urbana higienista, que começam pelo decreto, vão se personificando na figura do prefeito. A crítica culmina na criação do Movimento Fora Lacerda, noticiada em postagem do dia 30 de junho de 2011: “Lançado em Belo Horizonte o Movimento Fora Lacerda”⁹¹. Nos meses seguintes, de baixa atividade nas postagens, as ações do Fora Lacerda (como a Marcha realizada em setembro) e os artigos sobre a administração do prefeito ganham destaque nos poucos posts remanescentes. Além disso, a Praia é retomada como uma espécie de ancoragem simbólica em diversas ações posteriores do movimento – como a Praia dos Trabalhadores (realizada em 1/05/2012) e a Praia da Savassi (realizada em 7/07/12) – caracterizando uma relação complexa entre Praia da Estação e Movimento Fora Lacerda, que retomamos no último capítulo desta dissertação.

⁸⁹ Manifestação organizada em resposta à violenta repressão policial à Marcha da Maconha, em São Paulo. A ação espalhou-se em rede e tornou-se um movimento nacional, com marchas realizadas em diversas de diversas cidades brasileiras.

⁹⁰ Manifestação feminista de alcance global, teve origem no Canadá (como *Slut Walk*), contra a recomendação policial de evitar o estupro ao não se vestir como vadias.

⁹¹ Disponível em <http://pracalivrebh.wordpress.com/2011/06/30/lancado-em-belo-horizonte-o-movimento-fora-lacerda/> (Acesso: 14/12/12).

Em relação aos comentários do blog, a variação é praticamente idêntica à das postagens (ainda que os valores possam diferir, os picos e baixas na atividade estão localizados nos mesmos meses), como se pode ver no gráfico acima. Importante ressaltar que, além dos usuários que clicam em “Deixar um comentário” e efetivamente deixam uma mensagem, o número de comentários na plataforma Wordpress é medido de acordo com a operação de compartilhamento das postagens, seja em perfis do Twitter (por meio de uma ferramenta chamada Topsy) ou em outros blogs. Assim, o número registrado aponta não só para comentários propriamente ditos, mas para a atividade comunicacional dos usuários em torno das postagens, de modo geral.

A média de comentários do blog é de 26 por mês (sendo que o mês mais movimentado – março de 2010 – registra 200 comentários, e os menos movimentados – como aqueles entre março e dezembro de 2012 – não registram comentário algum). É possível recuperar a relação das 10 postagens mais comentadas (de acordo com a contagem do próprio Wordpress, disponível no “painel” de visualização do usuário *praceirxx*⁹²) ao longo dos três anos de atividade desse ambiente. A primeira delas, com 38 comentários, é “Carta aberta a Marcio Lacerda”⁹³, de 16/12/10, assinada por Priscila Musa⁹⁴. Irônico, o texto é escrito em forma de uma carta enviada ao prefeito por uma tia idosa. A tia fictícia dá uma bronca no sobrinho, aconselhando-o a mudar a forma como vem governando Belo Horizonte e citando diversas questões que aparecem em outras postagens do blog, na lista de e-mails e no Twitter: o cercamento da Praça da Estação, o cancelamento do FIT, os acordos com a Fifa, as ameaças de despejo das ocupações urbanas, etc. A grande maioria dos comentários sinaliza aprovação, elogiando o texto. Apenas três usuários discordam do conteúdo da carta, sendo prontamente respondidos por outros, que buscam desconstruir a crítica. A carta reverberou amplamente, com 81 compartilhamentos no Twitter (de acordo com a ferramenta Topsy) e foi postada em pelo menos seis blogs (contabilizados pelo Wordpress).

Com 33 comentários, o segundo lugar da lista é da postagem “Não me organizem. Crítica do arrastão na última praia.”⁹⁵, de 29/03/10. Assinado por Rita Garella, o post traz um relato crítico da Praia realizada no sábado anterior (27/03), em que os banhistas se uniram a

⁹² *praceirxx* é o nome de usuário do blog da Praia, disponível em postagem fixa na página inicial. Por meio dele, é possível visualizar esse tipo de informações, assim como as estatísticas de acesso ao blog.

⁹³ <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/12/16/carta-aberta-a-marcio-lacerda/> (Acesso: 17/01/13)

⁹⁴ A maior parte das postagens do blog não traz nenhum tipo de assinatura, constando no campo de assinatura apenas Luther Blissett ou Ommar Motta (como vimos no primeiro capítulo, nomes escolhidos para a assinatura automática das postagens). Quando o/a autor/a da postagem se identifica, o faz no corpo do texto.

⁹⁵ <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/03/29/nao-me-organizem-critica-do-arrastao-na-ultima-praia/> (Acesso: 17/01/13)

uma manifestação contra o cancelamento do FIT na porta da prefeitura. O ato reuniu não apenas os banhistas habituais, mas também atores, integrantes de companhias de teatro e membros de partidos de esquerda. A postagem acusa esses partidos de tentativa de aparelhamento da manifestação, levantando mais uma vez a controvérsia relativa às lideranças e à institucionalidade do protesto. É possível observar a construção de uma dinâmica de conversação nos comentários, entre os usuários que concordam ou elogiam a postagem (e são maioria), os que discordam e criticam e os que buscam desenvolver um meio termo. Em diversos dos comentários, a ideia de rede é posta em cheque, deixando a controvérsia em aberto.

Interessante notar que o texto é respondido por outra postagem (que também está entre as mais comentadas, com 22 respostas): “UMA CRITICA PARA A CRITICA.⁹⁶”, de 30/03/10. Nela, o principal alvo da crítica da postagem anterior (que assina como Jessé Duarte) toma a palavra. Jessé busca esclarecer a organização conjunta do ato contra o cancelamento do FIT entre artistas, movimentos sociais e partidos, afirmando que tudo isso havia sido informado aos banhistas em uma reunião conjunta e se defendendo das acusações de Rita. E contra-ataca tensionando a questão das lideranças, questionando a existência de uma postura autoritária dentro da Praia. O texto recebe 22 comentários, que novamente retomam a controvérsia da horizontalidade entre os que apoiam Jessé, os que criticam e os que buscam algum tipo de conciliação. Alguns dos comentários do post anterior inclusive se repetem nessa postagem. Pode-se dizer que o conjunto formado pelos dois posts e seus respectivos comentários constitui uma conversação dentro do blog, que inclusive reverbera para a lista de e-mails.

De volta às demais postagens, a terceira mais comentada (com 28 respostas) data do dia 20/12/10. Partindo da ideia de que “a Praia da Estação parece ser a confluência de uma heterogeneidade de pessoas que dão a ela sentidos e significados diversos”, o post “...E PRA VOCÊ, MEU IRMÃO, O QUE É A PRAIA DA ESTAÇÃO?⁹⁷” incita os banhistas a compartilhar sua visão sobre a Praia e seus desdobramentos. Nos comentários, a postagem cumpre o que propõe: ainda que a maior parte dos usuários comente algo elogioso relativo à manifestação, é possível ver diferentes versões, críticas importantes e alguns comentários problematizadores que destoam do que normalmente é compartilhado no blog. Alguns aspectos controversos vêm a tona, como a questão das lideranças, o medo da cooptação e a avaliação da potência política da manifestação.

⁹⁶ <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/03/30/uma-critica-para-a-critica/> (Acesso: 17/01/13)

⁹⁷ <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/12/20/pravoceoqueea-praia-da-estacao/> (Acesso: 17/01/13)

A quarta postagem mais comentada (também com 28 comentários) é a “FIT 2010 cancelado”⁹⁸, publicada em 18/03/10, que noticia e lamenta a decisão da Fundação Municipal de Cultura pelo cancelamento do Festival Internacional de Teatro. Nos comentários, a grande maioria dos usuários critica a atitude da FMC. Alguns deles propõem a realização de ações de protesto, como um festival alternativo na Praça da Estação. Os últimos 5 comentários são pedidos de cancelamento de um serviço chamado “FIT sms”, por parte de usuários provavelmente externos ao universo do blog, que parecem não ter compreendido do que se tratava a postagem. Esse comportamento é bastante comum: diversos posts são comentados pelo que parecem ser usuários desavisados, que chegam ao blog Praça Livre por meio de buscas de assuntos variados na internet e destoam completamente do universo de sentidos que parece estar em jogo nas postagens.

É o caso do que acontece com a quinta postagem mais comentada (ainda com 28 comentários): “BH não tem praia? Então o que temos?”⁹⁹, publicada em 09/02/10, que reproduz imagens de satélite de várias regiões da cidade, buscando mostrar como as áreas verdes destinadas às atividades de lazer estão reduzidas, abandonadas ou sufocadas pelos prédios. A postagem é indexada com a tag “Movimento pela criação de ciclovias, parques e corredores verdes em Belo Horizonte”, presente em outros posts do início de 2010, todos eles críticos em relação à cultura do automóvel e dos processos de “revitalização” dos grandes centros urbanos. Dos 28 comentários do post, 26 são assinados pela usuária Izadora, que parece ser uma criança que caiu no blog da Praia por acidente, compartilhando seu desejo de morar em uma cidade litorânea, destacando o quanto gosta de ir para a casa da avó e como gostou de ter encontrado esse site. Os dois últimos comentários são assinados pela usuária Flavia, no mesmo espírito de Izadora.

“SOMOS TOD@S PIORES DE BELÔ”, postada em 30/09/10¹⁰⁰, entra na lista com 27 comentários. Trata-se de um manifesto de apoio ao grupo Piores de Belô, problematizando a questão da pixação no contexto urbano e buscando sensibilizar os leitores para a causa. A postagem atribui o gesto da PBH de enquadrar o grupo de pixadores como “formação de quadrilha” a uma postura repressiva e higienista, que se agrava com a aproximação da Copa do Mundo. São utilizadas as tags “Intervenção Urbana”, “Piores de Belô”, “Pixo” e “Solidariedade”. As postagens dividem-se entre manifestações de apoio e críticas à prática da pixação (sem que necessariamente se estabeleça ali uma conversa efetiva entre os usuários).

⁹⁸ <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/03/18/fit-2010-cancelado/> (Acesso: 17/01/13)

⁹⁹ <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/02/09/bh-nao-tem-praia-entao-o-que-temos/> (Acesso: 17/01/13)

¹⁰⁰ <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/09/30/somos-tods-piores-de-belo/> (Acesso: 17/01/13)

Interessante notar a presença de muitos usuários que se identificam como pixadores, ex-pixadores ou aspirantes à prática, que não se fazem presentes (ou não se identificam) em outras postagens. De acordo com a ferramenta Topsy, a postagem tem 12 compartilhamentos no Twitter.

A postagem “Carta avaliativa de 1 ano, aberta aos comapnheiros de praia¹⁰¹” [*sic*], de 03/02/11, é a sétima mais comentada, com 22 respostas. Gerada pela discussão mais movimentada de fevereiro de 2011 na lista de e-mails (como vimos acima, uma autoavaliação coletiva posterior ao terceiro Eventão), a postagem traz o ponto de vista de um banhista sobre a necessidade de se chegar a mais pessoas, com uma crítica ao posicionamento dos demais em relação a esse assunto. Alguns usuários estabelecem uma discussão expressiva nos comentários, em que novamente são retomadas questões controversas, como a ideia de horizontalidade e a potência política da Praia.

Em oitavo lugar, está a postagem “UMA CRÍTICA PARA A CRÍTICA”, como vimos acima. Em nono, está o texto “Erro no sistema de seleção para Feira da Afonso Pena¹⁰²”, postado em 14/02/11, com 21 comentários. O post denuncia o sistema criado pela PBH para cadastrar as pessoas interessadas em participar no sorteio público para feirantes da Feira Hippie, que permitia visualizar dados pessoais de todos os inscritos e, com eles, cancelar a inscrição de qualquer um. A postagem nasce de uma série de conversações que tematizaram a questão da Feira na lista de e-mails, em fevereiro de 2011. A maior parte dos comentários consiste em uma discussão acerca da idoneidade da autora da postagem, ex-funcionária da Câmara Municipal, que afirma que foi ameaçada de demissão por publicar, em seu perfil no Twitter, informações sobre irregularidades em algumas compras públicas. Os demais comentários consistem em críticas à PBH e manifestações de apoio aos feirantes.

A décima postagem listada pelo Wordpress é “Prefeitura Revoga Decreto¹⁰³”, de 05/05/10, com 19 comentários. A postagem reproduz os decretos que substituíram a proibição inicial, salientando o sistema de cobrança instituído para a realização de eventos na Praça da Estação. A conversação nos comentários parte do questionamento de um usuário: “Da pra considerar isso uma conquista?”. Grande parte das respostas dos outros usuários busca responder essa questão – e as interpretações divergem bastante. Outros comentários buscam esclarecer pontos dos decretos ou criticar a PBH e o prefeito Marcio Lacerda. Dois

¹⁰¹ <http://pracalivrebh.wordpress.com/2011/02/03/carta-avaliativa-de-1-ano-aberta-aos-comapnheiros-de-praia/>
(Acesso: 17/01/13)

¹⁰² <http://pracalivrebh.wordpress.com/2011/02/14/erro-no-sistema-de-selecao-para-feira-da-afonso-pena/>
(Acesso: 17/01/13)

¹⁰³ <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/05/05/prefeito-revoga-decreto/> (Acesso: 17/01/13)

comentários, ao final, reproduzem uma conversação da seção de comentários do Jornal Estado de Minas, que tem outras ações de proibição da prefeitura como objeto.

Todas essas postagens foram publicadas em períodos de picos de movimentação em todos os ambientes, como pode ser visto em seus respectivos gráficos. Além disso, com exceção dos posts “Prefeitura revoga decreto” (publicado em maio de 2010) e “SOMOS TOD@S PIORES DE BELÔ” (publicado em setembro de 2010), as demais postagens coincidem com períodos de realização das Praias – os meses de março e dezembro de 2010 e fevereiro de 2011. Novamente, a sobreposição entre a ocupação presencial e a atividade nos ambientes midiáticos aparece como um fator importante para a movimentação.

É possível perceber certa recorrência entre os usuários que assinam os comentários dessas postagens, seja em relação a outros comentários do blog ou a usuários da lista de e-mails. Os nomes Bruno Vieira, Coala Croata, Fidélis¹⁰⁴ e [conjunto vazio], presentes em muitos dos comentários do blog, estão entre os 10 usuários mais ativos da lista de e-mails. Outros membros da lista também aparecem comentando essas postagens, como cidadão comum, João Flor de Maio, Priscila Musa, Pedro Marra, Valeria. Obviamente, muitos outros membros podem estar entre os usuários que não se identificam, fazendo uso de pseudônimos. Aparecem bastante, além dos tradicionais Luther Blissett e Ommar Motta, outros apelidos, como Ana Banana, Bento Epaminondas, Jaci Pires, Janaete Kyra, Jaunty Jacklope, Maria das Couves e Zé Ninguém. Há também usuários que não podem ser identificados nas mensagens da lista, mas se repetem nos comentários, como Analise da Silva, Érica Êmito, Ludmilla Zago e Rafael. Isso não significa que eles não estejam entre os membros da lista: eles podem tanto usar outros nomes, quanto permanecer em silêncio em outros ambientes.

Em relação aos temas, a postagem mais comentada de todas (“Carta aberta a Marcio Lacerda”, com 38 respostas) reúne diversas críticas ao prefeito – o que é bastante sintomático do caminho que a Praia da Estação parece ter seguido ao longo do tempo, em direção ao Fora Lacerda. A postagem reverbera bastante no twitter, como vimos acima, mas não chega a gerar nenhuma resposta na lista de e-mails, embora tenha sido encaminhada em uma mensagem do usuário Bruno Vieira.

A configuração temática que parece predominar entre as postagens é outra. Em cinco, das dez postagens que mais movimentaram o espaço de comentários no blog, pode-se dizer que o tema que agencia tantas respostas é a própria Praia: tensões e discordâncias sobre

¹⁰⁴ Ainda que haja variação no modo de assinar, esses nomes se repetem bastante, e é possível identifica-los pelo uso do mesmo avatar. Fidélis, por exemplo, assina como “Fidel” algumas vezes – mas a foto que compõe seu avatar é a mesma. O caso é o mesmo para Coala Croata e Rafael.

aspectos diversos da manifestação provocam réplicas de outros usuários, alimentando uma conversação que muitas vezes advém dos outros ambientes ou reverbera para eles. As questões controversas têm aqui um papel importantíssimo: horizontalidade, anonimato, lideranças e potência política, entre outros temas, são questões que parecem tocar banhistas e não-banhistas, alimentando a conversação e agenciando a movimentação.

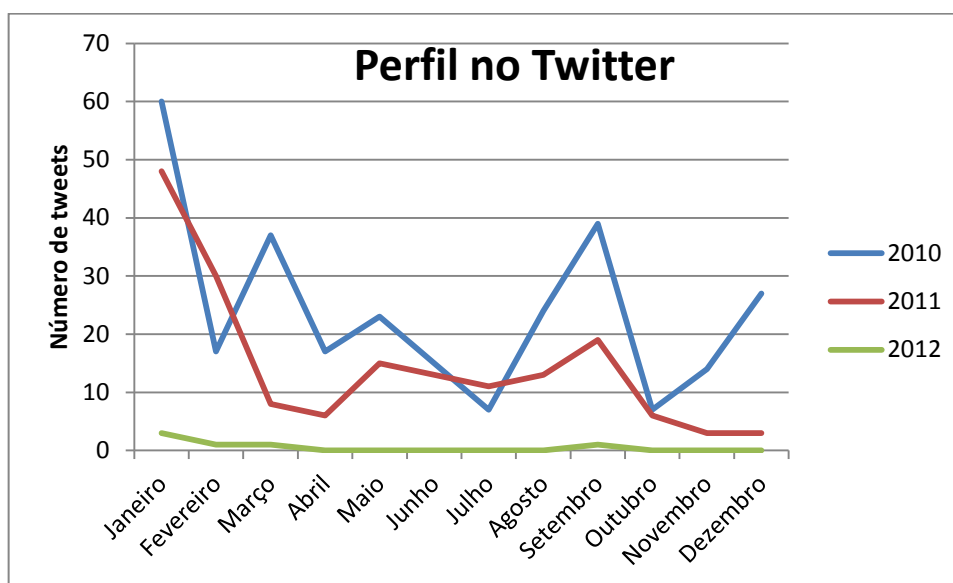
Ademais, isso revela como os comentários parecem ser um espaço importante para gerar brechas no discurso publicizado pelo blog. Com exceção das postagens “UMA CRÍTICA PARA A CRÍTICA” e “Carta avaliativa de 1 ano, aberta aos companheiros de praia”, em cujo texto são recuperados pontos de tensão, é nos comentários que as controvérsias costumam aparecer. É nesse espaço, por exemplo, que os usuários contrários à pixação ou favoráveis ao cercamento da Praça se manifestam. Ainda que a senha e o login sejam abertos (buscando justamente maior diversidade, como anunciado quando da criação do blog), parece delinear-se certa constância no que diz respeito ao tom, aos argumentos e à temática abordada, que imputa às postagens um sentido preferencial – ao contrário da lista, em que os embates entre os sentidos elaborados pelos banhistas aparecem com muita frequência. Como veremos mais adiante, em meio à aparente desordem em que os registros textuais estão dispostos, é possível perceber como os sentidos vão sendo construídos de modo reticular, por meio de conexões simbólicas, que se dão tanto entre os três ambientes, como internamente a cada um deles. Mapear essas conexões é nossa proposta nesta dissertação.

2.1.3 – @pracalivrebh

O perfil no Twitter foi criado no mesmo dia da lista de e-mails, em 12 de janeiro de 2010. O primeiro registro que se tem dessa criação na lista é uma mensagem do usuário Bruno Vieira, de 13/01/2010, sobre a divulgação da Praia:

Para ajudar no contato e na divulgação do movimento, foram criadas as contas de e-mail (pracalivr...@gmail.com) e uma conta no Twitter (twitter.com/pracalivrebh) que poderão a disseminar o movimento pela internet. (Bruno Vieira)

O perfil registra 1422 seguidores e 470 *tweets*¹⁰⁵, e tem como descrição “*Movimento contra as medidas do prefeito de Belo Horizonte, Marcio Lacerda*”. Ao contrário do blog, em que qualquer usuário pode postar conteúdo, a senha do Twitter nunca esteve aberta. Alguns comentários na lista de e-mails dão a entender que o perfil era gerenciado por poucos usuários, o que configura uma dinâmica conversacional diferente da lista de e-mails e do blog, como veremos mais adiante. No gráfico abaixo, pode-se observar a variação da atividade de banhistas no Twitter:



Novamente, é visível um padrão de atividade semelhante aos outros ambientes, em que a maior parte dos picos e baixas se localiza nos mesmos períodos de tempo. O perfil tem um *boom* de tweets em janeiro de 2010, à época de sua criação, quando são registradas 60 postagens. A grande maioria dos tweets desse mês (somando 24) consiste em modos de divulgar a movimentação, “espalhar a palavra¹⁰⁶”: seja por meio da reprodução das palavras de ordem entoadas coletivamente pelos banhistas (“*Ei, Polícia! A praia é uma delícia!*” – em 18/01/10); de retuites de comentários sobre a Praia do sábado anterior (“*fotos de hoje, no evento @pracalivrebh . Muito divertido, pessoas legais e situações engraçadas. Achamos que isso já pegou http://ow.ly/ZM3z.*” – 23/01/10, retweetado de @criticarbh); de celebrações da existência da manifestação (“*Praia da Estação, a nova onda do verão! Valeu galera que*

¹⁰⁵ Para efeito de comparação, o Twitter da Prefeitura de Belo Horizonte (www.twitter.com/pbhone) tem 12588 seguidores e 19536 tweets. Dados de 17/01/13.

¹⁰⁶ A expressão é utilizada no primeiro tweet do Perfil (“Bem-vindos! Hora de espalhar a palavra e não deixar a Praça sem eventos culturais! #pracaBH”), e chega a ser utilizada como hashtag em alguns poucos tweets posteriores (#espalheapalavra).

apareceu lá!” – em 18/01/10); ou de links para fotos e matérias sobre a Praia na grande mídia ou blogs (“#PraiaDaEstação saiu no @g1, no @portalr7, no #HojeEmDia, na@ufmgeducativa, no #UOL, no @OTEMPOOnline e em vários blogs! \o/” – em 16/01/10). Outro tema recorrente (com 18 tweets) são as convocações para Praias, reuniões e outros eventos que passaram a ocupar o espaço da Praça: “*Vamos convocar a galera para a praia! <http://is.gd/5reED>*” – 19/01/10; “*Lembrando: nessa terça (26 de janeiro), 18 horas, reunião sobre as questões da Praça da Estação/Praia da Estação, na própria praça. Apareçam!*” – 25/01/10, retweetado de @xpaulorochax; “*Sarau na Praça - leitura livre de poemas na Praça da Estação, domingo, 31/01, a partir das 19h [traga poemas, música, vinho e criatividade!]*” – 29/01/10, retweetado de @guddsmg. Essas duas formas de atividade comunicacional podem ser verificadas de modo intenso em todos os períodos em que a troca nos ambientes midiáticos se sobrepõe à ocupação presencial da Praça.

O início das atividades no Twitter destoa ligeiramente dos demais ambientes. Janeiro de 2010 é o mês mais movimentado em todo o período de existência do perfil, mas na lista e no blog, como vimos acima, a maior movimentação é localizada em março do mesmo ano. Essa diferença pode ser atribuída a fatores como a diferença entre as plataformas (alimentar o conteúdo em um perfil no Twitter, em que as postagens são constituídas de pouquíssimos caracteres, é menos trabalhoso do que em um blog, além de não depender da adesão imediata de outros usuários – como acontece com comentários ou respostas na lista de e-mail). De qualquer maneira, a diferença não chega a ser grande, levando em conta que a lista de e-mails também teve bastante atividade no período e que o blog foi criado uma semana depois.

Além disso, o perfil no Twitter também tem um pico em março de 2010, embora a movimentação tenha sido menor do que em janeiro, com 37 tweets. Novamente, lideram os tweets de divulgação da Praia ou de convocação para Praias e eventos afins (como o primeiro eventão, realizado em 6 de março). Outro tema que mobiliza diversos tweets em março é o cancelamento do FIT. Assim como acontece no blog e na lista, o assunto é intensamente incorporado às discussões entre banhistas e outros usuários da internet, estabelecendo links para outros blogs, sites de notícias, etc.: (“*RT: @vieira707: RT: @criticarbh: E então, @pbhonline, vão pronunciar algo com relação ao #FIT2010 ou permanecerão como robôs digitais?*” – 19/03/10; “*impeachment pro Lacerda, esse fascista!! RT @Cvrf O FIT é LEI: <http://picumah.blogspot.com/2010/03/o-fit-bh-e-lei.html#cancelamentodofit>*” – 18/03/10, retweetado de @lglopes; “*RT @Rafamiragem Panelaço na Praia da Estação pela manutenção do #FIT: amanhã a partir do meio dia! #praiaaestação #FIT2010*” –

19/03/10;). Pode-se dizer que o burburinho gerado em torno do FIT atravessa os três ambientes no mês de março, no que pode ser considerado uma espécie de conversação ampliada, como veremos mais adiante nesta seção.

Acompanhando a atividade do blog, a movimentação no perfil cai em abril de 2010, quando se registra 17 tweets, e volta a subir em maio, com 23. Maio é o mês do segundo eventão, tema que domina a maior parte dos tweets (13 deles), em convocações ou tweets de conversa com outros usuários. Em junho, o movimento no Twitter volta a cair, chegando a 7 tweets no mês de julho. Como vimos acima, o período, que marca o início do inverno e coincide com as férias universitárias do meio do ano, é fraco em todos os ambientes midiáticos. A variação é semelhante também nos meses seguintes, em que a movimentação cresce na lista, no blog e no Twitter até chegar a um novo pico de atividade, em setembro de 2010. Neste último ambiente, que registra 39 tweets, o tema mais recorrente é o Festival Transborda – assunto que também agencia a atividade no blog e na lista de e-mails da Praia. Novamente, é possível observar uma dinâmica de conversação estabelecida entre os três ambientes, em que o tema escorrega entre um e outro em uma discussão ampliada.

A atividade cai no mês seguinte, outubro de 2010, e volta a crescer em novembro, sendo registrado um novo pico em dezembro, com 27 tweets. Assim como no blog e na lista de e-mails, essa retomada na movimentação parece estar relacionada ao retorno das Praias, cujas convocações ocupam boa parte dos tweets (um total de 6). No perfil do Twitter, no entanto, o tema que mais aparece é a crítica dirigida diretamente ao prefeito Marcio Lacerda, em 9 diferentes tweets, como: “*No mínimo, uma brincadeira sem graça apontar Márcio Lacerda como melhor prefeito do Brasil. <http://ht.ly/3uJ72> (via @criticarbh)*” – 27/12/10; e “*Ê, LACERDA! Ê, @pbhonline! RT: @criticarbh: EDUCAÇÃO pode ter verbas reduzidas a partir do ano que vem na capital mineira <http://ht.ly/3s4ap>*”. Veremos como, ao longo dos anos, a crítica ao prefeito passa a constituir a tônica das postagens.

Um novo pico é registrado em janeiro de 2011, com 48 tweets. Além das convocações para as Praias e eventos organizados pelos banhistas durante o mês (que somam 6 tweets), um número expressivo de tuitadas remete à divulgação da Praia no estilo “espalhe a palavra”, como vimos nos primeiros meses de atividade do perfil. Mensagens como “*Daqui a pouco a #PRAIADAESTACAO completa um ano. Pensa que acabou?*” – 12/01/11, ou “*sucesso total do 3o Eventão da #PraiaDaEstacao*<http://tinyurl.com/4druz8> @pracalivrebh se liga aí Lacerda! (via@graveola)” – 23/01/11, retweetado de @lglopes, são maioria no mês de janeiro, totalizando 16 tweets. O perfil também foi alimentado com muitos links para

postagens do blog. Diferente da dinâmica de postagem nos meses anteriores outros meses, diversos tweets (14 do total) consistem apenas em reproduções dos títulos, linkando para o endereço de diversas postagens no blog. No dia 24 de janeiro, por exemplo, são registrados os tweets: “.: Revista Fórum .: As ameaças ao direito à moradia em BH: <http://wp.me/pMs1R-uf>”; “Bento XVI & Luther Blisset: <http://wp.me/pMs1R-us>”, “Eventão de 1 ano da Prá prá prá Praia da Estação: <http://wp.me/pMs1R-uy>” e “Áudio da Reunião com a Prefeitura: <http://wp.me/pMs1R-uw>”, todos seguindo o mesmo procedimento “título da postagem + link para o blog”.

Embora seja recorrente a remissão ao conteúdo postado no blog, essa é a primeira vez que os tweets aparecem com essa estrutura (que será seguida nos meses seguintes), o que sugere que um usuário diferente passou a alimentar o perfil nesse período. Os registros no Twitter parecem, assim, se caracterizar por uma forte vinculação ao usuário que gerencia o perfil. Nesse sentido, o ambiente destoa bastante do blog (em seu espaço de comentários) e da lista, em que o confronto entre usuários diversos é mais recorrente. Isso pode ajudar a explicar, por exemplo, a manifestação bastante reduzida das controvérsias no Twitter – ambiente em que o discurso aparece muito mais coeso do que nas outras plataformas.

Voltando ao gráfico, a movimentação no Twitter volta a cair depois de janeiro de 2011, chegando a apenas 6 tweets em abril – período em que, como vimos, o blog esteve sem novas postagens. Maio marca um novo aumento de atividade, assim como acontece na lista e no blog. No perfil, os 15 tweets do mês são de temáticas variadas: dividem-se entre chamados para uma ação na Praça da Rodoviária, textos sobre a Praia publicados em blogs e críticas a Marcio Lacerda. Assim como no blog, nenhum tema em especial mobiliza o perfil e os assuntos tratados no Twitter não coincidem com a temática que gerou movimentação na lista de e-mails. Novamente, os dados parecem sugerir uma espécie de agenciamento causado pela movimentação entre os ambientes: ainda que os temas não sejam os mesmos, o aumento da atividade em um deles (no caso, a lista) parece movimentar também os demais.

Depois de maio, a movimentação se mantém constante até setembro. Nesse meio tempo, é importante atentar para o surgimento do Movimento Fora Lacerda, cujo lançamento é noticiado no perfil da Praia no Twitter em junho de 2011. Desde então, a maior parte dos tweets se resume a críticas à administração da PBH (a maioria delas relacionadas diretamente ao prefeito), palavras de ordem ligadas ao Fora Lacerda e convocações para ações organizadas pelo movimento: “O dono do Iate.: <http://wp.me/p1msrs-lq> (o que quer afinal Márcio Lacerda? - post no blog Arruma essa bagunça, Astrogildo!) #bh#lacerda” – 15/06/11,

retweetado de @MysterySignal; “Beagá: 1ª reunião do #ForaLacerda foi sábado. Próxima: Domingo, 10/07, 14h, na Praça da Assembleia. Acumulam forças p/grande ato em agosto.” – 04/07/11, retweetado de @iavelar; “Denuncie o Márcio Lacerda você também! VEM! Entre em www.mp.mg.gov.br > Institucional > Ouvidoria > Fale Conosco > Cadastrar Manifestação.” – 19/08/2011; “Bom dia e #FORALACERDA!” – 20/08/11.

Em setembro de 2011, há um novo pico, com 19 tweets. Setembro é o mês em que o movimento Fora Lacerda realiza a primeira Marcha Fora Lacerda, o que parece agitar a atividade no perfil da Praia. A maior parte dos tweets (8 deles) está relacionada ao movimento, seja em críticas direcionadas à figura do prefeito (“*SEGUREM ESSA: Lacerda terá de responder por dar cargo ao filho na Prefeitura <http://j.mp/pXGZmR> #foralacerda*” – 15/09/11), mensagens de divulgação do movimento (“*Sabem qual eh a boa do dia? Seguir @foralacerda! Sigamos todos!*” – 20/09/11) ou convocações para a Marcha (“*Não seja omissos! Marcha #FORALACERDA sábado, 24/09, meio-dia, na Praça da LIBERDADE. Liberdade. Liberdade. Liberdade. Liberdade.*” – 20/09/11, retweetado de @foralacerda).

Outros 5 tweets são relacionados à greve dos professores estaduais, fortemente reprimida pelo governo do Estado. Importante lembrar que, antes de ser eleito governador, Antônio Anastasia foi vice de Aécio Neves, ex-governador do Estado e forte apoiador da campanha de Marcio Lacerda para a prefeitura em Belo Horizonte. Essa relação entre Anastasia, Aécio Neves, Marcio Lacerda (e Pimentel, ex-prefeito também apoiador) é sempre retomada pelos banhistas, que entendem os políticos acima referidos como um mesmo grupo a se opor, como pode ser visto em: “*PT insiste na parceria Caracu com Aécio: <http://j.mp/sSC6rh> via@foralacerda // leia @lugarrocho*” – 19/11/11, retweetado de @gustavobones; ou em “*RT @foralacerda Enquanto a mídia Aecista-Mineira boicota, o Movimento #ForaLacerda ganha reconhecimento em São Paulo!<http://fb.me/14xByBfIV>*” – 12/12/11, retweetado de @mandinha_bhz. Depois da realização da I Marcha, em setembro de 2011, a movimentação no perfil da Praia da Estação volta a cair, diminuindo progressivamente até 2012, que registra apenas 6 tweets ao longo de todo o ano.

Esse movimento revela como, no Twitter, o desdobramento da Praia da Estação no Fora Lacerda é ainda mais evidente. Se as críticas nominais ao prefeito já eram recorrentes no perfil da Praia, elas se tornam quase que exclusividade dos tweets seguintes à criação do Movimento, em conjunto com as convocações para suas ações, os links para o blog www.foralacerda.com, retweets do perfil @foralacerda e utilização da hashtag #foralacerda. Dos 61 tweets registrados de julho de 2011 a dezembro de 2012, 40 relacionam-se

diretamente ao Fora Lacerda (cerca de 65% do total). Esse movimento em direção a um novo Movimento atravessa os três ambientes: na lista, ele pode ser suposto pela migração da atividade de muitos dos mesmos atores para outra lista de e-mails. No blog e no Twitter, ele é evidenciado pelos temas das postagens e tweets. Veremos a seguir como essa ideia de sentidos que escorregam entre diferentes espaços será compreendida nesta dissertação em termos de uma textualidade configurada em conexões midiáticas.

2.1.4 – A emergência da textualidade

É possível perceber especificidades e objetivos próprios a cada um desses ambientes midiáticos, conforme a natureza das plataformas que os abrigam e a apropriação que os usuários fazem de cada uma das ferramentas. Mais do que isso, no entanto, fica evidente como a conversação estabelecida em torno da Praia atravessa e sobrepõe os três espaços midiáticos em estudo, configurando uma dinâmica reticular na qual os sentidos transbordam de um espaço midiático a outro. É precisamente essa dinâmica que nos interessa neste trabalho: o modo como a textualidade sobre a qual nos debruçamos circula entre a lista de e-mails, o blog e o perfil no Twitter da Praia da Estação. Para entender o modo como isso será abordado aqui, é preciso fazer um movimento da ideia de texto à de textualidade.

Ecoando a crítica de Bakhtin (2003), Gonzalo Abril (2007) coloca em questão a ideia de texto como uma entidade homogênea e bem definida, buscando chamar atenção para a dimensão das práticas que atualizam e dinamizam o processo de construção textual.

No pensamento de Bakhtin o texto não é uma entidade estável em uma encruzilhada de relações intertextuais, mas um processo, um devir de solapamentos, hibridações e osmose entre fragmentos textuais prévios, linguagens e perspectivas sociosemióticas (ABRIL, 2007, p. 82).

Ao transgredir os limites do texto, o problema é deslocado para as fronteiras e atravessamentos entre os textos. É preciso, segundo o autor, abandonar a metáfora do texto como ilha para entendê-lo como um *arquipélago*. Para além do que delimita e encerra os textos em si mesmos, interessa compreender as articulações e arranjos provisórios que os compõem. O texto como arquipélago deve ser pensado assim como *rede textual*: “estrutura relacional em permanente reconstituição” (ABRIL, 2007, p. 83).

É nessa medida que Abril propõe o entendimento do texto como entidade *sintática*, situada na interseção de determinações pragmáticas (relativas às práticas sociodircurivas de leitura) e semânticas (que remetem ao universo simbólico em que o texto está inserido). A sintaxe é assim compreendida não como um conjunto de regras, mas como arranjo tático de elementos variados, articulação das diferentes relações que vão compor a rede textual. Qualquer texto, nessa medida, deve deixar de ser considerado uma entidade estática: tanto uma página de jornal, como um videoclipe, por exemplo, devem ser pensados de acordo com suas articulações internas, atravessados por processos de hibridação, diálogo e conflito.

Num conjunto de textos como o que está em jogo nesta dissertação (composto pelo entrecruzamento de fragmentos hipertextuais), as relações são especialmente problemáticas e abertas. Não há o fechamento ou a familiaridade das construções textuais tradicionais. Se as conexões que vão compor a rede textual não estão dadas em nenhum tipo de texto, a especificidade do material com que trabalhamos demanda uma abordagem radicalmente voltada para essa articulação. É nesse sentido, buscando ressaltar a dinamicidade e o movimento dos processos que conformam os textos, que chamamos a ideia de *textualidade* para designar o produto da articulação das relações que compõem a rede textual que investigamos. O uso do conceito busca chamar atenção não só para o conjunto de fragmentos oriundos de diferentes ambientes midiáticos (que poderia ser compreendido como os textos que permeiam nosso estudo), mas sobretudo para as relações estabelecidas entre esses ambientes e no interior de cada um deles.

Obviamente, essas relações não se restringem aos ambientes midiáticos. Como vimos na primeira seção do capítulo, os banhistas estabelecem a todo o tempo conexões com episódios relacionados à ocupação presencial da Praça e de outros espaços físicos de Belo Horizonte, assim como com questões que ultrapassam o universo textual compreendido entre o blog, a lista de e-mails e o perfil no Twitter da Praia da Estação. Ademais, pode-se dizer que a conversação nesses ambientes não pode ser pensada como um elemento isolado dos outros tipos de interação que as movimentações em torno da Praça da Estação suscitam. Compreendemos a Praia, desse modo, como um fenômeno que atravessa e sobrepõe dimensões *online* e *offline* da experiência dos sujeitos envolvidos. Privilegiamos neste trabalho, a investigação das relações que compõem a textualidade que emerge entre os ambientes midiáticos – sem desconsiderar que essa rede textual envolve relações que a ultrapassam, mas igualmente sem a pretensão de abarcar a totalidade do fenômeno.

Ao buscar perceber essas relações de articulação, procuramos compreender como as

dinâmicas que se estabelecem entre os registros textuais fazem emergir uma textualidade intermediária, fragmentada e dinâmica, sugerindo conexões provisórias de sentidos que conformam, por sua vez, a disputa simbólica flagrada em torno da Praia. A textualidade que investigamos nesta pesquisa, portanto, não está dada *a priori*. É por meio de uma cartografia das conexões entre os três ambientes midiáticos (como desenvolve o próximo capítulo), que buscamos fazê-la emergir. Mas antes disso, é preciso perceber como a ideia de conexão está relacionada a uma lógica particular, por meio da qual é possível entender a circulação do sentido nos ambientes em questão.

2.2 Sentidos em conexão

Tendo em mente, portanto, a emergência de uma textualidade construída entre os três ambientes midiáticos em questão, os dados da seção anterior parecem delinear uma dinâmica comunicacional que compartilha algumas características com aquilo que Raquel Recuero (2012) define como conversações em rede¹⁰⁷. São conversações coletivas, públicas e permanentes que emergem do espaço compartilhado em diversos sites de redes sociais e se expandem reticularmente pela apropriação dos grupos de usuários: “fundamentalmente, conversações amplificadas, emergentes e complexas, nascidas da interconexão entre atores” (RECUERO, 2012, p. 123).

Embora a autora esteja se referindo a um tipo específico de conversação, que se desenvolve entre membros de diferentes redes sociais e através dos sites de rede social¹⁰⁸ (a partir de *hashtags* no Twitter ou compartilhamentos no Facebook, por exemplo), podemos nos basear em algumas de suas características para pensar a atividade conversacional entre os três ambientes midiáticos em questão. Fundamentalmente, destacamos a capacidade da conversação em rede de navegar entre diferentes espaços midiáticos, amplificada pelas conexões dos atores¹⁰⁹. O que possibilita que os registros dispersos entre blog, lista de e-mails

¹⁰⁷ Recuero (2012) se insere na perspectiva da análise da conversação (“*conversation analysis*”). Não nos interessa, nesse trabalho, a investida metodológica nesse campo, por escapar aos nossos objetivos. Retemos, de sua abordagem, apenas o conceito de “conversação em rede”, que nos parece adequado para pensar a relação entre os ambientes midiáticos aqui investigados.

¹⁰⁸ Recuero (2012) destaca a diferença entre os dois conceitos. Redes sociais, para a autora, são círculos de pessoas conectadas. Sites de redes sociais são plataformas online de relacionamento, como o Facebook, Twitter, Fotolog, etc. Compartilhamos, neste trabalho, dessa concepção.

¹⁰⁹ Neste trabalho, não nos interessam os atores compreendidos de modo isolado. Como veremos no capítulo

e perfil no Twitter constituam de fato uma conversação são exatamente essas *conexões*, que estabelecem uma estrutura reticular por meio da qual os sentidos escorregam – e por meio da qual o próprio fenômeno da Praia vai ganhando sentido.

Com base nas propriedades do conceito de rede, Virgínia Kastrup (2004) propõe a ideia de uma *lógica das conexões*. A noção de rede não pode ser pensada com base em uma “lógica das superfícies”, por meio de fatores como altura, largura e profundidade. O foco na compreensão dos processos reticulares não está em suas dimensões, mas justamente em sua capacidade de conexão.

O que aparece nela [a rede] como único elemento constitutivo é o nó. Pouco importam suas dimensões. Pode-se aumentá-la ou diminuí-la sem que perca suas características de rede, pois ela não é definida por sua forma, por seus limites extremos, mas por suas conexões, por seus pontos de convergência e de bifurcação. Por isso a rede deve ser entendida com base numa lógica das conexões, e não numa lógica das superfícies. (KASTRUP, 2004, p. 80).

Kastrup (2004) destaca o modo como a rede é vazada, composta por linhas – e não por formas espaciais. Não se trata, portanto, de buscar o que poderia ser delimitado por suas dimensões. Pensar a rede em termos de uma lógica das conexões é compreendê-la como um todo aberto, capaz de crescer em todas as direções. É precisamente essa potencialidade de transformação que caracteriza as estruturas reticulares. Segundo a autora, a composição por linhas e a definição por uma lógica das conexões aproximam a rede da noção de *rizoma*, desenvolvida por Deleuze e Guattari (1995).

A ideia de rizoma é um dos princípios característicos da teoria das multiplicidades criada pelos autores, constituindo uma alternativa filosófica ao que chamam de modelo arborescente, sistema de pensamento fundado na hierarquia, no decalque e na reprodução. “Ela [a lógica da árvore] tem como finalidade a descrição de um estado de fato, o re-equilíbrio de correlações inter-subjetivas ou a exploração de um inconsciente já dado camuflado, nos recantos obscuros da memória e da linguagem.” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 21). A metáfora botânica orienta o desenvolvimento do conceito: se a árvore se estrutura de forma ordenada com base em raízes que fixam um tronco uno em um ponto específico da terra, o rizoma é composto por conexões infinitas, brotamentos, hastes. Arbustos subterrâneos e raízes aéreas, em um processo que reverte o modelo da árvore sem se opor a ele.

Sem começo nem fim, composto por dimensões – ou antes, direções – movediças, o

seguinte, estamos trabalhando na perspectiva do ator-rede, segundo a qual um ator deve ser analisado na medida em que está inserido em uma dinâmica de rede, em conexão com outros atores, humanos ou não, e possibilitando relações de agenciamento.

rizoma é conformado por linhas, de segmentaridade e estratificação, mas também de fuga e desterritorialização¹¹⁰. A expansão dessas linhas se dá por meio do movimento de conexão, que é um dos princípios do rizoma¹¹¹. “Qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 15). Ao contrário do modelo da árvore, em que existe um centro a partir do qual as ramificações se realizam, o rizoma faz conexões sem obedecer à lógica hierárquica: seu movimento de expansão está ligado à potencialidade dessas conexões, cuja direção não pode ser prevista.

Dizer de uma lógica das conexões, buscando a ideia de rizoma, é trazer o foco para o constante movimento de conformação das estruturas reticulares, permanentemente sujeitas à reconfiguração. A conversação em rede, nesse sentido, deve ser estudada a partir de propriedades como a indeterminação e o movimento permanente¹¹². Geane Alzamora (2007) atenta para o modo como as dinâmicas de tempo e espaço que caracterizam os processos reticulares acentuam essas propriedades. Do ponto de vista dos arranjos temporais, a arquitetura comunicacional hipertextual sobrepõe a perenidade do armazenamento da informação em bancos de dados (que possibilita a duração e a permanência da informação no ciberespaço, dilatando a experiência temporal) à fugacidade dos fluxos comunicacionais, do consumo da informação em “tempo real” e da constante atualização. Em relação à especificidade da configuração espacial, pode-se atribuir às trocas comunicacionais uma dimensão nômade acentuada, delimitada por redes de relações entre pontos e elementos tecnicamente definidos. Mas a comunicação em rede não encerra os vínculos territoriais: cria, sim, espacialidades híbridas, que sobrepõem espaços físicos e digitais.

A lógica das conexões pressupõe, portanto, a relação entre um presente “dilatado, sobreposto, fluido, fragmentado” (ALZAMORA, 2007, p.78) e uma apropriação técnica do espaço que redimensiona os vínculos territoriais em movimentos simultâneos de desterritorialização e reterritorialização. Entre as diversas implicações que essa configuração acarreta, destacamos o modo como os processos de produção de sentido tornam-se também especialmente fragmentados e abertos, sujeitos à constante potencialidade de expansão das

¹¹⁰ Nesse sentido, o rizoma se aproxima do conceito foucaultiano de dispositivo, apropriado e comentado por Deleuze (1990). Veremos, no capítulo 3, como a ideia de dispositivo será utilizada nesta dissertação.

¹¹¹ Deleuze e Guattari apresentam seis princípios por meio dos quais desenvolvem a ideia do rizoma. São eles: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, decalcomania e cartografia. Retomaremos este último princípio no próximo capítulo.

¹¹² Importante ter em mente que isso não significa a ausência total de padrões que orientam e direcionam esse movimento. Veremos como, embora fragmentada, imprevisível e permanentemente reconfigurável, a conversação em rede nos ambientes que configuram as conexões da Praia da Estação não se estabelece de forma anárquica.

conexões.

Como as interfaces se irradiam através de múltiplas conexões no ciberespaço, os fluxos de informação que delas emergem formam teias de relações constantemente expansíveis, cuja duração depende das dinâmicas temporais interpostas nessas conexões. Assim, a significação de uma dada informação se expande vertiginosamente pela rede, alterando sua topologia à medida que gera mais e mais interesse social. (ALZAMORA, 2007, p. 80)

É por meio das operações dos usuários, dispersas no espaço e no tempo, que o sentido é apropriado, construído e reconstruído, por meio de conexões que atravessam diferentes ambientes midiáticos. Fausto Neto (2010) chama atenção para o papel da *circulação* nesse processo. Para além da relação dicotômica que por vezes se estabelece entre os pólos de produção e recepção, o autor mostra a importância de partir dos processos de circulação para compreender operações de negociação e apropriação de sentidos. A própria compreensão desses sentidos implica em abrir mão de um entendimento linear de sua produção, regida por divergências.

[...] a atividade de produção de sentido realiza-se no âmbito de complexas zonas de enunciação – ou por elas responsáveis – como é o caso da circulação – e que são mais complexas do que a troca e os intervalos. [...] Tais intervalos, ao invés de serem pensados como um fenômeno estático, devem ser lidos como complexas processualidades, enfeixando relações sobre as quais não se detêm o controle de suas dinâmicas. A própria existência e trajetos de produção e da recepção resultam do “aparelho circulatório”, enquanto efeito de suas disposições, na medida em que é este último quem define e impulsiona sobre as quais se fundam as operações de instalações de produção de sentidos. (FAUSTO NETO, 2010, p. 61).

O foco deve recair, assim, sobre o trabalho de circulação no interior das interfaces, evidenciado pelos processos comunicacionais em rede, a partir do qual o sentido vai sendo construído. Não é possível fixá-lo em determinado usuário, ambiente ou situação midiática. É necessário, no caminho inverso, voltar o olhar para a circulação, para as operações por meio das quais os sentidos em jogo em determinada rede de relações são postos em movimento.

Quando olhamos para a textualidade que emerge em torno da Praia da Estação nos ambientes midiáticos pesquisados, o que se projeta são as conexões por meio das quais os sentidos circulam – de modo circunstancial e efêmero, permanentemente renegociado. São essas conexões, simultaneamente oscilantes e insistentes, que conformarão nossa leitura da “onda” da Praia: uma onda que reverbera por meio de operações de apropriação simbólica, circulando em rede e articulando relações entre ambientes midiáticos interligados e o espaço urbano. Para capturá-la, nossa proposta é investir em duas vias de propagação: as operações

reticulares de *agenciamento*, por meio das quais as conexões de sentidos são estabelecidas, negociadas e reconstruídas; e a construção de um *dispositivo* praiano, emaranhado de linhas que articula as forças em jogo. Veremos, no próximo capítulo, como esses dois conceitos vão nortear a construção da cartografia que propomos nesta dissertação.

3. POR UMA CARTOGRAFIA FLUIDA

Como estudar processos acompanhando movimentos, mais do que apreendendo estruturas e estados de coisas? Investigando processos, como lançar mão de um método igualmente processual? Como assegurar, no plano dos processos, a sintonia entre o objeto e o método?¹¹³

No primeiro capítulo desta dissertação, foi destacado como a indisciplina que caracteriza a Praia da Estação como um objeto de pesquisa demanda uma abordagem conceitual construída pelas bordas, na medida dos vestígios deixados pelos próprios manifestantes. No capítulo 2, partimos de uma exploração dos registros textuais nos três ambientes midiáticos em questão para perceber as dinâmicas de circulação de sentidos no universo investigado, que caracterizamos como uma textualidade reticular, regida por uma lógica das conexões. Neste capítulo, veremos como o caráter indisciplinado da Praia, somado à forma dispersa e fragmentada com que a textualidade se apresenta à pesquisa, desdobra-se em especificidades metodológicas. Em busca de possibilitar uma compreensão do fenômeno, nossa proposta consiste na construção de um método de análise que seja capaz de acompanhar a fluidez e o movimento característicos da Praia da Estação.

A aposta aqui é investir no que denominamos “cartografia das conexões”, uma estratégia metodológica elaborada a partir da aproximação de algumas pistas do *método cartográfico*, como sistematizado por Passos, Kastrup e Escóssia (2010), às noções de *rede* e *cartografia das controvérsias*, como propostas por Latour (2012) no campo da Teoria Ator-Rede (TAR¹¹⁴). O objetivo deste capítulo é explicitar como, embora tenham origens diferentes (a primeira na psicologia clínica e a segunda nos estudos sociológicos de ciência e tecnologia), essas duas abordagens podem convergir em uma metodologia processual, construída em sintonia com o dinamismo e a rebeldia do objeto de pesquisa.

Buscando investigar o modo como são delineadas conexões de sentidos em torno da Praia da Estação, partimos da ideia de acompanhar processos, na qual se baseiam as pistas do método da cartografia. Nossa proposta é rastrear as controvérsias que emergem da textualidade configurada entre o blog, a lista de e-mails e o Twitter da Praia da Estação, em

¹¹³ Questões levantadas na introdução de “Pistas do método cartográfico” (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2010, p. 8)

¹¹⁴ Na tradução para o português da síntese de Latour (2012), é mantida a sigla em inglês para designar a Teoria Ator-Rede (ANT). Optamos, no entanto, por utilizar a sigla conforme traduzida para o espanhol (TAR), utilizada correntemente em estudos brasileiros. Assim, neste trabalho, “Teoria Ator-Rede” será abreviada como TAR, embora algumas citações possam trazer uma sigla diferente.

uma tentativa de mapear as conexões em que são agenciados sentidos que conformam a Praia como um fenômeno sociopolítico. Para fazer com que essas conexões – emaranhados simbólicos circunstanciais – possam emergir, desenvolvemos uma proposta analítica em duas dimensões interligadas, referentes aos conceitos de dispositivo (FOUCAULT, 1979; DELEUZE, 1990) e agenciamento (DELEUZE e GUATTARI, 1995). Esta será a base conceitual e metodológica para construir nosso “mapa móvel” (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2010), percurso de análise que conforma a rede que se estabelece nas oscilações, rebatimentos e reverberações da Praia da Estação.

3.1 Pistas para uma caminhada

Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2010) buscam sistematizar algumas indicações e recomendações para a prática do que chamam “método da cartografia”, interessados em investigações em torno das políticas de cognição e da produção da subjetividade, sobretudo ligadas ao campo da psicologia. Embora tenham sido elaboradas tendo como horizonte pesquisas específicas desse campo do saber, as questões apresentadas pelos autores nos parecem extremamente apropriadas à nossa abordagem, tendo em vista a processualidade, o movimento e a transformação que caracterizam a forma como compreendemos a Praia da Estação. Veremos aqui como algumas das pistas apresentadas pelos pesquisadores se articulam aos nossos objetivos nesta pesquisa, buscando explicitar a maneira pela qual vamos nos apropriar do método da cartografia para construir nossa própria estratégia metodológica.

Como vimos no capítulo anterior, a ideia de cartografia, tal como compreendida pelos pesquisadores acima citados, é um dos princípios do *rizoma* (DELEUZE e GUATTARI, 1995). O conceito de cartografia é fundado no gesto de recusa ao pensamento-raiz, em contraposição ao princípio da decalcomania. A cartografia é a forma rizomorfa de relação com o mundo: para Deleuze e Guattari, o gesto de escrever não está relacionado com a ação de significar, representar. Trata-se, sim, de cartografar, com toda a força performativa que o verbo concentra. Se o decalque está relacionado à lógica arborescente da reprodução, o mapa é voltado para a experimentação ancorada no real.

contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente.” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 22).

Como um desdobramento do conceito¹¹⁵, a cartografia passa a ser desenvolvida como método de pesquisa. Ao dizer de uma postura pragmática e performativa do pesquisador diante da realidade, no entanto, ela reverte o sentido tradicional atribuído à metodologia: não mais um conjunto de procedimentos a serem aplicados, como prescrição do caminhar da pesquisa. O método cartográfico deve, em outra chave, ser experimentado e assumido como atitude. O propósito da cartografia, nessa medida, não é representar objetos pré-existentes, mas acompanhar processos, construindo o percurso da pesquisa como intervenção na realidade.

Uma pesquisa cartográfica não se faz, assim, de modo prescritivo. “Falamos em praticar a cartografia e não em aplicar a cartografia, pois não se trata de um método baseado em regras gerais que servem para casos particulares.” (KASTRUP e BARROS, 2010, p. 76). O método é construído caso a caso, em cada nova pesquisa, adequando-se às especificidades dos processos acompanhados. Para compreender o percurso em que um objeto é constituído, é preciso, portanto, caminhar junto com ele. Nessa caminhada, as diferentes etapas de uma pesquisa (que, em uma perspectiva tradicional, poderiam ser descritas como coleta, análise e discussão dos dados) não podem ser momentos isolados, adotados de forma sucessiva. Como explica Kastrup (2010), os passos de uma pesquisa cartográfica se sucedem sem se separar. “Como o próprio ato de caminhar, onde um passo segue o outro num movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes.” (KASTRUP, 2010, p. 59).

É destacada ainda a dimensão construtivista que caracteriza o método. Não se fala em “coleta de dados” em uma cartografia, mas em “produção dos dados da pesquisa”. O próprio território de observação é constituído no decorrer da investigação, na relação estabelecida entre a materialidade dos processos e a intervenção do pesquisador. De modo que

a atenção do cartógrafo acessa elementos processuais provenientes do território – matérias fluidas, forças tendenciais, linhas em movimento – bem como fragmentos dispersos nos circuitos folheados da memória. Tudo isto entra na composição de cartografias, onde o conhecimento que se produz não resulta da representação de uma realidade pré-existente. [...] O cartógrafo é, nesse sentido, guiado pelas direções indicadas por qualidades inesperadas e pela virtualidade dos materiais.

¹¹⁵ Passos, Kastup e Escóssia (2010) destacam a importância de publicações posteriores de Félix Guattari: GUATTARI, F. Micropolítica. Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986

(KASTRUP, 2010, p. 49)

O objetivo da cartografia é acompanhar o traçado dessas linhas que, em constante movimento, constituem o território pesquisado. Linhas de segmentaridade e estratificação, fuga e desterritorialização, por meio das quais os processos investigados se amarram e desamarram. Como um cartógrafo, o pesquisador deve desenhar essas linhas – não como um decalque, reprodução da realidade, mas por meio da construção de um “mapa móvel” (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2010, p. 09), sinalizando pontos de ruptura, constituindo relevos, analisando o cruzamento dos vetores que atravessam os processos. Como explicam Barros e Kastrup, “o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente.” (BARROS e KASTRUP, 2010, p. 57).

É nessa medida que buscamos articular os propósitos do método cartográfico à noção de *rede*, tal como desenvolvida por Bruno Latour¹¹⁶ (2012) no âmbito da Teoria Ator-Rede¹¹⁷. A TAR é uma proposta de investigação que busca desenvolver o que Latour (2012) chama de uma “sociologia das associações”. A teoria está fundada em uma crítica à tradição sociológica de encontrar “explicações sociais” para os fenômenos do mundo, baseada na compreensão do “social” como um domínio específico da dinâmica coletiva. Latour denuncia a prática da “sociologia do social” de trabalhar com uma definição “ostensiva” dos agregados sociais, como se sua existência independesse do movimento dos atores.

Buscando se distanciar desse entendimento, em uma proposta “performativa”, a TAR parte de uma compreensão do “social” como “uma série de *associações* entre elementos heterogêneos” (LATOURE, 2012, p. 23 – grifos no original), em constante movimento de reagrupamento. Como explica o autor, “se o social permanece estável e consegue justificar um estado de coisas, não é ANT.” (LATOURE, 2012, p. 30). O papel da sociologia, diante de um “social” que não está dado, passa a ser radicalmente empírico, dedicado ao rastreamento de novas associações e ao desenho de seus agrupamentos.

Em relação à TAR, interessam-nos dois pontos centrais. Em primeiro lugar, esse foco

¹¹⁶ Como explica Freire, a TAR “é produto de um grupo de antropólogos, sociólogos e engenheiros franceses e ingleses associados, dentre os quais Bruno Latour, Michel Callon e John Law.” (FREIRE, 2006, p. 54).

¹¹⁷ As aproximações entre a TAR e o método da cartografia não estão restritas à rede. Ao apresentar alguns pressupostos da TAR, Latour (2012) chega a comentar que sua teoria poderia chamar-se “ontologia actante-rizoma” (p. 28), no que parece ser uma referência explícita ao conceito de Deleuze e Guattari. Além disso, ele elabora uma proposta de cartografia para a observação na TAR, denominada cartografia das controvérsias. Esse aspecto será destacado na próxima seção, quando explicitaremos nossa proposta de procedimentos de análise.

radical na empiria, que reconhece o papel central conferido aos atores¹¹⁸ em questão numa investigação. Para além de meros informantes, a TAR delega aos atores (e não ao pesquisador) a tarefa de definir e ordenar o social. O foco do analista deve ser, em outra via, ir em busca do movimento desses atores:

A tarefa não consiste mais em impor a ordem, em limitar o número de entidades aceitáveis, em revelar aos atores o que eles são ou em acrescentar alguma lucidez à sua prática cega. Para empregar um slogan da ANT, cumpre seguir ‘os próprios atores’, ou seja, tentar entender suas inovações frequentemente bizarras, a fim de descobrir o que a existência coletiva tornou-se em suas mãos, que métodos elaboraram para sua adequação, quais definições esclareceriam melhor as novas associações que eles se viram forçados a estabelecer. (LATOURE, 2012, p. 31)

Como vimos nos capítulos anteriores, nossa pesquisa se estrutura no gesto de partir dos vestígios dos próprios atores para compreender a configuração que toma a Praia da Estação.

Além disso, a TAR é uma referência importante em função do enfoque que Latour (2012) confere à ideia de rede. A rede proposta por Latour não é prescritiva: não está dada na configuração dos processos a serem analisados. Como ele mesmo enfatiza, a rede não designa uma coisa que está “lá fora” e que tenderia a uma forma aproximada de pontos interconectados, como uma rede telefônica, viária ou de esgoto. (LATOURE, 2012). Muito mais do que uma estrutura morfológica, a rede é, para Latour, uma questão metodológica, que orienta a postura do pesquisador.

Portanto, rede é uma expressão para avaliar quanta energia, movimento e especificidade nossos próprios relatos conseguem incluir. Rede é conceito, não coisa. É uma ferramenta que nos ajuda a descrever algo, não algo que esteja sendo descrito. (LATOURE, 2012, p. 192)

Se nas investigações que se orientam pela Teoria Ator-Rede, boa parte do trabalho de pesquisa consiste na busca pelos vestígios deixados pelos atores no fluido social, esses vestígios devem ser rastreados justamente por meio da construção de redes. O hífen entre “ator” e “rede” não é gratuito: todo ator pode (e deve) ser desdobrado em uma rede, ao mesmo tempo em que pode ser inserido em uma rede mais ampla. Para Latour (2012), a rede é o objetivo da descrição do pesquisador: “não é aquilo que está representado no texto, mas aquilo que prepara o texto para substituir os atores como mediadores” (LATOURE, 2012,

¹¹⁸ Importante registrar que a TAR parte de uma noção ampliada de agência, que considera o papel de atores humanos e não-humanos nas associações que compõem “o social”. Como explica Latour, “qualquer coisa que modifique uma situação fazendo diferença é um ator, ou, caso ainda não tenha figuração, um actante” (LATOURE, 2012, p. 108).

p.192). No entendimento de Latour, mediadores¹¹⁹ são atores capazes de transformar, traduzir, transportar e modificar o significado ou os elementos que se supõe que devem transportar (LATOURE, 2012). É por meio dos processos de *tradução*, estabelecidos pelos mediadores, que um agrupamento social é desestabilizado e re-estabilizado. A tradução pode ser compreendida dessa forma como um processo que provoca uma espécie de agenciamento, uma alteração no percurso das associações que conformam o social. A rede composta pelo pesquisador deve estar, portanto, atenta ao movimento e à transformação dessas associações.

Nesta pesquisa, associamos as pistas do método cartográfico à ideia de rede conforme compreendida por Latour (2012) para elaborar uma proposta metodológica fundada no mapeamento das conexões de sentidos que atravessam a Praia da Estação. Se é possível dizer de uma rede que se estabelece em torno da Praia, essa rede não está dada na configuração do fenômeno, na morfologia dos processos que o constituem, nem nas práticas de comunicação adotadas pelos banhistas. Ela adquire forma no percurso da pesquisa, ao longo da cartografia, de acordo com os relevos desenhados em um mapa, sempre móvel, que busca acompanhar a energia, o movimento e a especificidade desse processo. Nossa proposta aqui será tecer a rede por seus buracos, empreendendo uma busca pelas descontinuidades encontradas no universo textual investigado. A entrada para as conexões de sentidos será feita pelas *controvérsias* que marcam o processo de constituição da Praia da Estação como um fenômeno sociopolítico. Na próxima seção, veremos como a cartografia das controvérsias desenvolvida por Latour (2012) vai fornecer as ferramentas para construir nossa própria cartografia – que vamos chamar “cartografia das conexões”.

3.2 A tessitura das conexões

Michel de Certeau (2009) estabelece uma diferença interessante entre *mapas* e *percursos*. O mapa geográfico, para o autor, é signo da fixidez, na medida em que apaga as marcas do movimento. Com o tempo, o mapa vai aos poucos abolindo as figuras que

¹¹⁹ Latour (2012) estabelece uma distinção entre mediadores e intermediários. Enquanto os mediadores atuam na desestabilização dos agrupamentos, os chamados intermediários seriam elos na cadeia que transportam significado sem implicar em nenhum tipo de transformação. Não entraremos nesse assunto, por entender que foge aos propósitos desta dissertação. Mas registramos aqui que a distinção entre “mediadores” e “intermediários” nos parece problemática, por se distanciar de nossa compreensão dos processos de mediação. Para uma discussão sobre o conceito de mediação, ver Orozco-Gómez (2006).

caracterizam as marcas narrativas do percurso, como os desenhos de monstros e caravelas dos mapas pré-modernos (que, muito mais do que ilustrações, assinalam a operação histórica de expedição, que permite afinal a representação do mapa). Apagam-se os itinerários, afastando as operações pelas quais o mapa é produzido. Representação de um lugar, ele é congelado na transparência de sua elaboração. O percurso, por outro lado, diz de um mapeamento dinâmico do espaço, signo de mobilidade. Enquanto relato narrativo, o percurso elabora um traçado marcado pelos passos que o precederam, pelas figuras de acontecimentos ocorridos no decorrer da viagem. Muito mais um livro de histórias do que um mapa geográfico.

Onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia. O relato é ‘diégese’, como diz o grego para designar a narração: instaura uma caminhada (‘guia’) e passa através (‘transgride’). O espaço de operações que ele pisa é feito de movimentos: é topológico, relativo às deformações de figuras, e não tópico, transformador de lugares. (DE CERTEAU, 2009, p. 197)

Em nossa cartografia, no entanto, assumimos a proposta de relativizar as fronteiras entre o percurso e o mapa, cartografando um “mapa móvel”, aos moldes do percurso como descrito por De Certeau (2009). Ao injetar mobilidade no mapa, a ideia é deslocar a fixidez inerente à representação de um lugar. Como buscamos deixar claro na seção anterior, não se trata de *descrever* uma rede. Em primeiro lugar, porque a rede a que nos referimos não está dada de antemão. Ela será tecida no mapeamento das conexões, com o desenho das linhas identificadas no emaranhado de sentidos que compõe o fenômeno da Praia. Além disso, nosso mapa nunca poderá corresponder exatamente ao território pesquisado – afinal, a cartografia não consiste na representação de um mundo, mas em um processo de construção que se dá na relação entre o cartógrafo e a materialidade dos fenômenos. Assumindo assim a proposta de acompanhar processos, objetos-processo, fenômenos em movimento, um mapa como o nosso necessariamente traz consigo as marcas das operações que o tornaram possível, escolhas que orientaram o traçado. É um mapa-percurso.

O objetivo desta seção será explicitar essas escolhas, trazendo uma síntese de nossa caminhada ao longo da pesquisa. Em um primeiro momento, vamos explicar o significado metodológico de construir a rede por seus buracos. Nossos buracos serão as controvérsias, identificadas na textualidade em questão como momentos de incerteza, em que os sentidos construídos em torno da Praia são negociados pelos atores em jogo. Em seguida, passaremos para nossas ferramentas de traçado, que consistem nas dimensões analíticas do dispositivo e do agenciamento – nossos operadores de análise nesta pesquisa. Por fim, serão descritos os procedimentos que guiaram o caminho da pesquisa, passos que deixarão suas marcas no mapa

a ser construído no próximo capítulo.

3.2.1 Controvérsias: rastreando o terreno

Radicalmente voltada para a busca por rastros deixados pelos atores no movimento de (re)associação e (re)agrupamento, a TAR demanda um gesto de observação para além do ordenamento que se atribui tradicionalmente ao “social”. Buscando rastrear relações de forma mais robusta, o foco se volta para quadros de referência instáveis, em um flerte permanente com a confusão e a complexidade.

[...] para recuperar certo senso de ordem, a melhor solução é rastrear conexões entre as próprias controvérsias, e não tentar decidir como resolvê-las. A busca de ordem, rigor e padrão não é de modo algum abandonada, apenas reposicionada um passo à frente sob a forma de abstração, para que os atores possam desdobrar seus próprios e diversos cosmos, pouco importa quão irracionais pareçam. (LATOURE, 2012, p. 44)

Ao invés de insistir na tentativa de manter estável um quadro em permanente movimento, a TAR se concentra, desse modo, na instabilidade. No caso da proposta de Latour (2012), essa assertiva é possibilitada metodologicamente por meio do que se chama de “cartografia das controvérsias”, um conjunto de ferramentas desenvolvido para explorar e visualizar o movimento dos atores na dinâmica social.

Controvérsias podem ser definidas como questões que permanecem desestabilizadas ou abertas no fluído social, “incertezas compartilhadas” (VENTURINI, 2010). Se o “social” não está dado, ele só pode ser apreendido no momento em que novas associações estão sendo estabelecidas pelos atores. A cada situação em que se gera um novo agrupamento, torna-se visível o conjunto de mecanismos necessários para construí-lo. A ideia de controvérsias pode ser aproximada à noção de “rugosidades”, como descrita por Kastrup (2010). Uma rugosidade é algo que se destaca na observação de um conjunto a princípio homogêneo de elementos. “O ambiente perceptivo traz uma mudança, evidenciando uma incongruência com a situação que é percebida até então como estável. É signo de que há um processo em curso, que requer uma atenção renovadamente concentrada.” (KASTRUP, 2010, p. 42). Quando rugosidades vêm à tona, os vestígios das operações de sentidos realizadas pelos atores tornam-se rastreáveis.

controvérsias são as configurações em que esse trabalho é mais visível. O que deve ser observado são as configurações fugazes onde os atores estão renegociando os laços de redes antigas e a emergência de novas redes está redefinindo a identidade dos atores. (VENTURINI, 2010, p. 263)

A importância das controvérsias, nessa medida, é que elas geram material para a análise. O objetivo da cartografia das controvérsias consiste em observar, selecionar e descrever esse material, em um exercício de elaboração de ferramentas para lidar com a atividade irregular dos atores. É por meio de sua cartografia, do mapeamento dos rastros capturáveis em torno de uma ou outra controvérsia, que o “social” pode ser apreendido – não como algo cuja existência ainda não havia sido percebida, mas como resultado das operações dos diversos atores envolvidos em seu agrupamento.

Venturini (2010) parte da percepção de que as controvérsias devem ser vistas em camadas, que se sobrepõem à medida que o cartógrafo ajusta o foco de sua observação. A primeira delas compreende um movimento que vai dos enunciados a suas referências: o pesquisador deve reconhecer a existência de uma rede de referências entre os enunciados que circulam ao redor de uma controvérsia. Mapear essa rede deve ser a primeira tarefa de uma cartografia. O passo seguinte é ajustar as lentes aos atores, tendo em mente que, para a TAR, o conjunto de atores envolvidos em uma controvérsia compreende não apenas seres humanos, mas também objetos técnicos, organismos naturais, etc. O critério para caracterizar alguma coisa como “ator” é sua atividade nas disputas em torno da controvérsia. Se sua presença ou ausência faz alguma diferença – e se essa diferença é percebida por outros atores –, trata-se de um ator a ser considerado.

O próximo ajuste de foco vai dos atores às redes. Como já foi dito acima, todo ator é composto por redes, ao mesmo tempo em que atua como componente de uma rede mais ampla. Tecer redes em torno de controvérsias é mapear as relações implicadas em questões específicas. “Observar controvérsias é observar o trabalho incessante de amarrar e desamarrar conexões” (VENTURINI, 2010, p. 267). Os passos seguintes dizem respeito à percepção de que, além dos enunciados, ações e relações, a cartografia deve estar atenta aos significados que os atores atribuem aos seus percursos. Deve-se ir assim da rede ao que Venturini (2010) chama de “cosmos”, e do cosmos à cosmopolítica, buscando os mecanismos utilizados pelos atores na construção de um “mundo comum”. Ou seja, a cartografia deve buscar, na instabilidade, os artifícios e instrumentos pelos quais os atores tentam constantemente resolver ou estabilizar as associações que estabelecem.

Nas pesquisas desenvolvidas no âmbito da TAR, a prática da cartografia das

controvérsias envolve a escolha de um tema (como, por exemplo, os organismos geneticamente modificados, o aquecimento global ou a utilização de células tronco embrionárias em pesquisas científicas¹²⁰), em torno do qual são rastreados vestígios do debate em que se revelam as associações, por meio de material midiático, documentos oficiais, registros históricos etc. Nesta pesquisa, buscamos fazer uma apropriação da proposta metodológica da cartografia das controvérsias. Não se trata aqui de fazer, como nos exemplos acima, um mapeamento das controvérsias gerais em torno de uma questão. A ideia é tomar de empréstimo a ideia de controvérsia (compreendendo sua natureza como incerteza compartilhada e sua construção em camadas) para trazer à tona conexões de sentidos agenciadas na textualidade que fazemos emergir da Praia da Estação. É a partir da observação e do mapeamento de controvérsias na textualidade que emerge das conexões entre o blog, a lista de e-mails e o perfil do Twitter da Praia da Estação, que o material para a construção de nossa rede será levantado.

3.2.2 Constituição do corpus: episódios rugosos, espaços controversos

Partindo da noção de controvérsia, nossa proposta é ir em busca de rugosidades que atravessem a textualidade nos períodos que constituem o *corpus* desta pesquisa. Como não seria possível acompanhar o traçado dessa rede ao longo de todo o período em que os rastros estão disponíveis (desde janeiro de 2010), elegemos três recortes temporais para a observação. A escolha foi feita com base na percepção – construída na pesquisa exploratória desenvolvida para os capítulos anteriores – de que a Praia da Estação não se constitui apenas nas ocupações presenciais da praça, nem, por outro lado, somente na interação nos ambientes midiáticos. Como vimos no primeiro capítulo, com a descrição detalhada do percurso da Praia, e no segundo, com a observação da dinâmica comunicacional que se dá entre os três ambientes selecionados, o fenômeno parece se desenrolar em uma territorialidade híbrida, em que relações midiáticas e presenciais estão sobrepostas. Para a construção do corpus, priorizamos assim três períodos em que as relações entre os banhistas entrecruzavam espaços urbanos e midiáticos.

¹²⁰ Por se tratar de uma abordagem desenvolvida no campo dos estudos da ciência e tecnologia, grande parte das pesquisas que se utilizam da cartografia das controvérsias envolve temas concernentes a esse universo. Tornou-se recorrente, no entanto, a apropriação da metodologia em pesquisas não necessariamente nessa área. Sobre isso, ver <http://cartografiadecontroversias.wordpress.com/> (Acesso: 19/08/12).

O primeiro deles compreende os três primeiros meses de atividade dos banhistas nos ambientes midiáticos: os meses de janeiro, fevereiro e março de 2010, que marcam o surgimento da Praia da Estação. O segundo período compreende os meses de dezembro, janeiro e fevereiro de 2011, que marcam a retomada das Praias, com o retorno do verão. O último período a ser analisado será o dos meses de dezembro de 2011, janeiro e fevereiro de 2012 – a segunda retomada. Nesses três períodos, serão analisados os rastros textuais deixados no blog, na lista de e-mails e no perfil do Twitter da Praia da Estação, sobretudo na forma em que constituem uma textualidade que atravessa os três ambientes, como vimos no capítulo anterior. A intenção, ao selecionar três recortes temporais, não é comparar os períodos ou estabelecer relações de causalidade no movimento das controvérsias entre um e outro. A proposta é buscar construir um “mapa móvel” do processo, registrar o percurso que a Praia seguiu em seu tempo de existência – e que em alguma medida, ainda segue.

Ao longo desses períodos, identificamos *episódios* que fazem emergir as incertezas compartilhadas, novos de discordância e desentendimento que acionam controvérsias e abrem espaço para compreender as associações que delineiam a Praia como um fenômeno sociopolítico. Chamamos de episódio um recorte no fluxo da textualidade, composto por uma agregação de fragmentos textuais em que se pode observar a emergência de rugosidades na conversação entre os banhistas. Qualquer episódio está necessariamente conectado a outros episódios, podendo ser mais ou menos central na rede que buscamos estabelecer. Para essa categorização, não é necessário que se estabeleça uma narrativa lógica de início, meio e fim entre os fragmentos. Mais importante é perceber uma sequência interativa clara, que se articula a partir de um fato ou uma questão e desvela controvérsias nas conexões de sentidos delineadas pelos banhistas. Um episódio pode referir-se assim a uma postagem e os comentários que acarreta, uma cadeia de discussões na lista de e-mails disparada por uma mensagem, ou uma conversa que escorrega entre blog e Twitter a partir do compartilhamento de um link, por exemplo.

Nosso objetivo com a seleção de episódios controversos é definir uma unidade de análise, tendo em mente que os vestígios das operações de sentidos podem ser rastreados justamente ao se por rugosidades em cena. Para selecioná-los, partimos da leitura sistemática de todo o material existente no blog, no perfil do Twitter e na lista de e-mails nos três períodos selecionados, em busca de perceber em que medida a conversação é atravessada por controvérsias. O potencial controverso de um episódio foi medido de acordo com dois critérios principais. O primeiro é a *repercussão gerada*, partindo do pressuposto de que uma

questão controversa só é revelada à análise se for explicitada pelos atores em jogo. Ainda que episódios sem muita repercussão nos ambientes midiáticos possam ser controversos, não temos como deles apreender questão alguma se outros atores não se manifestam a esse respeito. O segundo critério é o desenvolvimento de *embates discursivos* entre esses atores, partindo do pressuposto de que, se os atores em jogo não discordam, não se pode dizer de uma incerteza compartilhada. Nessa medida, não é apenas a quantidade de repercussão que determinado episódio envolve que nos interessa (medida pelo número de respostas ou comentários). Nossa atenção está voltada para a qualidade dessa repercussão, na medida em que desperta posicionamentos distintos, obrigando os banhistas a explicitar diferentes pontos de vista – e alimentando, dessa forma, questões controversas.

Ao buscar por essas rugosidades, chegamos a quatro diferentes episódios, que julgamos revelar algum tipo de incerteza compartilhada em relação à Praia¹²¹. Os três primeiros se localizam no primeiro período do *corpus*, que compreende a textualidade que emerge dos três ambientes midiáticos de janeiro a março de 2010. São eles: a discussão sobre a produção de um release, na lista de e-mails; a discussão acerca de um posicionamento da Praia sobre a Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação; e os desdobramentos, no blog e na lista de e-mails, de uma postagem que criticava a apropriação da Praia por partidos políticos. O último episódio está localizado no segundo período do *corpus* (de dezembro de 2010 a fevereiro de 2011). Trata-se de uma discussão que se desenvolveu a partir de um e-mail de avaliação do terceiro Evento, na lista de e-mails e no blog Praça Livre BH.

Nenhum episódio controverso foi identificado no terceiro período do *corpus*, compreendido entre os meses de dezembro de 2011 e fevereiro de 2012. A ausência de episódios nesse período pode ser explicada pelo esvaziamento dos três ambientes, que resultou em uma diminuição expressiva na movimentação dos banhistas em cada um deles, como vimos no segundo capítulo. Entre as poucas mensagens trocadas na lista de e-mails e os pouquíssimos posts e tweets¹²², não é possível observar momentos de incerteza compartilhada. Em grande medida, os e-mails não são sequer respondidos e as postagens não recebem comentários. Um único e-mail, nesse período, parece ter gerado alguma movimentação nos ambientes. Ainda assim, ele obteve apenas seis respostas e não se desenvolveu nenhum tipo de embate que possibilitasse mapear questões controversas. Desse

¹²¹ Os episódios serão detalhados no próximo capítulo.

¹²² No terceiro período que compõe o *corpus*, são registrados: sete tweets, duas postagens e 82 e-mails (números bastante inferiores aos demais períodos, como posto no segundo capítulo).

modo, ainda que o período tenha sido marcado pela sobreposição de atividade dos banhistas nos ambientes midiáticos e no espaço urbano – e tenha sido, por esse motivo, incluído no *corpus* –, a atividade comunicacional dos banhistas na textualidade investigada não gera nenhum episódio controverso para a análise.

O gesto de análise consiste na tentativa de estabelecer, a partir dos episódios selecionados, um mapa das conexões de sentidos, buscando compreender como e em que medida um episódio aparentemente pontual é atravessado por controvérsias mais amplas, que permeiam e tensionam o percurso da manifestação. Para isso, nossa aposta é investir em duas dimensões analíticas, guiadas pelos conceitos de *dispositivo* e *agenciamento*, que se entrelaçam na tessitura que fazemos do fenômeno.

3.2.3 Dispositivo e agenciamento: ferramentas de traçado

Como vimos na primeira seção do capítulo, o método da cartografia não compreende de forma isolada os diversos momentos da pesquisa. Portanto, para descrever os operadores analíticos que desenvolvemos para o mapeamento das conexões de sentidos da Praia da Estação, é preciso voltar ao primeiro capítulo, em que buscamos os rastros deixados pelos banhistas para delinear uma perspectiva conceitual para acompanhar a caminhada da dissertação. Diferente de uma “explicação social” para o fenômeno, o objetivo desse primeiro momento era constituir eixos de referência, molduras semânticas¹²³ que os manifestantes utilizam para, em maior ou menor grau, definir suas práticas.

Isso foi feito a partir de uma pesquisa exploratória nos registros textuais dos três ambientes midiáticos em questão, além de material de apoio proveniente de outros textos midiáticos (como reportagens, vídeos e postagens em outros blogs), documentos oficiais e entrevistas informais¹²⁴. Essa pesquisa preliminar embasou a descrição detalhada do percurso da Praia da Estação (apresentada na primeira seção do Capítulo 1) e foi o ponto de partida para o segundo movimento exploratório. Para a definição dos eixos que guiariam a

¹²³ Como vimos no primeiro capítulo, “molduras semânticas” são compreendidas aqui como eixos que atravessam a textualidade aglutinando referências e agregando camadas de significação aos processos que envolvem a Praia da Estação.

¹²⁴ Nesse momento, textos adicionais foram acionados no sentido de aferir a legitimidade de se basear na textualidade que atravessa os três ambientes midiáticos selecionados para esta investigação, assim como para buscar uma compreensão mais fina dos processos em questão.

investigação, foi realizada uma triagem de todo o material disponível no blog, na lista de e-mails e no perfil do Twitter da Praia, buscando identificar enunciados que trouxessem definições, avaliações e interpretações acerca do fenômeno.

A triagem partiu das postagens do blog, com o levantamento e leitura de todas as postagens e comentários. Buscamos selecionar todos os registros que trouxessem qualquer tipo de discussão acerca da definição da Praia da Estação como fenômeno sociopolítico, tentando perceber recorrências no discurso dos usuários. Tendo como base esse primeiro levantamento, foram acionados os *tweets* e cadeias de e-mails na lista, buscando capturar a dinâmica de definição, avaliação e interpretação do fenômeno no discurso dos usuários. Todo o material gerado foi agrupado conforme afinidades, disparidades e aproximações, gerando dois eixos de referência que pareciam permear amplamente o discurso dos banhistas. São eles: a noção de *rede* (enquanto dimensão discursiva que articula princípios como a horizontalidade, a autonomia de organização e o anonimato) e a ideia de *ocupação* (relacionada a um gesto simbólico de apropriação e ressignificação dos espaços urbanos).

No segundo capítulo, vimos como a perspectiva dos dois eixos se desdobra na noção de textualidade, a partir da percepção de que a configuração sociopolítica da Praia será construída no modo como os sentidos escorregam e transbordam entre os três ambientes midiáticos investigados. Para dar conta dessa textualidade escorregadia, investimos aqui na utilização de operadores que vão orientar a construção da cartografia, em dois movimentos analíticos integrados: as dimensões analíticas do *dispositivo* e do *agenciamento*. Embora concebidos como dois operadores distintos, dispositivo e agenciamento são dimensões de um mesmo gesto metodológico: observar relevos, perceber vetores e capturar as angulações para desenhar o mapa-móvel da Praia da Estação. Como veremos a seguir, os dois conceitos vão funcionar como ferramentas cartográficas: operadores que auxiliam a desembaraçar conexões de sentidos em torno da Praia da Estação.

3.2.3.1. Desenredando forças: a dimensão analítica do dispositivo

O conceito de dispositivo a que nos reportamos remonta ao pensamento de Michel Foucault, sendo desenvolvido de modo fragmentado ao longo de sua reflexão em direção a uma analítica do poder. “Trata-se de um conceito complexo [...], que Foucault elaborou aos

poucos e reelaborou em diversos momentos de sua vida, fornecendo delimitações diagonais e perspectivas diferentes.” (CASTELFRANCHI, 2008, p. 130). Em seu “Vocabulário de Foucault”, Castro (2009) atribui o desenvolvimento da ideia de dispositivo a uma mudança de perspectiva no pensamento do filósofo: da arqueologia (como fundamento epistemológico de suas primeiras obras publicadas) à genealogia (que abrange a perspectiva adotada nas últimas). As descrições arqueológicas de Foucault estariam centradas na ideia de “episteme”¹²⁵, estando restritas ao âmbito discursivo. O conceito de dispositivo responderia assim à necessidade de lidar com a relação entre o discursivo e o não-discursivo na tentativa de compreender importantes transformações históricas.

Agamben (2009) compreende o dispositivo como um conceito operativo de caráter geral na obra de Foucault, um termo técnico decisivo na estratégia de seu pensamento. Para o autor, a origem dessa ideia estaria na noção de “positividade”, que Foucault adota no final dos anos 1960 com base nos escritos de Hyppolite acerca da filosofia hegeliana. Segundo Agamben (2009), no pensamento de Hegel sobre a religião, a ideia de positividade está ligada à dimensão “histórica”, das crenças e regras impostas ao indivíduo pelo seu exterior. No argumento de Hippolyte, de acordo com o autor, a oposição entre natureza e positividade corresponde à dialética entre liberdade e coerção (ou razão e história).

Se positividade é o nome que, segundo Hyppolite, o jovem Hegel dá ao elemento histórico, com toda a sua carga de regras, ritos e instituições impostas sobre o indivíduo por um poder externo, mas que se torna, por assim dizer, interiorizada nos sistemas das crenças e dos sentimentos, então Foucault, tomando emprestado esse termo (que se tornará mais tarde dispositivo), toma posição em relação a um problema decisivo, que é também seu problema mais próprio: a relação entre os indivíduos como seres viventes e o elemento histórico, entendendo com este termo o conjunto das instituições, dos processos de subjetivação e das regras em que se concretizam as relações de poder (AGAMBEN, 2009, p. 10-11).

Para Agamben, a apropriação dessa ideia na obra de Foucault não tem a intenção de reconciliar as dimensões “histórica” e “natural” (ou mesmo de enfatizar o conflito entre elas), mas de tomar como mote de investigação o modo como os dispositivos se relacionam com relações e mecanismos de poder. Foucault (1979) atrela a dimensão do jogo de poder em que o dispositivo está necessariamente inscrito a configurações de saber – que, ao mesmo tempo em que nascem do dispositivo, atuam de modo a condicioná-lo. É nesse sentido que Castelfranchi (2008) descreve o dispositivo como o “entrelaçamento, a constituição mútua

¹²⁵ Foucault define “episteme” como dispositivo estratégico que permite escolher, entre todos os enunciados possíveis, aqueles que poderão ser aceitáveis no interior de um campo de cientificidade (FOUCAULT, 1979). Nesse sentido, a episteme seria um dispositivo especificamente discursivo.

entre saber, poder e subjetividade” (CASTELFRANCHI, 2008, p. 130-131).

Mais do que um objeto ou uma máquina, a ideia de dispositivo remete, portanto, a uma rede entre elementos heterogêneos, compreendendo as relações que estabelecem entre si e os regimes em que estão inseridos. Em uma de suas entrevistas, Foucault (1979) apresenta uma definição de dispositivo como

[...] um conjunto decididamente heterogêneo, que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma: os elementos do dispositivo pertencem tanto ao dito como ao não dito. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 1979, p. 244)

É com base nessa ideia do dispositivo como uma espécie de rede que Gilles Deleuze (1990) vai desenvolver sua apropriação do conceito, compreendendo-o como “uma meada, um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente.” (DELEUZE, 1990, s/p). Em uma concepção rizomática do dispositivo, Deleuze vai caracterizar as linhas que compõem esses emaranhados heterogêneos, a começar pelas curvas de visibilidade e de enunciação.

As curvas de visibilidade delineiam as linhas de luz do dispositivo, que iluminam ou apagam determinados elementos, conformando relações possíveis. “Cada dispositivo tem seu regime de luz, uma maneira como cai a luz, se esbate e se propaga, distribuindo o visível e o invisível, fazendo com que nasça ou desapareça o objecto que sem ela não existe.” (DELEUZE, 1990, s/p). Os regimes de visibilidade estão intimamente relacionados às curvas de enunciação, definidos em conjunto pelo que é visível e pelo que é dizível em uma determinada rede de relações:

[...] uma ciência, num dado momento, ou um género literário, ou um estado de direito, ou um movimento social, são definidos precisamente pelos regimes de enunciados a que dão origem. Não são nem sujeitos nem objectos, mas regimes que é necessário definir pelo visível e pelo enunciável, com suas derivações, as suas transformações, as suas mutações.” (DELEUZE, 1990).

Atuando sobre as curvas de visibilidade e enunciação, estão as linhas de força, relacionadas à dimensão do poder dentro do dispositivo. As linhas de força “rectificam as curvas dessas linhas, tiram tangentes, cobrem os trajectos de uma linha a outra linha, estabelecem o vaivém entre o ver e o dizer” (DELEUZE, 1990, s/p), ou seja, conduzem o movimento dos regimes de luz e dos regimes de enunciados dentro do dispositivo. Buscar por linhas de força é perguntar pelo jogo de poder em que o dispositivo está imerso, atentando

para as dinâmicas que tornam possíveis (ou visíveis) determinados enunciados em detrimento de outros, por exemplo.

Mas o jogo do poder está sujeito também ao movimento das linhas de subjetivação, que constituem linhas de fuga dentro do dispositivo. Nascidas de “uma crise no pensamento de Foucault” (DELEUZE, 1990, s/p), as linhas de subjetivação impedem que os dispositivos se encerrem em linhas de força inquebráveis, que impusessem contornos definitivos. As linhas de força são, nessa medida, também tensionadas, cruzadas por cima ou por baixo por outros vetores, que tornam possível atravessá-las. Quando a força se volta sobre si mesma, fazendo-se subterrânea, estabelece-se uma linha de fuga, que a ela escapa. As linhas de subjetivação poderiam assim esboçar o limite de um dispositivo, possibilitando a passagem de um dispositivo a outro. “Neste sentido”, afirma Deleuze, “elas predisõem as linhas de fratura” (DELEUZE, 1990, s/p).

O dispositivo, conforme descrito por Deleuze, é assim composto por linhas de diferentes naturezas (de visibilidade, de enunciação, de força, de subjetivação, de fratura, etc), que se dividem em grupos de estratificação ou sedimentação, de um lado, e de atualização ou criatividade, de outro. É por meio da dinâmica dessas linhas, conforme elas se entrecruzam, se atravessam e se sobrepõem, que um dispositivo pode ser analisado. “Desenredar as linhas de um dispositivo, em cada caso, é construir um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas”. (DELEUZE, 1990, s/p). Por meio da dimensão analítica do dispositivo, nossa proposta é justamente desembaraçar as diferentes linhas que atravessam a Praia da Estação: ir em busca de regimes de enunciados e de visibilidade em jogo, traçar linhas de força e desnudar possíveis linhas de fuga, evidenciando as conexões de sentidos que apontam, simbolicamente, para a configuração sociopolítica do fenômeno.

3.2.3.2. Movimentos multiterritorializantes: a dimensão analítica do agenciamento

Assim como o conceito de dispositivo na obra de Foucault, a noção de agenciamento parece ser uma ideia-chave na filosofia deleuziana – que, não obstante, é recorrentemente apresentada de forma bastante escorregadia. Na famosa série de entrevistas concedidas a Claire Parnet, Deleuze (1998) define o agenciamento como algo que se passa entre dois

termos, colocando em jogo diversas dimensões de relação:

A unidade real mínima não é a palavra, nem a idéia ou o conceito, nem o significante, mas o agenciamento. É sempre um agenciamento que produz os enunciados. Os enunciados não têm por causa um sujeito que agiria como sujeito da enunciação, tampouco não se referem a sujeitos como sujeitos de enunciado. O enunciado é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos. O nome próprio não designa um sujeito, mas alguma coisa que se passa ao menos entre dois termos que não são sujeitos, mas agentes, elementos.” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 43)

Nesse sentido, pode-se dizer que a ideia de agenciamento denota uma operação de articulação. “É isso agenciar: estar no meio, sobre a linha de encontro de um mundo interior e de um mundo exterior.” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 44). Um agenciamento está sempre conectado a outros agenciamentos, e traz em si a potência de estabelecer novas conexões.

É essa potência que parece estar em jogo quando Deleuze e Guattari (1995) acionam a noção de agenciamento para dizer do movimento das linhas que compõem o rizoma. Se o rizoma (à semelhança do que Deleuze vai escrever mais tarde sobre o dispositivo) é formado de linhas, que se multiplicam em diferentes direções e dimensões, o agenciamento parece estar ligado ao fenômeno de expansão dessas linhas, que possibilita a conexão com outros agenciamentos: “Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões”. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 17).

O modo de funcionamento do rizoma está fundado nesse incessante movimento de conexão. O agenciamento é assim uma operação-chave na dinâmica rizomática, na medida em que está diretamente relacionado ao princípio de multiplicidade¹²⁶. Deleuze e Guattari (1995) associam a ideia de agenciamento às velocidades de escoamento das linhas do rizoma, que “acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e ruptura.” (DELEUZE e GUATTARI, 2009, p. 12). Em um agenciamento, coexistem movimentos em direção às linhas de força ou segmentaridade, que ancoram a uma territorialidade, e às linhas de fuga, que provocam fenômenos de desterritorialização.

Terra, ou antes, reterritorialização de artifício que se faz constantemente, pode-se dizer que ela dá determinada substância ao conteúdo, determinado código aos enunciados, determinado termo ao devir, determinada efetuação ao acontecimento, determinado indicativo ao tempo (presente, passado, futuro). Mas,

¹²⁶ Virgínia Kastrup (2004) relaciona o princípio da multiplicidade à capacidade de autocriação e transformação do rizoma: “O rizoma, como multiplicidade, é anterior ao plano das conexões efetivas, mas condição de efetividade e atualização dos agenciamentos.” (KASTRUP, 2004, p. 82)

desterritorialização simultânea, embora de outros pontos de vista, pode-se dizer que ela não afeta menos a terra: libera uma pura matéria, ela desfaz os códigos, carrega as expressões e os conteúdos, os estados de coisas e os enunciados, sobre uma linha de fuga em ziguezague, quebrada, ela eleva o tempo ao infinitivo, extrai um devir que já não tem termo, porque cada termo é uma parada que é preciso saltar. (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 59).

Os agenciamentos devem ser assim compreendidos de acordo com os movimentos que os animam. Tomando a concepção rizomática de dispositivo apresentada por Deleuze (1990), pode-se dizer que o agenciamento é uma operação fundamental na configuração das relações que atravessam o dispositivo.

Essa ideia de uma operação que configura relações pode ser relacionada à aproximação de John Law (2007) entre o conceito de agenciamento e a ideia de ator-rede, remetendo ao arranjo provisório de formas produtivas, heterogêneas e bastante limitadas de ordenar o social. Embora o autor não chegue a desenvolver esse argumento, é possível perceber como a aproximação entre os dois conceitos pode ser uma via interessante de compreensão da dinâmica das associações. Como vimos na primeira seção deste capítulo, a TAR está fundada na compreensão do “social” como uma série de associações entre elementos heterogêneos, às quais cabe ao pesquisador rastrear. A menção a um ator-rede remete à ação de transformar as relações, estabelecer novas associações, conectar os elementos de uma rede a outros atores (e a outras redes).

O que caracteriza um ator-rede é sua capacidade de estabelecer operações de *tradução*. Conceito-chave na TAR, a ideia de tradução remete aos deslocamentos provocados pela atividade dos atores, motivo pelo qual uma entidade pode (ou não) ser considerada um ator:

Para designar essa coisa que não é nem um ator entre muitos nem uma força por trás de todos os atores transportados por meio de um deles, mas uma conexão que transporta, por assim dizer, transformações, usamos a palavra *tradução* – a complicada palavra *rede* sendo definida [...] como aquilo que é *traçado* pelas traduções nas explicações dos pesquisadores. (LATOURET, 2012, p. 159-160 – grifos no original)

Pode-se afirmar, com Michel Callon (2008), que a ideia de tradução reforça a proposta da TAR, segundo a qual rastrear as relações estabelecidas pelos atores é mais importante do que perceber os atores em si: “a ideia de tradução corresponde à circulação e transporte, a tudo o que faz que um ponto se ligue a outro pelo fato da circulação.” (CALLON, 2008, p. 309).

O que parece estar assim em jogo, nas operações de tradução, são os processos de transformação e circulação que movimentam os agrupamentos, evidenciando sua natureza instável e dinâmica. “Traduzir (ou transladar) significa deslocar objetivos, interesses,

dispositivos, seres humanos. Implica desvio de rota, invenção de um elo que antes não existia e que de alguma maneira modifica os elementos imbricados.” (FREIRE, 2006, p. 51). É possível perceber assim como a operação de tradução parece se assemelhar bastante ao conceito de agenciamento: sempre conectado a outros agenciamentos, provocando articulações entre diferentes elementos, deslocamentos e transformações no interior (e para o exterior) das redes.

Partindo dessa aproximação, investir em uma dimensão analítica do agenciamento implica em buscar operações de expansão das linhas que compõem a rede que buscamos construir – ou, em última instância, a potência de transformação que configura o percurso da Praia da Estação como fenômeno sociopolítico. Com esse segundo operador, portanto, propomos é verificar o modo como as linhas identificadas em nosso dispositivo se movimentam ao longo do tempo, de que maneira atravessam os episódios, em que medida se expandem, transformam, ou reverberam em novas questões.

Importante perceber como a separação entre as etapas analíticas do dispositivo e do agenciamento é, na verdade, artificial. Compreendemos que as linhas que atravessam o emaranhado do dispositivo estão intimamente entrelaçadas às dinâmicas de agenciamento que provocam seus movimentos, em uma relação de simbiose e afetação mútua. Nossa proposta é que o movimento de análise conjugue essas duas dimensões, articulando os dois operadores na tessitura de nossa cartografia. Veremos a seguir como vamos fazer emergir, do emaranhado de vetores gerados por essa articulação, o desenho do mapa das conexões de sentidos, que possibilita compreender como a Praia é conformada como fenômeno sociopolítico.

3.2.4 Relevô, vetores, angulações: uma cartografia em duas etapas

Em busca das conexões de sentidos que delineiam a configuração sociopolítica da Praia da Estação, nossa cartografia será assim construída em duas etapas distintas. A primeira delas compreende o detalhamento dos episódios controversos selecionados nos períodos de tempo que compõem o *corpus*, partindo das rugosidades que revelam o relevo acidentado de nosso mapa. Aqui entra em cena a noção de rede, tal como compreendida por Latour (2012): nosso primeiro movimento analítico busca construir um relato capaz de descrever os fluxos das operações dos atores envolvidos. Cada um dos episódios selecionados é assim detalhado

por meio de uma chave analítica em duas dimensões entrelaçadas, referentes aos operadores “dispositivo” e “agenciamento”.

Por meio da dimensão analítica do dispositivo, como vimos acima, mapeamos as linhas que atravessam os episódios, destacando curvas de visibilidade e enunciação, linhas de força, de fuga, de fratura, etc. Por meio da dimensão analítica do agenciamento, saímos em busca dos vetores que colocam essas linhas em movimento, buscando verificar de que maneira (e em que medida) o arranjo das linhas é transformado ao longo do percurso da Praia. A rede da Praia é tecida, nessa medida, no entrelaçamento dessas duas dimensões.

Na segunda etapa da cartografia, é desenhado o *mapa móvel* das conexões de sentidos, síntese de nossa caminhada ao longo da pesquisa. Para cartografar as conexões tecidas na etapa anterior, partimos dos cinco passos desenvolvidos por Venturini (2010) para a observação de controvérsias. Conforme descritos anteriormente neste capítulo, os passos caminham dos enunciados às referências, das referências aos atores, dos atores às redes, das redes ao cosmos e do cosmos à cosmopolítica. Pensados como lentes de observação, que ajustam o foco do pesquisador em diferentes angulações, esses passos são sobrepostos uns aos outros como camadas, orientando o traçado das conexões.

Como já afirmamos, trata-se de uma escolha. Se o “mapa-móvel” pode ter múltiplas entradas, a nossa se dará pelos buracos que costuram a rede em três períodos temporais, nos episódios em que os atores compartilham incertezas e negociam os sentidos em torno do agrupamento que realizam. Obviamente, ao escolher construir a rede pelas controvérsias, restringir as controvérsias às que podem ser encontradas nos rastros textuais em questão, definir momentos específicos para a análise e delimitar duas dimensões analíticas, deixamos de lado todo um universo de situações em que agenciamentos são estabelecidos em torno da Praia da Estação. Como lembra Venturini, há uma evidente contradição entre explorar a riqueza infinita da paisagem social e desenhar um mapa para fazer essa paisagem palpável (VENTURINI, 2010).

Nossa abordagem, nesse sentido, não pretende abarcar a totalidade da Praia – mesmo porque, partindo da recusa à representação de um objeto, acreditamos que isso seria impossível em qualquer pesquisa. A proposta é assim construir *uma* cartografia, dentre as múltiplas entradas e possibilidades com que o fenômeno se oferece à análise. O capítulo seguinte traz o mapa resultante desta caminhada, emaranhado de linhas que, em conexão, formam a rede de sentidos com a qual compreendemos o fenômeno da Praia da Estação.

4. RASTROS DE SENTIDOS NAS CONEXÕES DA PRAIA DA ESTAÇÃO

No primeiro capítulo desta dissertação, traçamos dois eixos de referências no discurso dos banhistas, que pareciam orientar os movimentos de oscilação e reverberação da “onda” da Praia da Estação em direção a uma disputa no campo dos sentidos. No segundo capítulo, vimos como esses sentidos transbordam e escorregam entre rastros textuais registrados em três ambientes midiáticos distintos e interligados, de onde emerge uma textualidade em rede. Neste último capítulo, a ideia é trabalhar com uma cartografia das conexões, como buscamos caracterizar metodologicamente no terceiro capítulo: propomos a construção de um mapa das conexões de sentidos que delineiam certa configuração sociopolítica para o fenômeno – ainda que tomem forma em arranjos circunstanciais, dentro dos quais esses sentidos são permanentemente negociados. Para isso, apostamos em uma abordagem que busca partir de controvérsias que atravessam a textualidade fragmentada que investigamos – momentos de instabilidade e disputa, que fazem emergir conexões – para tecer as linhas e os movimentos da rede de sentidos que se articula à sua volta.

Como posto no capítulo anterior, nossa cartografia será construída em duas etapas. Na primeira, detalhamos os quatro episódios que compõem o corpus com o auxílio dos operadores dispositivo e agenciamento, a fim de perceber como esses episódios são atravessados por linhas de naturezas diversas, de que modo essas linhas se relacionam e que tipos de vetores as movimentam e as deslocam, fazendo emergir conexões circunstanciais e efêmeras. Na segunda etapa, buscamos cartografar essas conexões em um mapa móvel, que revela as camadas sobre as quais as controvérsias são constituídas. O resultado é *uma* cartografia, que, dentre múltiplos outros arranjos possíveis de leitura dessas conexões, busca apontar para a configuração sociopolítica que se delineia ao longo do percurso investigado da Praia da Estação.

4.1 Linhas, vetores, movimentos: entre controvérsias e conexões

Buscando mapear rugosidades na textualidade que se constitui entre os três ambientes midiáticos aqui investigados, investimos no mapeamento de episódios controversos: recortes

que se destacam na textualidade por tornar possível perceber a emergência de incertezas compartilhadas entre os banhistas. Como vimos no capítulo anterior, é justamente quando momentos como esses são trazidos à tona que se fazem perceber os vestígios das operações de sentidos realizadas pelos atores. Nesta seção, partimos das controvérsias que atravessam os episódios para detalhar cada um deles, buscando perceber como esse emaranhado de sentidos é atravessado por linhas, transformações e deslocamentos, em um gesto de análise que articula duas dimensões.

A dimensão analítica do dispositivo aponta para um esboço de configuração política, por meio da tessitura de um emaranhado de linhas em cujos arranjos buscamos entrever embates e jogos de poder¹²⁷. A dimensão analítica do agenciamento permite rastrear a dinâmica social por meio do movimento dos atores-rede, na medida em que estabelece conexões e desencadeia ações no dispositivo¹²⁸. Se, como vimos no primeiro capítulo, a disputa política da Praia da Estação se dá no nível dos sentidos, rastrear os embates que se estabelecem no interior do dispositivo-Praia e buscar por seus movimentos de associação e agrupamento pode nos levar a compreender esses arranjos de sentidos, apontando para uma possível configuração sociopolítica.

4.1.1 Um release: que Praia é essa?

O primeiro episódio selecionado se passa entre as primeiras mensagens trocadas na lista de e-mails *pracalivre_bh*, antes mesmo da realização da primeira edição da Praia da Estação. Como vimos no primeiro capítulo, é possível recuperar um breve histórico da criação da lista de e-mails, em janeiro de 2010. No dia 09 de dezembro de 2009, é publicado o decreto 13.798¹²⁹, que proibiu a realização de eventos de qualquer natureza na Praça da Estação, pelo então prefeito Marcio Lacerda. O decreto motiva uma série de manifestações de insatisfação, entre as quais surge o “Vá de Branco”¹³⁰ chamado anônimo que circulou na internet para um protesto na própria Praça, que é realizado no dia 7 de janeiro de 2010. Entre as deliberações

¹²⁷ Partimos da ideia de que os embates e jogos de poder no interior do dispositivo-Praia evidenciam sua dimensão política, na medida em que jogam luz aos sentidos disputados pelos banhistas.

¹²⁸ Como afirma Latour (2012), o social só pode ser observado nos movimentos de (re)associação e (re)agrupamento que conformam os agregados coletivos.

¹²⁹ Disponível em <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1017732> (Acesso: 28/03/13)

¹³⁰ <http://vadebranco.blogspot.com.br/> (Acesso: 28/03/13)

do encontro, os manifestantes decidem pela criação de um movimento de contestação ao decreto. Assim nasce a lista *praçalivre_bh*, como forma de articular a comunicação entre os sujeitos que participaram do “Vá de Branco”.

As primeiras mensagens são enviadas à lista para testar seu funcionamento, a partir do envio de links para artigos sobre a proibição inscrita no decreto. Um dos links direciona para a página inicial do blog *Pedreira na Vidraça*¹³¹, que compartilhou ativamente notícias sobre o “Vá de Branco”. O outro remete à postagem “CIDADE SITUADA [MATERIAL TEÓRICO] – VIVO É O OLHO!”, publicada no blog do *Dia Sem Compras*¹³². Como vimos no Capítulo 1, o *Pedreira na Vidraça* é um blog que reúne, desde 2008, diversas críticas à gestão de Marcio Lacerda em Belo Horizonte, assinado pelos usuários Bruno Vieira e Chops. O *Cidade Situada* é uma mesa de debates relativos à temática urbana organizada por coletivos libertários que se reuniam no Espaço *Ystilingue*, em Belo Horizonte.

Essa primeira mensagem é enviada pelo usuário Omar Hashshashin no dia 12/01/10 e tem quatro respostas de outros usuários¹³³ confirmando o funcionamento. Interessante perceber como o nome do usuário (que provavelmente tomou para si a tarefa de criar a lista de e-mails) remete a referências históricas bastante específicas, associadas à literatura anarquista¹³⁴. Além disso, Omar, assim como alguns outros membros da lista, utiliza um e-mail hospedado no servidor *Riseup.net*, uma plataforma digital que “fornece ferramentas de comunicação online para pessoas e grupos que trabalham por mudanças sociais libertadoras”¹³⁵ – o que indica que ele é um dos usuários que já estavam articulados em grupos ativistas antes de toda essa movimentação em torno da Praça da Estação.

A quinta resposta ao e-mail de Omar, enviada por Bernardo de Souza, encaminha uma convocação para a “Praça-praia: a ação”, proposta de ação contra o decreto que convidava a todos a ocupar a Praça da Estação como praia:

Boa tarde amigos,
circula pelo twitter nova convocação para uma manifestação contra o famigerado decreto assinado pelo nosso prefeito. No entanto, e mais uma vez, esta convocação não vem assinada pelos organizadores do protesto. Segue-se o texto veiculado através do link espalhado: [...]

¹³¹ <http://pedreiranavidraca.blogspot.com.br/> (Acesso: 28/03/13)

¹³² <http://diasemcompras.wordpress.com/2010/01/12/cidade-situada-informativo1/> (Acesso: 28/03/13)

¹³³ São eles: Thomaz Reis, Acaso, Rosalia Diogo e Rafael Barros.

¹³⁴ Hashshashin parece ser uma referência aos *Assassins*, ordem secreta muçulmana do século XI, cujo nome deriva da expressão árabe “usuário de haxixe”. Ao introduzir sua ideia de zona autônoma temporária (TAZ), Hakim Bey (2008) faz menção às experiências comunitárias descentralizadas dos *Assassins* no período medieval.

¹³⁵ Retirado de: <https://help.riseup.net/pt>. (Acesso: 26/06/12)

Dia 16/01, sábado, às 9:30 na Praça Da Estação:
Ação contra a nova Lei do prefeito Márcio Lacerda que proíbe qualquer tipo de evento cultural ou manifestação artística na Praça da Estação.

Praça-praia: a ação! E se BH não tem praia e nossos espaços públicos de cultura, lazer e livre expressão estão cada vez mais comprometidos, façamos desse momento uma grande brincadeira!!!

Apareçam por lá neste dia e horário com seus biquinis, sungas, cangas, guarda-sóis, pranchas de surfe. Juntos, transformaremos a praça em praia; juntos manifestaremos nossa insatisfação pela privatização dos espaços públicos.

Embora esta mensagem não sugira nada de muito articulado, fico satisfeito em saber que iniciativas contra a medida da Prefeitura estão se replicando. E além disso, o RT desta convocação foi dado pelo Black Sonora, banda bem articulada no movimento cultural de BH, o que indica, em princípio, que a classe artística já está atendida neste processo. (Bernardo de Souza, em e-mail de 13/01/10)

Poucos minutos depois do e-mail de Bernardo, o usuário Paulo Rocha encaminha um novo e-mail à lista, com o assunto “DIVULGUEM: Praia na Praça da Estação”. Se Bernardo apenas encaminhava e comentava um chamado para a Praia que chegara a ele via Twitter, Paulo envia à lista um convite propriamente dito. No corpo do e-mail, Paulo insere o link para um artigo no site do CMI Brasil¹³⁶ e reproduz abaixo seu conteúdo:

PRAIA NA PRAÇA DA ESTAÇÃO

O DECRETO Nº 13.798 DE 09 DE DEZEMBRO DE 2009 do nosso digníssimo prefeito de Belo Horizonte, Marcio Lacerda, proíbe que aconteça qualquer tipo de evento na Praça da Estação. A pergunta permanece: a quem interessa que os espaços públicos sejam apenas pontos de passagem e consumo?

Se nos é negado o direito de permanecer em qualquer espaço público da cidade, ocuparemos esses espaços de maneira divertida, lúdica e aparentemente despreziosa.

Traga sua roupa de banho (bermuda, calção, biquini, maiô, cueca), boias, cadeiras, toalhas de praia, guarda-sol, cangas, farofa e a vitrolinha...

Traga tambores e viola!

Traga comida para um banquete coletivo! (Paulo Rocha, em e-mail de 13/01/10)

¹³⁶ Disponível em <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2010/01/462765.shtml> (Acesso: 28/03/13)

No site do CMI, a postagem é assinada por Luther Blissett (conforme vimos no primeiro capítulo, trata-se de um pseudônimo coletivo utilizado por grupos de ativismo midiático no fim da década de 90). Há sete comentários, um corrigindo a data (que havia sido postada como 16/02) e os demais celebrando a ideia e a manifestação. Além do link enviado por Paulo, outro post do CMI também convida para a Praia (a duplicação é noticiada pelo usuário em uma das respostas seguintes). Assinada por “Praia”, a postagem tem 33 comentários, entre usuários que endossam o protesto e outros que buscam justificar o decreto.

Poucos minutos depois do e-mail de Paulo, o usuário Terça-Feira encaminha novamente a convocação à lista. Tanto Terça-Feira quanto Bernardo compartilham uma convocação que receberam por outros meios, o que leva a entender que eles de fato não sabem quem estava por trás da organização da ação. Paulo, por outro lado, envia o convite diretamente. Embora nenhum usuário se manifeste no sentido de reconhecer a autoria da convocação, a lista passa a funcionar em função da Praia que se realizaria no próximo sábado, dia 16/03.

Esse movimento é evidente também no perfil no Twitter (@pracalivrebh) criado para o grupo presente no “Vá de Branco”. Como vimos no segundo capítulo, o perfil tem apenas um tweet antes da notícia da Praia, convidando os usuários a compartilhar a contestação ao decreto: “Bem-vindos! Hora de espalhar a palavra e não deixar a Praça sem eventos culturais! #pracaBH”. Praticamente todos os 60 tweets seguintes, registrados ao longo do mês de janeiro de 2010, relacionam-se à Praia (seja no que diz respeito à convocação, divulgação, crítica às matérias que saíram nos jornais, etc).

No dia seguinte, o usuário luiz gabriel lopes envia um e-mail com o assunto “release e assessoria da ação na praça e no museu?”, em que ele propõe que os manifestantes façam um “release oficial” das ações para enviar aos meios de comunicação de massa, a partir da projeção de uma possível cobertura da movimentação pela mídia local.

ei galera,
chego um pouco atrasado na conversa e não sei se isso já foi discutido, mas pensei aqui que seria bom pra visibilidade midiática das ações se rolasse um "release" oficial das ações circulando pelos mailings, que poderíamos enviar em massa para nossos contatos nos meios de comunicação esse "release" poderia descrever jornalisticamente a ação, dizer das intenções, etc...
como estou meio por fora, não me arrisco a fazê-lo, mas se alguém habilitar, posso revisar e formatar o texto (luiz gabriel lopes, em e-mail

enviado em 14/01/10)

Poucos minutos depois do envio, o e-mail de Luiz Gabriel é respondido por Bruno Vieira, que se dispõe a escrever o release. A conversa é mantida entre os dois usuários no sentido de dar encaminhamento à tarefa, até que Omar Hashshashin posiciona-se contrário à iniciativa. Omar assume uma postura de recusa em relação ao release, argumentando que não seria possível condensar a multiplicidade de perspectivas reunidas na ação da Praia a uma única explicação acerca da movimentação.

isso que está ocorrendo pode consistir na tentativa de representar a partir de referenciais unânimes toda a diversidade de mobilizações que vêm ocorrendo. as trocas que têm se intensificado desde esse tema da praça contêm uma multiplicidade de teores que não se restringe apenas à teoria - é, antes de mais nada, um elemento que confere potência aos nossos encontros e desencontros em torno da questão da praça.

vão me perdoar, mas tenho uma perguntinha a vocês que querem escrever UM release que venha a compor explicações GERAIS sobre toda a movida: vocês realmente se vêem em posição de dizer quais são as motivações de todas as pessoas que estão tentando apresentar um contraponto em relação ao decreto da prefeitura? (Omar Hashshashin, na cadeia de e-mails iniciada por Luiz Gabriel)

Omar associa a iniciativa do release ao que chama de “mentalidade representativa separada”, buscando afastar a ação que seria realizada no sábado de “partidos políticos e especialistas da política”. Além disso, questiona a ideia da Praia como um “movimento”, pontuando que os banhistas presentes na lista ainda não haviam construído afinidades suficientes para isso. Omar altera o assunto da cadeia de e-mails, que passa a ser referenciada pelo novo assunto “release e assessoria - [o fetiche da representação e a política da separação]”. Nessa mesma cadeia de e-mails, Paulo Rocha também se manifesta. Em uma interpretação que parece seguir a mesma linha de Omar (embora visivelmente mais exaltado), Paulo acusa Luiz Gabriel e Bruno de tomar a frente da movimentação, assumindo o papel de lideranças. Fica evidente tanto a posição de recusa às lideranças estabelecidas (como vimos no primeiro capítulo), como uma resistência às práticas da grande mídia – com as quais um possível release seria complacente.

Como vimos no segundo capítulo, a dinâmica de conversação na lista de e-mails se

constitui de modo desorganizado, com sobreposições de mensagens, assuntos que se desenvolvem paralelamente em diferentes cadeias de e-mails, respostas em regimes temporais distintos, etc. É o que acontece neste episódio, quando Bruno Vieira envia o release produzido, iniciando uma nova cadeia de e-mails com o assunto “Manifestantes ocupam Praça da Estação contra medida do prefeito Márcio Lacerda”. Embora possa parecer que Bruno ignora a contestação de Omar e Paulo ao enviar o release, o horário em que os e-mails são enviados revela que as cadeias de mensagens se sobrepuseram – e a conversa continua nas respostas ao e-mail de Bruno. No release redigido pelo banhista, como é possível perceber pelo trecho abaixo, a Praia da Estação é chamada de “Praia na Praça” e definida como um “movimento pela plena utilização do espaço reformado da Praça Rui Barbosa”. É curioso como a denominação não será mais utilizada pelos banhistas, tampouco a referência à Praça da Estação como “Praça Rui Barbosa”.

Manifestantes ocupam Praça da Estação contra medida do prefeito Márcio Lacerda

Decreto que proíbe manifestações culturais no local é contestado pela sociedade e movimentos culturais

Neste sábado, dia 16, a Praça da Estação vai virar uma *praia pública*. Acontecerá nesse dia o *Praia Na Praça*, um movimento pela plena utilização do espaço reformado da Praça Rui Barbosa. O evento serve como protesto contra o decreto 13.798/09, editado pelo prefeito Márcio Lacerda, que proíbe a “realização de eventos de qualquer natureza na Praça da Estação, nesta Capital”.

A manifestação se caracteriza basicamente pela irreverência e descontração, em face à medida do prefeito que visa diminuir as manifestações culturais nas áreas centrais de Belo Horizonte. Para o movimento, as pessoas deverão ir de *roupa de banho* (bermuda, calção, biquíni, maiô, cueca) e levar artigos de praia, tais como bóias, cadeiras, toalhas, guarda-sol, cangas, farofa e a vitrolinha ou o violão. Todos os interessados em discutir a proibição de eventos na praça estão convidados para esmiuçar o tema das revitalizações ocorridas recentemente na cidade e dos decretos de lei que instauram o deliberado loteamento dos espaços públicos. Isso, enquanto curtem o sol e a cidade.

O Centro e a Cultura

Há cinco anos, iniciou-se em regiões de da Grande Belo Horizonte um novo processo de higienização urbana, que tem como base elementar a reestruturação de espaços da cidade em consonância com as tendências contemporâneas de uso e desuso especulativo-mercantil das grandes cidades. Além do ostensivo investimento em mecanismos de monitoramento que se espalharam pelos arredores do centro urbano de BH (vide o chamado Projeto Olho - Vivo), tais empreendimentos tendem a sufocar, por vários meios, o encontro espontâneo de indivíduos nas ruas e o livre uso de espaços classificados como "públicos".

Essas intervenções se definem por moldes dos velhos projetos característicos de todas as modernas cidades erguidas sob os pressupostos unitários do capitalismo: limpeza de aspecto fundamentalmente classista, projetos infra-estruturais de custos estratosféricos, restauração de pontos turísticos e outros.

Em 09 de dezembro de 2009, foi decretada pela administração da cidade, com assinatura direta do prefeito, a proibição de "eventos de qualquer natureza" na Praça da Estação (ou Praça Rui Barbosa), um patrimônio público que viveu os primeiros suspiros da cidade. A medida pode assinalar a retomada do que se iniciou em 2005/2006, como corrida "emergencial" para a conclusão de todas as obras necessárias para que BH possa dar suporte aos eventos da Copa do Mundo de 2014. [...]

Fig. 11 – Trecho de release enviado por Bruno Vieira dos Santos

Rafael Barros é o primeiro a responder, aprovando a iniciativa. Passadas algumas horas, Omar responde o e-mail e retoma a controvérsia, voltando a discutir os propósitos do release. Novamente, Paulo Rocha corrobora a crítica de Omar – e novamente, é perceptível a exaltação que a iniciativa do release lhe ocasiona. Embora nem todas as respostas busquem desenvolver argumentos para justificar seus pontos de vista (em alguns momentos, só o que se pode perceber são provocações e respostas defensivas), é possível observar como os banhistas se engajam aos poucos em um debate¹³⁷. Outros banhistas entram no meio da conversa, ampliando as questões envolvidas na controvérsia gerada pela produção do release. O que parece estar em jogo na disputa estabelecida, mais do que uma decisão pontual acerca de uma tática de divulgação, é a própria configuração que os banhistas pretendem conferir à manifestação que era gestada ali, como é possível perceber no e-mail abaixo (que, como vimos no primeiro capítulo, inaugura a ideia da Praia como uma espécie de “onda”):

calma cara, o que está acontecendo não é um movimento, não é um coletivo nem nada disso. É uma onda, uma agregação espontânea a partir de coisas que vocês ou alguém disparou. Acho que tentar demonstrar a diferença entre vocês e um alguém anônimo implica em querer assumir a liderança da coisa... Mas a questão é que neste ponto a coisa é indefinível e inliderável. Tentar definir demais as coisas pode exatamente sufocar a energia que esta movimentação está despertando nas pessoas, por razões que estão muito longe de cínicas.

Cada um está tentando fazer seu corre da maneira que acha válido, não existe tempo nem possibilidade de produzir um "nós" unificado para a parada. E é impossível conversar direito por e-mail, tudo acaba virando mal entendido e agressividade... (Miguel de Ávila Duarte, na mesma cadeia de e-mails).

Novamente, entre outras respostas, a conversação é entrecortada pela inauguração de uma nova cadeia de e-mails dentro da mesma discussão, que se desdobra em três diferentes cadeias de e-mails: a primeira delas, com seis respostas; a segunda, com nove; e a terceira, com 26. A terceira e última cadeia de e-mails é iniciada por Kara, em um e-mail com o

¹³⁷ De acordo com Venturini (2012), um debate pode ser definido de forma geral como uma situação em que os atores discordam. Utilizamos aqui os termos “discussão” e “debate” como sinônimos para designar a conversação em que os banhistas disputam sentidos e buscam convencer uns aos outros de seus pontos de vista.

assunto “Jornalistas na pilha! (e nossa mídia)”. O e-mail de Kara é motivado pela ação de jornalistas da TV Alterosa e da Rádio Itatiaia, que haviam se manifestado na área de comentários do CMI, em resposta a um dos convites postados no site. Fazendo coro aos argumentos de Omar e Paulo, o banhista mostra-se receoso diante da procura dos jornalistas pelos organizadores da manifestação.

Esse chamado para a Praia na Praça foi feito anonimamente. Não foi algo puxado por nenhum coletivo específico, nem assinado por ninguém, mas que se junta na crítica a esse decreto e na crítica a cidade. No entanto, no post do CMI, existem os comentários (que estão abaixo) pedindo já o contato "de quem está organizando". [...]

Se liguem:

contato

renato rios neto 14/01/2010 11:52

progr...@itatiaia.com.br

www.itatiaia.com.br

Preciso de algum contato de quem está organizando, ou ajudando a organizar, esse protesto. Sou jornalista e produtor aqui da Rádio Itatiaia. Queremos fazer uma matéria sobre o assunto.

Abs,

Renato

Qualquer coisa, pode mandar o contato no progr...@itatiaia.com.br

Contato

Karina Novy 14/01/2010 12:26

karina.n...@alterosa.com.br

www.alterosa.com.br

Olá, sou produtora da TV Alterosa. Qual o contato de vcs?

karina.n...@gmail.com

karina.n...@alterosa.com.br

3237-6660 (Kara, em e-mail de 14/01/10)

A mídia revela-se como um ator¹³⁸ importante, em duas dimensões. O comentário postado por Renato Rios Neto e reproduzido por Kara (acima) levanta uma questão controversa interessante: a abordagem jornalística demanda a escolha de um porta-voz, um organizador, um representante, alguém que possa responder pela manifestação – e essa demanda parece deixar alguns banhistas especialmente receosos. Além disso, ainda que

¹³⁸ Como vimos no capítulo anterior, trabalhamos aqui com a noção de ator-rede, segundo a qual um ator é um elemento que desencadeia uma ação, estabelecendo operações de *tradução*: conexões que transportam transformações e deslocamentos na rede que buscamos construir. Rastrear as ações dos atores-rede é fundamental, nessa medida, para fazer operar a ideia de agenciamento.

nenhum jornalista participe diretamente da discussão, é a projeção de uma possível cobertura midiática que inaugura a possibilidade de serem questionados quanto aos objetivos e modos de agir da manifestação, motivando os banhistas a engajar-se no debate. Em última instância, pode-se dizer que é essa projeção que agencia as controvérsias mobilizadas neste episódio: sem a possibilidade de cobertura da mídia, a sugestão do release não existiria – e o conflito não seria configurado dessa forma.

O que se evidencia nos e-mails que se seguem é a incerteza em relação à forma da ação que estão planejando, que vai sendo aos poucos negociada entre os banhistas. Como vimos no primeiro capítulo, há uma indefinição permanente, que se acentua à medida que os banhistas vão colocando uns aos outros em cheque. A Praia é um movimento? É um coletivo? O que esses nomes implicam para a manifestação? Nesse ponto da discussão, a disputa por esse tipo de definição passa a ser o elemento que agencia o debate.

Eu sou da seguinte opinião:

já somos um coletivo formado. Não temos do que nos esconder, e fazer como no Vá De Branco, que até hoje não sabemos quem começou. [...]

Não é para expor ninguém, mas para dar crédito ao movimento. Movimentos anônimos costumam não ter o devido crédito. Já que somos um coletivo - o Coletivo Praça Livre - por que manter o anonimato? (Bruno Vieira dos Santos, em resposta ao e-mail de Kra)

Mas tem muita coisa que não estamos definidos coletivamente ainda. Não sei ainda se somos um coletivo, ou se somos um movimento (ou se existe diferença entre os dois). Não pensamos q tipo de exposição nós queremos ter, (se queremos ter um ou uma "porta-voz" pra mídia ou algo do tipo) pq alguns movimentos as vezes não definem uma representação, e costumam ter seus motivos pra isso... sei lá. Não que seja nosso caso. (Kra, na mesma cadeia de e-mails)

você vai me desculpar de novo, Bruno: não somos um coletivo. isso não passa de uma aglomeração de gente em torno de um problema comum (que é interpretado de várias formas). (Omar Hashshashin, na mesma cadeia de e-mails)

Acabei de ter um retorno da rádio UFMG. Primeiro pessoal para quem passei o release e que sinalizou. Eles vão me ligar amanhã para conversar sobre o movimento. Bem, acho que se trata de um movimento, não de um coletivo. Pelo menos por ora. (Rafael Barros, na mesma cadeia de e-mails)

Aos poucos, revelam-se alguns elementos-chave no embate, que podemos destrinchar tendo em mente as dimensões analíticas do dispositivo e do agenciamento. Em relação às curvas de enunciação, é possível perceber como a ideia de que a Praia deveria assumir-se logo como um coletivo, ou um movimento (como podemos identificar nos e-mails iniciais de Bruno Vieira e Rafael Barros, expostos acima) vai se tornando rapidamente algo “indizível”. Importante perceber como não se trata da produção de um consenso em relação a essa questão: a discussão simplesmente toma outros rumos, sem que nenhum dos envolvidos volte a mencioná-la. Longe de constituir um fato isolado, é possível perceber como essa impossibilidade de nomear a Praia da Estação como um movimento, ou um coletivo, ou o que quer que seja, vai permear todo o percurso da manifestação – sempre como um ponto controverso.

É evidente também como, ao longo da discussão, essa “indefinibilidade” é atravessada por questões que parecem tomar a forma de linhas de força, direcionando o caminho da discussão. A ausência de líderes parece configurar uma linha de força central. Embora divirjam na interpretação que conferem às ações (escrever um release é assumir-se como líder?), todos os banhistas que participam da discussão parecem simpáticos, em maior ou menor medida, à ideia da horizontalidade na forma de organização da Praia. A favor ou contra o release, definindo ou não a movimentação que se formava, a ideia de que a ação não seria capitaneada por lideranças vai se constituindo assim como unanimidade entre os banhistas, neste episódio.

Como vimos no primeiro capítulo, a ideia de horizontalidade se configura como um princípio da noção de rede, ligada a um tipo de ativismo político que busca se distanciar de formas de ação organizadas dentro de um sistema hierárquico de representação. A discussão em torno do release é o episódio em que esse princípio ganha corpo e se estabelece como uma linha de força, sendo retomado, questionado, tensionado e reafirmado em diversas outras discussões ao longo do percurso da Praia – dentro e fora da textualidade que investigamos, neste trabalho.

Outra ideia que parece se configurar como linha de força, diretamente relacionada à ausência de lideranças, é o anonimato. Ambas as chamadas, tanto para a Praia, como para o “Vá de Branco”, são feitas de forma anônima. “Por que manter o anonimato?”, pergunta, em um dos e-mails acima, o usuário Bruno Vieira dos Santos. É interessante como Bruno não é diretamente respondido por nenhum dos banhistas que participam da conversa. O

anonimato parece configurar assim uma linha de força emblemática da controvérsia que se delineia. Para além da indefinição da natureza das ações dos banhistas, o anonimato parece guardar força em si mesmo – justificado pelo receio do “aparelhamento” ou da “captura” da ação, ou mesmo sem justificativa aparente. Essas linhas parecem convergir em uma forte restrição: os próprios banhistas deixam de tentar dizer “o que é” e “quem é” a Praia.

Embora a convocação da Praia tenha sido anônima, no entanto, aos poucos, Paulo Rocha vai revelando alguns indícios de que o Coletivo Conjunto Vazio (de que o banhista faz parte) pudesse estar por trás da ideia. Em um dos embates travados com o usuário Bruno Vieira em torno do assunto do release, os e-mails de Paulo dão a entender que ele está relacionado à autoria da convocação:

CARA NÃO FOI POR ISSO QUE PUXAMOS
ESSA IDÉIA DA PRAIA! PAREM DE
QUERER FAZER DISSO UM EVENTO!!!
PUTA MERDA, NÃO SE TRATA DE
ESPETACULARIZAR AINDA MAIS
UMA INTERVENÇÃO. QUAL A
FINALIDADE? (Paulo Rocha, em e-mail de
14/01/10)

Cara, não me force a especificar quem fez todos
os corres para a praia para você ficar vomitando
diretrizes por aqui. (Paulo Rocha, na mesma
cadeia de e-mails)

Além disso, Paulo envia à lista na madrugada anterior à realização da primeira Praia um e-mail com o assunto “Carta Aberta do coletivo [conjunto vazio]: Sobre a Praia da Praça da Estação”. Ao longo da carta, é possível perceber novamente como o usuário chama para si a responsabilidade da ação, embora não faça isso de forma explícita em nenhum momento e afirme ao final que os rumos da intervenção não estão ao seu alcance.

A ideia e organização da praia se deu de uma forma muito simples e propositalmente anônima. O que parece ser notório é a constatação de algo que quase sempre acontece quando se tem uma adesão tão popular e espontânea, que é o fato de que sempre existe alguém pronto para aparelhar e cooptar o discurso. [...]
A Praia da Praça da Estação não tem líderes, não tem partido, não precisa deles... muito menos esse integrante do coletivo [conjunto vazio] que vos fala pode determinar o que a praia é ou deixa de ser, simplesmente porque isso não me pertence e a intervenção nem mesmo aconteceu. Se posso dizer algo, digo que essa ação irá se concretizar e não precisa de nenhum discurso

que a legítima, muito menos de vanguardas, sejam elas artísticas, políticas ou jornalísticas.

Paulo (e por extensão, o Conjunto Vazio) pode ser considerado, nessa medida, como um ator crucial, já que sua ação transforma completamente os rumos das ações dos manifestantes envolvidos nos desdobramentos do Vá de Branco. Como vimos no primeiro capítulo, o Coletivo Conjunto Vazio atua em questões relacionadas à temática urbana, ligado a uma série de outros coletivos e experiências libertárias em Belo Horizonte. Fica evidente como a configuração defendida por Paulo (ação anônima, crítica à espetacularização, caráter de intervenção) pode ser localizada na visão de mundo desse Coletivo, que se associa ao pensamento libertário e às referências anarquistas de ativismo político – dentro das quais escrever um release para divulgar uma ação na mídia pode parecer algo impensável. Outros usuários que participaram ativamente da discussão assumindo pontos de vista críticos ao release, como Kara e Omar, também podem ser associados a esse tipo de pensamento. Ambos utilizam e-mails do servidor Riseup.net e mostram-se próximos de ações de coletivos libertários (Kara oferece o Espaço Ystilingue para uma reunião dos banhistas em um tópico de setembro de 2010, por exemplo).

Ainda que os outros banhistas não tenham necessariamente a mesma inclinação libertária que Paulo, Omar e Kara, a inspiração anarquista (por meio de linhas de força como o anonimato, a ausência de lideranças e a horizontalidade) parece direcionar a configuração política que a manifestação vai assumindo, agenciando questões como a utilização dos pseudônimos coletivos, por exemplo. Em uma conversa posterior no mês de janeiro, na lista de e-mails, o usuário Leo Santiago sugere que, como forma de despersonalizar o conteúdo das matérias jornalísticas sobre a Praia, todos os banhistas deem entrevistas como Luther Blissett. Luiz Gabriel Lopes levanta essa mesma sugestão em um outro tópico, ainda no mês de janeiro. Como vimos no primeiro capítulo, os pseudônimos Luther Blissett e sua versão brasileira Omar Motta (além de outros, como Rita Garella) estarão fortemente presentes ao longo do percurso da Praia, assinando postagens, comentários e manifestos. Aqui é possível atestar mais uma vez a extrema relevância de Paulo (e do Coletivo Conjunto Vazio) como um ator, agindo também na sobredeterminação dos enunciados que configuram linhas de força.

De volta à lista de e-mails, é possível perceber como, mesmo que a conversa seja fortemente ancorada nos princípios de horizontalidade e anonimato, alguns banhistas permanecem defensores do release, em uma linha de argumentação que busca reforçar a importância de inserir o decreto e a manifestação no “debate público”. Uma possível solução

aventada para tentar publicizar a manifestação sem reduzir a multiplicidade de vozes envolvidas é a produção de releases diversos, enviados por diferentes banhistas. O e-mail de luiz gabriel é esclarecedor desse posicionamento, assumido por diferentes usuários:

sou da humilde opinião de que é principalmente **a partir do *debate público* (que só acontece efetivamente quando se envolve setores relevantes da sociedade, aptos e competentes para realizar mudanças naquilo que nos incomoda) que o acontecimento *passa a existir* de fato na esfera pública da cidade, e deixa de ser um desconforto de uns poucos informados sobre um tal decreto e isso só acontece quando há uma repercussão que ultrapassa o momento do evento e pra mim isso justifica por si só a corrida para "agendar" o evento na mídia, *publicizá-lo* (nos releases nos mailings, nas redes sociais, no boca a boca, chamando os amigos)

então, nesse caso, é positivo que tenhamos diferentes releases, que se contradigam e sejam *todos* enviados para as caixas de email das redações dos jornais. se existem diferentes perspectivas de leitura para a questão, cada um de nós é cidadão suficientemente livre para dar seu testemunho e incomodar um pouco uma meia dúzia de jornalistas

e então 2, que por isso considero positiva a proliferação de vozes e a não-unidade ideológica do movimento (ou do coletivo) (ou do movimento), e talvez nesse momento não precisemos mesmo de líderes, uma vez que cada um de nós tem legitimidade para se pronunciar como quiser. (luiz gabriel lopes, na mesma cadeia de e-mails).

luiz mobiliza assim uma rede diferente de enunciados: embora termine por endossar a ausência de lideranças e a horizontalidade da ação, é possível perceber como o usuário abre a discussão para a necessidade de se utilizar da repercussão midiática como forma de ampliar o debate para o restante da cidade. Outros usuários também assumem o ponto de vista de luiz, mas a discussão arrefece sem que seja possível rastrear se foram mesmo produzidos diferentes releases, como foi sugerido, nem mesmo o que foi efetivamente feito com o release produzido por Bruno Vieira. De qualquer forma, a Praia de sábado foi bastante noticiada na mídia local. Entre os links que os banhistas reuniram na lista e no perfil no Twitter, estão matérias publicadas nos jornais Hoje em Dia¹³⁹, O Tempo¹⁴⁰ e O Globo¹⁴¹, nos portais G1¹⁴² e Uol¹⁴³ e

¹³⁹ <http://www. hojeemdia.com.br/cmlink/hoje-em-dia/minas/manifestantes-fa> (Acesso: 28/03/13)

¹⁴⁰ <http://www. otempo.com.br/noticias/ultimas/?IdNoticia=68897> (Acesso: 28/03/13)

¹⁴¹ <http://oglobo.globo.com/pais/grupo-transforma-praca-de-bh-em-praia-durante-protesto-3067738> (Acesso:

em blogs como o Pedreira na Vidraça¹⁴⁴, o Blog do Fórceps¹⁴⁵ e o Blog do C.I.S.C.O.¹⁴⁶.

Se o episódio do release parece importante para perceber como a ausência de lideranças e o anonimato vão se configurando como linhas de força no percurso da Praia, é interessante também observar que os banhistas adotam a prática de escrever releases para suas ações (como foi o caso do Eventão, por exemplo) e monitorar a mídia, reunindo um clipping do material que sai na imprensa depois das manifestações. As controvérsias parecem se desenrolar nesse tipo de deslocamentos e conexões, configurando arranjos de sentidos polivalentes – e por vezes, mesmo contraditórios.

4.1.2 A Comissão do Prefeito: qual o caminho para a praça livre?

O segundo episódio que elegemos para análise está ligado a um conjunto de e-mails trocados na lista, dispersos em nove diferentes cadeias de conversação, a partir da publicação do decreto Nº 13.863¹⁴⁷ pelo então prefeito Marcio Lacerda, em 29 de janeiro de 2010. O novo decreto, que deriva da proibição da realização de eventos de qualquer natureza, institui a criação de uma “Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação”, responsável por estipular regras para a utilização da Praça em um prazo de 90 dias. Interessante perceber, no texto do documento, a relativização da proibição decretada anteriormente, agora caracterizada como “suspensão de autorização”:

<p>DECRETO Nº 13.863 DE 29 DE JANEIRO DE 2010</p> <p>Institui a Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação e dá outras providências.</p> <p>O Prefeito de Belo Horizonte, no exercício de suas atribuições, em especial as que lhe confere o inciso VII do art. 108 da Lei Orgânica do Município e considerando:</p> <p>- a publicação do Decreto nº 13.798, de 09 de dezembro de 2009, que suspendeu a autorização para a</p>
--

28/03/13)

¹⁴² <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0..MUL1450518-5598.00-DE+BIQUINI+E+SUNGA+MANIFESTANTE S+TRANSFORMAM+PRACA+DE+BH+EM+PRAIA.html> (Acesso: 28/03/13)

¹⁴³ http://noticias.uol.com.br/album/101016_album.jhtm?abrefoto=15 (Acesso: 28/03/13)

¹⁴⁴ <http://pedreiravidraca.blogspot.com.br/2010/01/praiada-estacao.html> (Acesso: 28/03/13)

¹⁴⁵ <http://blogforceps.blogspot.com.br/2010/01/praiada-estacao-o-hit-do-verao.html> (Acesso: 28/03/13)

¹⁴⁶ <http://ciscobh.blogspot.com.br/2010/01/praiada-estacao-nova-onda-do-verao.html> (Acesso: 28/03/13)

¹⁴⁷ Disponível em <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1022906>. (Acesso: 26/03/13)

realização de eventos na Praça da Estação e a necessidade da utilização adequada do espaço público;
- a necessidade de garantir a segurança pública para quem transita naquela região da cidade;
- a necessidade da preservação do patrimônio arquitetônico e cultural do Município e da qualidade do meio-ambiente no entorno da Praça da Estação e da manutenção da emissão de ruídos dentro de limites definidos pela legislação vigente,

DECRETA:

Art. 1º - Fica instituída a Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação, com a finalidade de definir regras especiais para a utilização desse espaço público para a realização de eventos, observado o disposto na Lei nº 9.063

<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk...>

de 17 de janeiro de 2005, e no Decreto nº 13.792

<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk...>

de 02 de dezembro de 2009.

Art. 2º - À Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação compete:

I - consultar os órgãos técnicos pertinentes, para subsidiar as propostas para a criação de condições adequadas de uso do espaço público;

II - realizar estudos técnicos e avaliar os impactos da realização de eventos na Praça da Estação;

III - realizar debates, audiências e consultas públicas sobre a utilização da Praça da Estação para a realização de eventos;

IV - propor instrumentos que viabilizem a realização de eventos na Praça da Estação, capazes de garantir a segurança, a limpeza e a proteção do patrimônio público;

V - definir regras especiais, que resguardem o interesse público, para a utilização da Praça da Estação como espaço para a realização de eventos.

Art. 3º - A Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação será composta pelos seguintes membros designados pelo Prefeito:

I - 1 (um) representante da Secretaria de Administração Regional Municipal Centro-Sul, que a presidirá;

II - 1 (um) representante da Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte S.A. - BELOTUR;

III - 1 (um) representante da Assessoria de Comunicação Social;

IV - 1 (um) representante da Secretaria Municipal de Governo;

V - 1 (um) representante da Secretaria Municipal de Meio Ambiente;

VI - 1 (um) representante da Secretaria Municipal de Segurança Urbana e Patrimonial;

VII - 1 (um) representante da Procuradoria Geral do Município;

VIII - 1 (um) representante da Secretaria Municipal Adjunta de Regulação Urbana;

IX - 1 (um) representante da Secretaria Municipal Adjunta de Esportes;

X - 1 (um) representante da Secretaria Municipal Adjunta de Direitos de Cidadania;

XI - 1 (um) representante da Fundação Municipal de Cultura;

XII - 1 (um) representante da Empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte S.A. - BHTRANS.

Art. 4º - Caberá à Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação, no prazo de 90 (noventa) dias, realizar os estudos técnicos necessários, bem como promover os debates, audiências e consultas públicas sobre o assunto, a fim de estabelecer as regras de utilização da Praça da Estação para a realização de eventos.

Art. 5º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Belo Horizonte, 29 de janeiro de 2010

Marcio Araujo de Lacerda
Prefeito de Belo Horizonte

Fig. 12 – Reprodução do Decreto Nº 13.863, publicado em 29/01/10 pelo então prefeito Marcio Lacerda

Pode-se dizer que, neste segundo episódio, o decreto é um ator fundamental: é a partir de sua publicação que se articula uma nova movimentação entre os banhistas. Veremos aqui como o decreto agencia uma série de deslocamentos, que movimentam controvérsias e dão a

ver como se organizam os arranjos circunstanciais das linhas que se cruzam no dispositivo da Praia. O decreto chega à lista de e-mails em uma mensagem enviada por C.I.S.C.O., no dia seguinte à sua publicação. O banhista encaminha o texto do documento, sugerindo duas providências em relação à ação da prefeitura: garantir a realização das consultas e audiências públicas e lutar pela inclusão de representantes da sociedade civil na composição da Comissão. Ele propõe ainda que a Comissão entre na pauta da reunião presencial agendada para a semana. Rapidamente, as sugestões de C.I.S.C.O. são acolhidas por diversos banhistas, que se manifestam revoltados diante da ausência de representantes de fora do executivo. Alguns deles, como Luiz Gabriel Lopes, apontam que o novo decreto pode significar um passo atrás na proibição da prefeitura, sendo uma conquista dos banhistas, um “feliz comichão da reverberação social do movimento-praia”. Rafael Barros propõe a redação de um ofício para protocolar no gabinete do prefeito, exigindo a participação da sociedade civil. Bruno Vieira dos Santos se dispõe a redigir o documento.

A conversa se desdobra em diversas cadeias de e-mails paralelas e desordenadas: Felipe Oliveira abre um novo tópico com o mesmo assunto, Luiz Gabriel Lopes abre mais um, Bruno Vieira dos Santos envia uma proposta de ofício em outro tópico. Em meio à agitação provocada pelo novo decreto e à rápida adesão em relação à proposta de reivindicar um espaço na Comissão, algumas vozes começam a destoar dos demais banhistas, sinalizando que o grupo deveria ter mais cuidado em relação a essa participação. Inicia-se assim um debate sobre a decisão de reivindicar ou não a participação na Comissão. Se alguns banhistas acreditam que a participação na Comissão pode representar uma forma de intervir nas decisões institucionais, outros deles não reconhecem a Comissão como um meio legítimo de definir a utilização da Praça e enxergam no novo decreto uma manobra política da PBH.

eu estou achando bem complicada essa história toda da comissão, não sei se o nosso caminho seria mesmo 'lutar' por 'parte' dela - isso me parece muito pouco. Acho que é bastante significativo o quanto nossa alegria/movimento já incomodou.

Parece que a prefeitura simplesmente sofisticou a coisa (como a gente já percebeu de cara), mas não sei se estamos conseguindo pensar com clareza no tamanho e na gravidade do problema...

...precisamos conversar muito. (Maria Luísa Nogueira, em e-mail enviado em 01/02/10)

Companheiras, companheiros, vocês não acham que esta é uma comissão espúria? Será que é o caso de legitimá-la? Não seria melhor combatê-

la? Saudações libertárias, abração, Bizoca.
(Heloísa Greco, na mesma cadeia de e-mails)

*Sugiro que não apresentemos representantes e não nos misturemos com esta mentira. *

A partir do momento que tivermos um representante lá, estaremos dando validade para as resoluções dessa comissão. Estaremos aceitando os desmandos do prefeito. E para mim, mesmo com a participação de membros deste movimento, esta comissão da prefeitura que pretende esvaziar a praça deve ser esvaziada pela nossa total apatia e não envolvimento.
(Fidelis Alcantara, em e-mail de 01/02/10)

[...] se nao nos organizarmos e entrarmos onde nos é de DIREITO perderemos nosso espaco e por consequencia, prevalecerão as leis dos dominantes.

porque nao estamos falando somente de atos sociais e problemas administrativos, mas de LEIS (DECRETO), de legislação. E se nao formos pleitear a participacao, como faremos entao? (Carem Abreu, na mesma cadeia de e-mails)

A favor da participação na comissão. Não participar da comissão é abrir mão da tomada de decisão. Podemos ao menos colocar nosso ponto de vista, que não foi escutado em nenhum momento até agora. Exatamente quando temos oportunidade de nos fazer ouvir pelo poder público nós vamos abrir mão??? Mas não era exatamente contra o poder público tomar decisões sem nos escutar aquilo que estávamos reclamando??? (Felipe Oliveira, em e-mail de 02/02/10)

Para além da participação ou não na Comissão, alguns dos banhistas começam a problematizar a questão em novas direções. Caso optassem por participar da Comissão, quais seriam as reivindicações para a utilização da praça? Nenhuma regulamentação? Regulamentação apenas para alguns tipos de eventos? Em que medida as manifestações populares seriam afetadas pelas decisões da Comissão? O e-mail enviado por Sávio Bones nos parece interessante como disparador dessas questões.

Partindo do pressuposto que o espaço da Praça foi construído e passou por várias reformas (inclusive a mais recente) com o objetivo de ser utilizado para eventos e manifestações públicos; é de perguntar e responder: quais os critérios objetivos (e não subjetivos) para que eventos possam ser autorizados ou não? Como combinar os grandes eventos com o bem estar da população que vive em torno da Praça? É correto

que espaços públicos devam ser cedidos para cultos religiosos? Ou para eventos que visem lucro?

Ou ainda: como serão encaradas as atividades promovidas pelo poder público como, por exemplo, o Forró Belô e o FIT? Como combinar eventos de massa, preservação e segurança no local? E a revitalização de toda a área?

Se respondermos positivamente a alguns desses pontos e colocarmos em debate de forma mais ampla estaremos de fato influenciando. Por dentro, de fora, de lado e por cima da Comissão. (Savio Bones, em e-mail de 02/02/10)

É curioso como, mesmo com esse tipo de provocação, questões como essas permanecem em aberto na textualidade que investigamos. Para além do jargão “Okupe a cidade”, dos chamados para debater no espaço da Praça e de reflexões individuais (ou de grupos isolados) publicadas no blog, não é possível rastrear nenhum movimento da Praia da Estação em direção a uma reflexão mais detida acerca do uso do espaço público. Neste episódio, as iniciativas propositivas são pensadas em outra direção: caso optassem por não participar, que outros tipos de ação poderiam ser pensados? Grande parte das energias é canalizada para esse tipo de questão, que passa a mobilizar a discussão em e-mails de usuários como Paulo Rocha e marcos assis.

Eu particularmente tendo a concordar com o posicionamento sobre não participar da comissão, mas ao mesmo tempo penso que, por exemplo, um abaixo assinado não é também acreditar em um poder constituído? Será que é uma boa estratégia nos furtar agora desse dialogo macropolítico?

Pois nos resta uma questão: caso seja um consenso entre nós ou até mesmo mesmo que nos seja negado a participação que tipo de ações efetivas e mais radicais iremos tomar? Volto novamente ao ponto, é claro que a Praia representa um avanço tanto na utilização dos espaços, da reunião de pessoas em um ato festivo, quanto do debate das idéias, mas não podemos deixar que ela seja um gozo interminável de fim de semana... e isso parece urgente... (Paulo Rocha, em e-mail de 01/02/10)

... e é claro, quais ações a se tomar frente a isso? tomo pra mim a provocação do Paulo...

tem várias idéias rolando... por exemplo, ouvi dizer de várias bocas da vontade de fazer um luau, acampar e dormir na praça qualquer dia desses...

tá rolando por aí também a idéia de fazer um EVENTÃO na praça, uma jornada de atividades

culturais, debates, oficina etc etc...
o eventão se rolar, parece que já deve ser nesse fim de semana sábado/domingo. Sábado é dia de Praia e domingo agora tem o Domingo 9meia. parece uma boa oportunidade para uma provocação mais direta. Um evento que chamasse evento... (marcos assis, 01/02/10)

e bloco protesto de carnaval, ninguém se animou? boa hora para pedirmos tbm o carnaval no centro! (Rafael Barros, em e-mail de 02/02/10)

Nos e-mails acima, é possível perceber como a discussão em torno da Comissão traz à tona e joga luz a ideias de outras ações de contestação que já vinham sendo gestadas pelos banhistas, como a realização do Eventão e do Bloco de carnaval da Praia. Ainda que não seja possível (e nem mesmo de nosso interesse) atrelar diretamente as coisas ou afirmar uma relação de causalidade entre esses e-mails e a efetivação das ações planejadas, fica evidente como a discussão incita os banhistas a buscar outros meios e renova sua mobilização em direção a ações como essas, que se tornam agenciamentos importantes da discussão em relação à Comissão. No mês de março, como se pode observar na lista de e-mails (tanto nos relatos de reuniões presenciais, quanto nas mensagens trocadas para organização e logística), os esforços dos banhistas caminham na direção de concretizar essas ações – que não só serão concretizadas, como também repetidas nos anos seguintes.

No dia 4 de fevereiro, como é possível observar no relato enviado à lista por Fidelis, os banhistas fazem uma reunião presencial, onde decidem não reivindicar a participação na Comissão Especial de Regulamentação de Eventos. É interessante como, em diversas ocasiões, as reuniões presenciais atuam, elas mesmas, como atores-rede: por meio dos relatos enviados à lista, é possível perceber como muitos dos impasses entre os banhistas são resolvidos nas discussões presenciais. Há uma grande valorização da presença nesses espaços de discussão – que parecem ser pensados hierarquicamente pelos banhistas em relação à lista de e-mails. A reunião presencial agencia relações, nesse sentido, na medida em que é fundamental para a tomada de decisões na Praia da Estação.

No caso desse episódio, a decisão de não legitimar a Comissão segue na direção de criticá-la pela unilateralidade e arbitrariedade com que foi criada, além do autoritarismo que atribuem à relação da PBH com a utilização do espaço público. Como decisão prática, é determinado o foco nas audiências públicas previstas no decreto (exigir sua realização, participar das audiências e acompanhar informações sobre elas). De fato, os banhistas conseguem se articular para uma audiência pública sobre a questão da Praça, realizada na

Câmara dos Vereadores no dia 24 de março. Outras decisões relacionadas são procurar vereadores que possam ter interesse em acompanhar os trabalhos da Comissão, buscar um advogado para auxiliar em uma ação civil pública contra o decreto e divulgar melhor a Praia para moradores e comerciantes do entorno da Praça da Estação. A realização do Evento também foi discutida na reunião e ficou como pauta para o encontro presencial da semana seguinte.

Nas semanas seguintes, a movimentação na lista se volta para a concretização das ações discutidas acima, além de conversas sobre as praias e outras movimentações que ocorriam na cidade. A menção à Comissão torna-se mais rarefeita, limitando-se a um ou outro e-mail. No Twitter, apenas um tweet de 11 de fevereiro menciona o assunto, trazendo um link para uma notícia do Diário Oficial noticiando o início dos trabalhos: “comissão começa a funcionar, mas sem sociedade civil no meio: <http://tinyurl.com/yb9qa6q> #PraiadaEstacao ei, Lacerda, quero ser da comissão!”. Interessante como o tom do tweet (que termina com um chamado ao prefeito reivindicando a participação) destoa do posicionamento coletivo consensuado na última reunião presencial. O tweet permanece isolado, contudo, sem gerar respostas ou retweets.

A discussão em relação à Comissão movimenta sete diferentes postagens no blog. No dia 31 de janeiro, uma postagem¹⁴⁸ é publicada com o texto do decreto. No dia 2 de fevereiro, é publicada a “Carta enviada a Prefeitura de Belo Horizonte, endereçada ao Sr. Prefeito Márcio Lacerda, datada de 02 de fevereiro de 2010”¹⁴⁹, texto irônico que simula uma carta enviada por um admirador do prefeito infiltrado na Praia da Estação, que assina como “Q” e dá conselhos sobre a forma de lidar com os banhistas. Na carta, o pretense espião ironiza o fato da Comissão gerar posicionamentos divergentes entre os banhistas:

Senhor ilustríssimo, li na sexta-feira o decreto que institui a comissão para avaliar a utilização da Praça da Estação. De fato, foi uma grande jogada, o movimento está se dividindo, alguns defendem a participação, outros o não envolvimento. Acompanho a lista de discussão que eles montaram e estou ciente de que está funcionando a sua tática. (Retirado da postagem Carta enviada a Prefeitura de Belo Horizonte...”, de 02/02/10)

¹⁴⁸ Disponível em <http://prcalivrebh.wordpress.com/2010/01/31/decreto-13-863-de-bh-comissao-de-regulamentacao-de-eventos-para-a-praca-da-estacao/> (Acesso: 27/03/13)

¹⁴⁹ Disponível em <http://prcalivrebh.wordpress.com/2010/02/02/carta-enviada-a-prefeitura-de-belo-horizonte-enderecada-ao-sr-prefeito-marcio-lacerda-datada-de-02-de-fevereiro-de-2010/> (Acesso: 27/03/13)

A carta é enviada à lista de e-mails como link para a postagem em uma mensagem de Paulo Rocha, que parece surpreso. Alguns banhistas mostram-se confusos em relação a ela, até que Francisco Vianna explica a referência ao romance “Q”, assinado por Luther Blissett (traduzido para o português como “Q, o caçador de hereges”). Entre as dez respostas geradas na lista, a maior parte dos banhistas acha graça na referência. Fidelis Alcantara envia um link da página de Luther Blissett na Wikipédia¹⁵⁰ e Cristiano Pereira da Silva envia o pdf do livro. “Q, o caçador de hereges” volta a aparecer em postagens do blog algumas vezes, dentre elas, em uma carta¹⁵¹ publicada em 11 de março, que volta a mencionar a Comissão. Veremos, à frente, como Luther Blissett pode ser pensado como um ator importantíssimo – não só neste episódio, mas em todo o percurso que investigamos.

Outra postagem interessante que toca no assunto é a “Dúvida do leitor”¹⁵², que reproduz o comentário de um leitor do Estado de Minas que critica a Praia da Estação e elogia a iniciativa da PBH ao instituir a Comissão. Nos oito comentários à postagem, enquanto alguns banhistas buscam desenvolver críticas relativas ao tom da carta do leitor, o usuário Betim-Gavioes joga uma provocação para o que chama de “playboyzada” que se diverte com um caminhão pipa enquanto o povo do Haiti sofre sem água. Começa uma breve discussão, em que alguns usuários respondem ao leitor, outros a Betim-Gavioes. Ainda no blog, há menções ao novo decreto em um convite para reunião presencial, postado em 09/02/10¹⁵³, em um texto sobre o percurso da Praia publicado em 10/02/10¹⁵⁴ e no chamado para o Evento¹⁵⁵, postado em 15/02/10.

De volta à lista, no dia 3 de março (pouco mais de um mês depois do relato de Fidélis), o usuário Rafael Barros retoma o assunto da Comissão, em um e-mail que noticia a abertura para participação de um representante da sociedade civil, mediada pelo vereador Arnaldo Godoy:

Galera,
Acabei de receber um telefonema do Arnaldo Godoy dizendo que abriram uma vaga na comissão da Praça para um membro da Sociedade Civil. Amanhã o Arnaldo vai passar

¹⁵⁰ Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Luther_Blissett (Acesso: 27/03/13)

¹⁵¹ Disponível em <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/03/11/carta-enviada-a-prefeitura-de-belo-horizonte-endercada-ao-sr-prefeito-marcio-lacerda-datada-de-11-de-marco-de-2010/> (Acesso: 27/03/13)

¹⁵² Disponível em <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/02/06/duvida-do-leitor/> (Acesso: 27/03/13)

¹⁵³ Disponível em <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/02/09/proxima-reuniao-11-de-janeiro/> (Acesso: 27/03/13)

¹⁵⁴ Disponível em <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/02/10/prai-da-estacao-o-mar-revolto-das-minas-gerais/> (Acesso: 27/03/13)

¹⁵⁵ Disponível em <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/02/15/a-onda-nao-morre-na-praia/> (Acesso: 27/03/10)

novamente na reunião. Eles gostariam de que fosse alguém do movi da praia, enfim...

É uma situação muito delicada! É um recuo da prefeitura, um avanço da pressão popular ao mesmo tempo que pode apontar para outras estratégias. Mas precisamos pensar sobre isso né? E discutir também...

Enfim, tô aqui compartilhando com todos apenas... não tenho nenhuma opinião formada. na verdade fico muuuito cabreiro. (Rafael Barros, em e-mail de 03/03/10)

A mediação de Arnaldo Godoy pode ser percebida em diversas outras ocasiões na lista de e-mails. O vereador é o principal contato dos banhistas na articulação para realizar a audiência pública de 24 de março; lança uma nota de apoio às manifestações contra o cancelamento do FIT no mesmo mês; chama os banhistas para uma reunião com o prefeito, em maio; e escreve um projeto de lei para regulamentar o uso público das praças de BH, solicitando comentários e sugestões dos banhistas. Pelo menos dois agenciamentos expressivos são mobilizados em função de Arnaldo: a audiência pública, para a qual os banhistas preparam argumentos e arregimentam um grande conjunto de apoiadores; e o projeto de lei, que (como vimos no segundo capítulo), é enviado para a lista para receber sugestões e acaba sendo aprovado em 2011¹⁵⁶. É interessante notar ainda que, embora as linhas de força configuradas pelos enunciados da horizontalidade e do anonimato orientem um posicionamento contrário aos mecanismos da política formal (como audiências públicas realizadas pela Câmara e projetos de lei), é interessante como essa relação com o vereador não é questionada. Novamente, parece que é configurado um movimento contraditório das linhas dentro do dispositivo-Praia.

Neste episódio específico, no entanto, Arnaldo Godoy torna-se um ator digno de nota não apenas pelo caráter inusitado de sua participação, mas (principalmente) pelo modo como sua ação implica em uma nova reviravolta na movimentação dos banhistas: o e-mail de Rafael (e a possibilidade efetiva de inserir na Comissão Especial um membro da sociedade civil) agencia a retomada da discussão sobre participar ou não da Comissão. É possível perceber a participação de usuários que não haviam se manifestado até então, como Matheus Machado e Rubens Aredes, que se mostram importantes para o desenrolar do episódio. Novamente, o posicionamento coletivo é decidido em reunião presencial – e novamente, os banhistas optam por não legitimar a Comissão. Desta vez, como revela o relato de Kara, uma equipe de

¹⁵⁶ Sendo incorporado à Lei Orgânica do Município como Lei nº 10.277.

peças presentes na reunião fica responsável por escrever uma carta aberta, explicitando os motivos da recusa em enviar um representante.

* Comissão *

Foi discutida a participação na comissão e assuntos relacionados. As pessoas que estiveram na reunião vão fazer uma carta aberta explicitando o porque delas não participarem dela. Essa carta não falará por todos, mas sim pelas pessoas que ela elaborarem e assinarem. Quem quiser ajudar escrever o texto, diga aqui na lista, que será incluído na discussão. (Kara, em e-mail de 05/03/10)

A dinâmica de agenciamento nesse episódio parece seguir assim um padrão de articulação de discussões online e off-line. Pela segunda vez, uma discussão que tem início na lista de e-mails é decidida no âmbito das reuniões presenciais, que agenciam posicionamentos coletivos e fazem com que a questão retorne à lista. Essa segunda reunião, em que novamente o posicionamento definido se dá pela recusa em legitimar a Comissão, agencia um desdobramento importante, que é a produção de uma carta aberta para justificar publicamente os motivos dessa recusa. Podem ser listados outros agenciamentos decorrentes dessa reunião presencial, como a articulação de alguns banhistas em uma lista de e-mails paralela à *pracalivre_bh* para essa tarefa, com a proposta de “evitar o engarrafamento de emails nas caixas”, como é possível perceber em e-mail posterior enviado por Maria Luísa Nogueira.

Além dos banhistas presentes na reunião, manifestam-se a fim de ajudar a escrever os usuários Carem Abreu e Osmar Rezende. Como forma de driblar a questão da representatividade, que já havia se mostrado um problema no episódio anterior, alguns banhistas envolvidos na tarefa tomam duas decisões: produzir diferentes versões da carta e assiná-las com pseudônimos coletivos, como Omar Motta e Luther Blissett. O resultado do trabalho é a produção de quatro cartas diferentes. Ambas as decisões parecem fortemente orientadas pelos enunciados do anonimato e da ausência de lideranças, que ganham a forma de linhas de força. Essa orientação fica mais evidente ao pensar as escolhas no que elas deixam de lado. Ao optar por enviar quatro cartas, os banhistas se recusam a escrever apenas *uma*, que fosse representativa de *um* posicionamento da Praia. Ao optar por assinar com nomes coletivos, os banhistas negam a assinatura como um movimento, um coletivo ou o que quer que seja.

As cartas são anexadas ao e-mail de assunto “4 cartas abertas”, enviado à lista por Matheus Machado em 10/03/10:

Como dito em email anterior, no último bate-papo de quinta algumas pessoas ficaram de escrever uma carta explicando os motivos da recusa em participar da tal Comissão da prefeitura.

Trocamos alguns emails separados para evitar lotar demais a lista, e hoje nos encontramos para trocar algumas idéias.

O resultado foram QUATRO cartas, cada uma com um teor bem diferente, embora todas em sintonia, acredito eu.

A proposta aqui é, ao invés de decidir qual carta enviar, enviar todas. Por que? Bom, sejamos sinceros, JAMAIS que algum jornal vai publicar uma carta destas inteira. Se alguém for muito sortudo aí, conseguimos que linkem o blog nos portais, mas só com muita sorte.

Enviando as quatro cartas (ao prefeito, à comissão, aos jornais, colocando no blog, divulgado por todo lado), mantemos uma das características interessantes desta Praça Livre que é o lance das muitas vozes, das diferentes perspectivas, que mesmo em sintonia se expressam de formas particulares.

A idéia é podermos debater isto também na quinta. Leiam as cartas, divirtam-se, proponham mudanças!

Para driblar a permanente dificuldade em assinar coisas "em nome da Praia", pensamos em assinar com alguns dos nomes coletivos já em uso no blog e por aí.

Desta forma vão em anexo cartas assinadas por quatro ilustres banhistas-poetas-bicicleteiros-artistas-cidadãos-proletários-artistas-e-vagabundos Luther Blisset, Omar Motta, Karen Elliot e Rita Garella.
beijocas

As cartas assinadas por Luther Blisset, Omar Motta e Rita Garella são muito semelhantes, diferindo sobretudo quanto à forma de se direcionar ao leitor (ao que parece, as duas últimas derivaram da primeira, buscando deixá-la mais leve e divertida). Cada uma a seu modo, as três cartas trazem um breve histórico da Praia da Estação, contam da instituição da Comissão Especial de Regulamentação de eventos e criticam sua legitimidade, em virtude da composição por “burocratas do governo”. A recusa em compor a Comissão é justificada nas três cartas por dois motivos: a desigualdade da proposta quanto à representação da prefeitura e da sociedade civil (“E mesmo que aceitássemos vestir uma gravata para participar, o que poderia fazer um representante da sociedade civil contra os 12 burocratas representantes do Prefeito? Diria um personagem famoso: ‘É uma cilada, Bino!?’”) e a ausência de outros tipos de associações e movimentos (“Além de não contemplar a pluralidade da participação

popular, afinal, o uso da praça diz respeito à cidade como um todo e não somente a quem frequenta a Praia da Estação”).

Interessante notar que as cartas de Rita e Luther definem a Praia da Estação como uma “manifestação pacífica e popular” que “ocorre para confrontar o decreto 13.798”, enquanto a de Omar a caracteriza como “mais uma ação direta de Desobediência Civil dos belorizontinos que se sentem agredidos em seus direitos constitucionais mais básicos pelo Decreto Nº 13.798”. A carta de Karen, menos argumentativa e mais curta que as demais, não chega a definir a manifestação, limitando-se a relacionar a “onda da Praia” à alegria como instrumento de resistência e recusa à arbitrariedade e ao autoritarismo que atribui à “Prefeitura do Sr. Márcio Lacerda”. As cartas são ainda postadas no servidor de compartilhamento Mediafire e publicadas no blog, em postagem de 15 de março¹⁵⁷. No blog não há respostas a essa postagem, nem há registro de atividade no Twitter relativa às cartas.

Quando as cartas vão para a lista, no dia 10 de março, contudo, provocam uma intensa movimentação. Nesse momento, é possível perceber como a controvérsia que se delineia parece ser mobilizada não apenas pelo novo decreto, mas (sobretudo) pelo modo como os banhistas compreendem o papel do que estão fazendo. Nessa nova etapa da discussão, a decisão de participar ou não com um representante da sociedade civil parece estar resolvida, justificada com os argumentos apresentados nas cartas. No entanto, alguns banhistas não compreendem e outros não concordam com a proposta de se enviar as quatro cartas e de se assinar com nomes coletivos. Novamente, assim como no episódio anterior, as linhas de força são confrontadas pelo problema de chegar às pessoas consideradas “de fora” (moradores do entorno, comerciantes, usuários das linhas de ônibus, etc). Veremos como a percepção da necessidade de mobilização vai aos poucos configurando um forte vetor, que tensiona os enunciados de horizontalidade e anonimato.

O usuário Rubens Aredes é um ator relevante neste episódio (e de modo semelhante, em outras discussões ao longo do percurso da Praia). Ele constitui uma das poucas vozes divergentes em relação às providências a serem tomadas sobre as cartas e se manifesta de modo bastante articulado, despertando e encorajando outras vozes semelhantes a se manifestar (diferente de outras vozes divergentes, como por exemplo *illyushin zaak*, que é ignorado por grande parte dos banhistas da lista). Rubens é importante, nessa medida, porque consegue tensionar as linhas de força que se esboçam no cenário da manifestação, agenciando debates e despertando controvérsias. Ele propõe a realização de uma assembleia de banhistas

¹⁵⁷ <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/03/15/cartas-abertas/> (Acesso: 27/03/13)

para decidir por *uma* das cartas, que sugere assinar como “movimento praia da estação”. O usuário propõe ainda a produção de faixas e palavras de ordem que expliquem “quem somos e o que queremos”, ao invés dos já costumeiros “okupe à cidade” e “Ei, Lacerda, seu decreto é uma merda”.

As declarações de Rubens não passam despercebidas, forçando banhistas como Matheus Machado a desenvolver uma linha de argumentação para justificar as decisões. Os e-mails de Rubens parecem importantes para que também Carem Abreu assumira um posicionamento parecido, criticando a utilização dos pseudônimos coletivos, que não fariam sentido aos “de fora”.

e sinceramente, mesmo participando dessa lista, eu não havia entendido que as assinaturas eram pseudônimos coletivos ou seja, eu creio que pra os menos desavisados esses nomes não vão passar de nomes de pessoas eles podem ter muito sentido pra um grupo que os tenham absorvido como linguagem, mas para os de fora do grupo essa interpretação pode não fazer nenhum sentido nem pro governo, nem pra população e se é uma carta aberta devemos ter esse tipo de preocupação (Carem Abreu, em e-mail de 10/03/10)

As críticas de Rubens e Carem são rebatidas por Matheus Machado, Kara e Fidelis Alcantara. Em relação à identidade da manifestação, esses banhistas problematizam a existência de outras intervenções, como bicicletadas e saraus, que atestariam que o conjunto de ações de ocupação do espaço urbano contrárias ao decreto não se resume à Praia. É questionada também a ausência de consenso em relação às questões de utilização da Praça da Estação, tendo em mente a diversidade de opiniões entre os banhistas e a ausência de proposições específicas coletivamente definidas. Além disso, os banhistas presentes na lista de e-mails não poderiam falar em nome de todos os banhistas que frequentam a Praia aos sábados. A utilização dos pseudônimos coletivos seria uma forma de resolver a questão da identidade sem personalizar a movimentação. Quem assina as cartas não seria um banhista apenas, nem a totalidade dos banhistas, mas Luther Blissett e Omar Motta, nomes que ironizam a questão da representação.

Esse tipo de apropriação faz com que Luther Blissett e Omar Motta (e também Karen Elliot e Rita Garella, ainda que menos utilizados) tornem-se atores importantes para compreender o fenômeno da Praia. Longe de serem apenas nomes, eles configuram entidades

que mobilizam e agregam uma rede de sentidos específicos conectados a um imaginário de práticas de resistência e ativismo ao redor do mundo que encontram no deboche e na ironia suas armas fundamentais. Ao assinar as cartas dos banhistas, as postagens do blog e as respostas às perguntas dos jornalistas, esses nomes não parecem servir para assegurar o anonimato dos manifestantes, mas sobretudo para agregar à Praia esses sentidos. No episódio em questão, no entanto, banhistas que não compartilham “dessa linguagem”, como define Carem, questionam e problematizam a utilização desses nomes.

É possível perceber, nessa disputa, que princípios como anonimato e horizontalidade permanecem como linhas de força, mas são tensionados pela necessidade de falar à população (e sobretudo de fazer-se compreender). Ainda que alguns banhistas possam defender a utilização dos nomes coletivos como forma de ajudar a resolver as questões de ausência de lideranças e multiplicidade de perspectivas, outros deles pontuam: em que medida sua utilização contribui para aproximar a Praia da população que efetivamente usa a Praça? Um dos e-mails enviados por Pedro Marra, ativo participante nessa cadeia de mensagens, nos parece representativo dessa controvérsia que, como veremos, acaba atravessando todos os episódios analisados.

Porque que ao invés de falarmos em consenso, não tentamos um acordo entre essas diversas vozes diferentes? Porque diversidade é muito legal e bonito, anti-autoritário e tudo. Mas traz também um risco: o da fragmentação. Assim, ao invés de uma rede que constitui um todo multifacetado, complexo e composto pela diferença, corremos o risco de desmobilizar a rede, fragmentando-a ao não querer chegar a um acordo, reforçando a formação de grupelhos. Esta segunda opção pode nos levar a uma busca pela partilha do espaço da praça, e não pelo compartilhamento da mesma.

Não estou advogando criação de representações, chefes ou qualquer coisa do tipo. Acho o uso de pseudônimos válidos, muito mais por uma questão poética do que por qualquer motivo paranóico do tipo, estamos nos escondendo de represálias. Que represálias? A praia não inflingiu nenhuma lei até agora. Como foi dito no sábado, se inflingisse, haveria um contingente de 18 mil policiais prontos para agir.

O que alguns acabam querendo dizer aqui (e que parece ser confundido por outros como tentativas de aparelhamento, ou qualquer coisa do gênero) é que à medida que a mobilização aglomera um maior número de pessoas, certos acordos serão necessários de acontecer. Acordos que não necessariamente significam consenso, pelo contrário, são as diversas partes

esquecendo momentaneamente as diferenças em prol de uma mobilização em torno de um motivo maior. Não quero dizer com isso que devemos adotar as formas mais antigas de mobilização e organização dos movimentos sociais. Mas dizer que estas formas possuem problemas também não é necessariamente negar suas conquistas e toda a bagagem que adquiriram ao longo de sua luta. É possível sim apropriar-se de algumas de suas estratégias, principalmente aquelas que se mostraram eficazes numa mobilização social eficiente, sem cair nos mesmos "erros". (Pedro Marra, em e-mail de 11/03/10)

Ao cabo da discussão, manter ou não os pseudônimos coletivos e as quatro versões das cartas já não parece estar em questão. Não é possível rastrear no blog se a assinatura das cartas foi trocada, nem tampouco o que foi feito delas – a sugestão que fica é de que cada um poderia fazer o que quiser com as cartas: imprimir, distribuir, assinar com os nomes que achasse prudente. É evidente, no entanto, como ganha força a ideia de buscar os “de fora”, por meio da produção de outros materiais gráficos, como faixas e panfletos, e da aproximação “corpo-a-corpo” com as pessoas do entorno, além da busca por apoio de outros movimentos sociais e populares. A busca pela população torna-se assim um vetor importante no dispositivo “Praia da Estação”, que se relaciona de modo com ambíguo com as linhas de força do anonimato, da horizontalidade e da ausência de lideranças, ora tensionando, ora reforçando esses princípios.

4.1.3 Beijola e o carro de som: quem organiza o quê?

O terceiro episódio envolve um conjunto de postagens e comentários no blog Praça Livre, motivados pelo envolvimento dos banhistas nas manifestações contra o cancelamento do Festival Internacional de Teatro de Belo Horizonte (FIT), em 2010. Realizado pela PBH desde 2001, o FIT é considerado pela própria PBH como o “maior evento cultural de Belo Horizonte”¹⁵⁸. Anualmente, o FIT traz grupos e companhias teatrais nacionais e internacionais, com uma programação que reúne, entre outras peças e performances, diversas apresentações gratuitas em espaços públicos da cidade. Em março de 2010, a Fundação

¹⁵⁸ Retirado de <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/pracurtir-bh/fit>. (Acesso: 21/03/13)

Municipal de Cultura (FMC) anunciou o cancelamento do evento¹⁵⁹, gerando diversas manifestações de artistas e do público. Como vimos no segundo capítulo, o cancelamento do FIT gerou também muitas postagens, e-mails e tweets, agendando a conversação nos três ambientes midiáticos em março de 2010.

Na lista de e-mails, pelo menos nove cadeias de e-mails são movimentadas por questões ligadas ao cancelamento. No blog, seis postagens remetem ao assunto e, no Twitter, há registro de nove tweets, com a criação da hashtag #FIT2010. O que se percebe, nesses registros, é um movimento que vai da divulgação do cancelamento (em operações exaustivas de compartilhamento de links para notícias, manifestos e artigos de opinião) até a proposição e o engajamento dos banhistas em manifestações contrárias à decisão da FMC, passando por diversas conversações em que eles reclamam da medida e maldizem o poder municipal. Tanto o FIT quanto a FMC revelam-se, desse modo, atores importantes, na medida em que agenciam deslocamentos – não só nos três ambientes em questão, mas na cidade de forma geral. O episódio que buscamos detalhar aqui se passa a partir de uma manifestação realizada no dia 27 de março, um sábado, em que manifestantes saíram da Praia da Estação em direção à prefeitura para protestar contra o cancelamento do FIT.

No dia 29 de março de 2010, é publicada uma postagem no blog com o título “Não me organizem. Crítica do arrastão na última Praia.¹⁶⁰”. Assinado com o pseudônimo coletivo “Rita Garella”¹⁶¹, o texto traz a impressão de um dos banhistas acerca da Praia do dia 27, que se desdobrou na manifestação em frente à prefeitura. De acordo com o texto de Rita, o evento foi marcado por uma série de incidentes causados por um grupo de pessoas ligadas a partidos – centralizados em um personagem que ela descreve como “a cara do Beijola¹⁶²”. O texto é organizado em torno de uma distinção entre “nós” [os banhistas] e “eles” [o Beijola / o “arrastão trotskista”], em uma crítica explícita à forma de organização e às práticas dos partidos políticos.

Esta era uma praia especial, íamos esquentar ali para ir até a Prefeitura, exigir a volta do Festival Internacional

¹⁵⁹ Ver: <http://www.otempo.com.br/noticias/ultimas/?IdNoticia=136456,OTE&busca=festival%20internacional%20de%20teatro&pagina=41> (Acesso: 21/03/13)

¹⁶⁰ Disponível em <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/03/29/nao-me-organizem-critica-do-arrastao-na-ultima-praia/> (Acesso: 19/08/12)

¹⁶¹ Como já descrito no primeiro capítulo, todas as postagens do blog são assinadas pelo usuário Luther Blissett, em um recurso automático da plataforma Wordpress. Algumas poucas postagens trazem, no corpo do texto, uma assinatura. Veremos, no decorrer da análise, como esta postagem pode ser associada a um dos banhistas mais ativos na lista de e-mail.

¹⁶² Referência ao ator Marcos Oliveira, que interpreta o personagem Beijola no seriado “A Grande Família”, exibido pela Rede Globo.

de Teatro, cancelado pela prefeitura por pura falta do que fazer. Mas sobre isto já temos outros textos neste blog.

Tínhamos duas novidades excepcionais que poderiam ampliar os debates da praia e o auxílio mútuo: o ativismo de várias pessoas interessadas no FIT e a participação de alguns professores municipais em greve! Oba!

Já havíamos ido em bloco para a prefeitura outra vez, no sábado de carnaval, e daquela vez havíamos cantado o tempo inteiro, pulado e lavado as escadarias da prefeitura com folhas de arruda.

Mas o que rolou desta vez foi diferente. É que eu não contava com o arrastão trotskista que tentou todo custo se apossar a praia. (Retirado da postagem “Não me organizem...”)

A postagem denuncia que a presença do grupo partidário causou diversos contratempos, fazendo com que a manifestação adquirisse um caráter diferente ao das demais praias e acabasse por se esvaziar rapidamente. Destacamos dois atores fundamentais que parecem decisivos para o relato: as bandeiras de partido (que Rita analisa como uma tentativa de tomar posse da manifestação) e um carro de som (caracterizado como algo que destoava dos tom alegre dos instrumentos musicais dos banhistas, impedia que os presentes pudessem se ouvir e tentava impor um discurso aborrecido). Outras questões são elencadas como problemas, como a tentativa de fechar a Avenida Afonso Pena (cujo resultado teria sido uma reação agressiva dos passageiros e motoristas em trânsito no local, em detrimento da recepção festiva que Rita afirma ter acompanhado os banhistas até então); e um conflito com a polícia (relacionado ao uso da mangueira do caminhão pipa). Em todas essas pontuações, Rita denuncia uma tentativa da “galerinha uniformizada e carregadora de bandeiras” de tomar as rédeas do protesto, mantendo-se isolada da festa dos banhistas.

A postagem gera 33 comentários, sendo a segunda mais comentada ao longo de todo o período de existência do blog. Ao longo dos comentários, é possível perceber como se estabelece uma discussão ampliada, em que, embora nem todos os usuários busquem responder uns aos outros diretamente, a questão vai sendo esgarçada em várias direções. A maior parte deles reitera a crítica à conduta do grupo partidário na manifestação, expandindo para outras críticas ou ataques à forma de atuação dos partidos, de modo geral. Esses usuários questionam e ridicularizam a atuação política dos partidos, denunciam tentativas de aparelhamento e buscam distanciar a Praia das práticas que atribuem a eles. Nessa situação, fica evidente como os enunciados ligados à horizontalidade e ausência de lideranças atuam como linhas de força, que tangenciam e conformam as respostas de grande parte dos usuários.

Mais do que isso, é possível perceber como são estabelecidos limites fortes entre “nós” e “eles”, em uma escala de valor em que os modos de agir horizontais e libertários são comemorados enquanto as práticas hierárquicas que os usuários atribuem aos partidos são consideradas anacrônicas, maçantes e ineficazes.

Bonito demais!

Não me organize, não me burocratize, não me encarete, não me prenda, não me alicie para o seu partido!

Esta é uma praia livre, uma manifestação aberta e democrática. E por mais que alguns tentem fazer dela um movimento sério, rígido e dentro da formalidade, continuarei fazendo troça! Continuarei rindo do prefeito, de seus desmandes e dos tolos que acham que para fazer política precisa bandeira, partido, grito de ordem e estatus de manifestação política séria. Rotulos não cabem! (Por Fidel, retirado dos comentários da postagem “Não me organizem...”)

Tem que dar é porrada nesses comuna (Por Melsa, retirado dos comentários da postagem “Não me organizem...”)

Essa é uma questão delicada. Por mais que eu ODEIE o PSTU e toda essa corja, e tenha visto o mesmo acontecer em diversos movimentos em bh e outras cidades, acho que a violencia, fisica ou de outra natureza, não é solução. Por hora, eu só vejo uma: continuar denunciando o aparelhamento, por(quase) todos os meios possíveis. Não por meio de carros de som e megafones, por que nisso eles são craques, mas por meio do que move a praia desde o início: criatividade. Falo por experiencia própria, tem algumas coisas que “eles” não entendem, que os desestabiliza mesmo. O modelo anacrônico de política desses partidecos não suporta certas manifestações espontaneas. (Por zé ninguém, retirado dos comentários da postagem “Não me organizem...”)

Com todo respeito e humildade acho que tales pensamentos (uns e outros) sao pertinentes... mas a identidade da praia, e do jeito que ela foi ganhando mas e mais, foi gracias a que nao tem uma voz que representa, tem todas elas.

Quando uma pessoa só fala, acha que o resto esta concordando. Se vai començar a ser desse jeito entao quem quiser tomar voz, deverá se apressentar nas reunioens que acontecem faz 2 meses.

O jeito ludico e organizadamente desorganizado deu seus bons frutos...

por que nao continuar creando nossa propria politica?? Por que nao ter nossa propria identidade? desestruturar as estruturas as deles e as nossas!

o ato da praia é um ato poetico! (Por Valeria, retirado dos comentários da postagem “Não me organizem...”)

Mas o texto provoca também comentários que revertem a crítica, problematizando a recusa às formas tradicionais de manifestação e colocando em cena questionamentos e acusações em relação ao caráter democrático da Praia da Estação. É curioso como o jogo dos banhistas é invertido à medida que usuários mostram-se simpáticos aos “partidários” com argumentos que cruzam as linhas de força, impingindo possíveis fraturas. Como afirmar a atitude libertária da Praia, quando o comportamento dos banhistas é considerado autoritário? Como dizer de práticas horizontais, quando se acusa que a participação está sujeita a regras sectárias e excludentes? Este episódio parece esboçar linhas de fuga que desestabilizam a força dos enunciados ligados ao anonimato e a horizontalidade – não por negar sua validade, mas por afirmar que eles não são verdadeiros no cenário em que a Praia se configura.

Essa intolerância infantil à participação explícita de organizações políticas e movimentos populares/estudantis/sindicais é tão ou mais autoritária que os próprios desmandos de Lacerda e do estado burguês contra os quais vocês tentam resistir. Se vocês encaram a simples presença de bandeiras políticas como “aparelhamento”, “oportunismo”, “burocratização” etc, fica clara a total imaturidade e intransigência de vocês frente a variedade de formas de participação política que podem ser exercidas pelos indivíduos. (Por ricardomalagoli, retirado dos comentários da postagem “Não me organizem...”)

acho que o texto, além de ser sectário, possui acusações pessoais que ultrapassam alçada deste blog ou do contexto colocado por ele (será que é porque foi um texto escrito num momento de fúria acumulada de anos?)

não me organizem! mas organizem a praia, organizem as reuniões toda quarta feira, organizem o show, organizem a ocupação de meia faixa na andradas. pelo jeito a crítica “anarquista” não é pela organização em si ne? são pelas organizações... é engraçado que se dizem anarquistas e não veem a necessidade de se organizar, sinceramente vejo nisso uma contradição tremenda [...] é, e não pode ter arrastão trotskista, só pode ter arrastão anarquista... se vc não for um anarquista ou simpatizante, cuidado ao ir à praia ou ir a reunião de quarta, vc pode ser molhado (ou linchado). (Por morgause, retirado dos comentários da postagem “Não me organizem...”)

Deixem de ser loucos... Até agora dezenas ganiram aqui como se a simples presença de algumas bandeiras, carro de som e palavras de ordem politizadas fossem um estupro. Eu não sou partidário... Mas, com todo o respeito, eu duvido que os que são perderiam seu tempo tentando organizar um bando de burguezinho fáficheiro funcionário de ONG-caça-níquel.

Vocês são intolerantes, isso sim. Vocês é que são os donos da bola, ou melhor, da praça. Transformaram ela

num condomínio privado. São um bando de anarcóides sectários que colocam acima da pauta comum que uniu a todos naquele ato, a picuinha, o enfrentamento entre os que deveriam, mais do que nunca, dar as mãos e enfrentar os desmandos desse estado maldito. Se aqui tivesse algum anarquista, de fato, esse tipo de discussão infantil jamais estaria acontecendo. A praia é uma delícia mesmo ou é uma ditadura pseudo-anárquica despolitizada? (Por Fred Lima, retirado dos comentários da postagem “Não me organizem...”)

A discussão se amplia ainda mais quando o texto é respondido, no dia seguinte, com outra postagem, “Uma crítica para a crítica”¹⁶³, assinada pelo principal personagem relatado no primeiro post (o “Beijola”, que se identifica como Jessé Duarte). A atmosfera de conflito é acentuada pela resposta de Jessé, que busca se defender das acusações do primeiro texto. Em sua postagem, ele deixa claro que a referida manifestação contra o cancelamento do FIT havia sido organizada por um grupo de artistas, membros de partidos e sindicatos, que se juntaram aos banhistas para marchar até a prefeitura. Jessé afirma ainda que a proposta de fazer uma manifestação em articulação com partidos e sindicatos havia sido conversada com alguns banhistas, encaminhada à lista de e-mails e postada no blog.

De volta à lista de e-mails, é possível rastrear o momento em que Jessé é incluído em uma conversa que decorre de um relato da última reunião presencial, em que os banhistas se perguntam o que poderiam fazer em relação ao FIT. A usuária Carem Abreu é quem pede para incluir seu e-mail na lista, em uma mensagem de 19/03/10, adiantando que o “pessoal do teatro” planejava uma manifestação no sábado seguinte. Na mesma cadeia de e-mails, Jessé envia um convite para a manifestação e para uma reunião de organização que ocorreria alguns dias antes. Os e-mails de Jessé não são respondidos por nenhum dos banhistas, que continuam a tratar dos assuntos que tinham sido discutidos na reunião. No blog, o convite para uma “manifestação política e cultural contra o descaso com a cultura”¹⁶⁴ é postado no dia 23 de março e recebe dois comentários confusos de uma usuária que provavelmente foi parar no blog por engano.

Ao longo de seu texto, além de se defender das críticas de Rita, Jessé contra-ataca, na mesma linha de muitos dos comentários que haviam sido publicados em resposta à postagem anterior. O “Beijola” questiona a reivindicação pela ausência de líderes e a expressão “Não me organizem...”, interpretando as críticas da primeira postagem como restrição da

¹⁶³ Disponível em <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/03/30/uma-critica-para-a-critica/> (Acesso: 27/03/13)

¹⁶⁴ Disponível em <http://pracalivrebh.wordpress.com/2010/03/23/dia-27-de-marco-dia-mundial-do-teatro-e-dia-nacional-do-circo/> (Acesso: 27/03/13)

participação de “pessoas com ideologias diferentes”, o que seria, além de um indício de liderança, uma prática excludente e antidemocrática.

Nosso “amigo”, o crítico e outros são grandes líderes. Eles dizem que a praia é isso, é aquilo, que quem não molha não é participante. Isso também já não é estabelecer critérios? Não se posicionar significa se posicionar. Nem sabão neutro não é neutro. Existe uma posição e uma organização sim, existem líderes sim, e o pior é que vocês escondem isso das pessoas, ocultam a verdade e fazem todos acreditarem numa farsa que é: não tem organização. A Praia é sim, LEGÍTIMA, o movimento é legítimo, mas algumas pessoas são uma farsa, são criminosos, com características excludentes e critérios antidemocráticos.

Que democracia é essa? Que liberdade é essa? Que eu não posso expor meus posicionamentos políticos e ideológicos? Que eu não posso levar uma bandeira? Que eu não posso pensar diferente de alguns? Gente, ta parecendo ditadura. (Retirado da postagem “Uma crítica para a crítica”, de 30/03/10)

Novamente, o número de comentários gerado é alto: 22 usuários respondem às provocações de Jessé. Interessante perceber como se estabelece, em ambas as postagens, uma dinâmica de agenciamento em que os comentários tornam-se atores-rede, na medida em que vão mobilizando mais e mais respostas. O alto número de comentários também parece contribuir para despertar interesse e agregar visibilidade para a postagem. Ademais, a quantidade de respostas atesta a capacidade de agenciamento de Jessé – que desencadeia um novo burburinho nos ambientes midiáticos. Nos comentários, observa-se o desenvolvimento de mais um debate acalorado: alguns usuários aplaudem a iniciativa da postagem e compartilham da crítica à Praia. Outros buscam desconstruir ou rebater a crítica de Jessé. Algumas das respostas são repetições de comentários publicados na postagem anterior.

Além disso, o debate escorrega para a lista de e-mails, quando Jessé envia uma mensagem com o texto postado no blog. A primeira postagem havia sido enviada por Matheus Machado, mas recebeu apenas duas breves respostas. A discussão transborda efetivamente para esse ambiente com o e-mail de Jessé, que tem oito respostas e gera ainda mais embates. É possível perceber como, nesse ambiente, Jessé encontra menos eco para as provocações que faz. Apenas um usuário, Rubens Aredes, parece de fato compartilhar da crítica (reiterando a posição que assume no episódio anterior, de enfrentamento à postura de grande parte dos banhistas). Os demais buscam contornar a situação, relativizando a primeira postagem e rebatendo os argumentos de Jessé. O que parece se revelar, nesse caso, são formas distintas de

apropriação dos dois ambientes midiáticos: provavelmente, muitos dos usuários que reiteraram a crítica de Jessé no blog não fazem parte da lista – embora frequentem as Praias.

Pode-se dizer, nessa medida, que o status de banhista é composto de múltiplas dimensões, de acordo com a relação que os manifestantes estabelecem com a Praia: ocupar a Praça da Estação, frequentar o blog e o perfil no Twitter, participar das reuniões presenciais e estar inscrito na lista parecem configurar ações que se sobrepõem na conformação de um modo de agir, ligado a enunciados específicos que podem ser mais ou menos problematizados. Obviamente, isso não significa que os banhistas que participam de todos esses âmbitos de interação com a Praia necessariamente concordem entre si: os episódios anteriores mostram como as controvérsias permeiam o escopo da manifestação de forma bastante abrangente. Mas nesse episódio específico, fica evidente como a desestabilização de questões que se mostram linhas de força da manifestação (como a horizontalidade e a ausência de lideranças) é agenciada por banhistas que interagem com a Praia de forma mais periférica.

Ademais, entre os usuários que apoiam a crítica do texto de Rita Garella e se defendem das provocações de Jessé, é possível encontrar membros bastante ativos da lista. Um exemplo é Matheus Machado. Em diversos dos comentários, assinados com diferentes nomes (Ommar Motta, Joaquim José, Mario Manuel), é possível identificar a utilização de um mesmo avatar: a figura de um Coala. Todos eles buscam responder às críticas feitas à postagem, algumas vezes identificando explicitamente sua autoria.

Era uma crítica a uma prática política MUITO pontual e que não afeta nem a todos os partidos e nem ao partido inteiro. Nem sei se é prática comum das pessoas envolvidas, como dito foi uma crítica a uma prática específica numa manifestação específica. postei no blog porque é uma referência e porque nos propusemos a debater as coisas de forma aberta. Foi uma coisa que incomodou muita gente, daí achamos importante deixar claro. (Por Joaquim José, retirado dos comentários da postagem “Não me organizem...”)

O Coala é a mesma imagem utilizada no perfil do Twitter do usuário Coala Croata (@coalacroata), que é um ativo compartilhador de conteúdo do blog, como pode ser observado em diversas outras postagens¹⁶⁵. Além disso, Coala Croata é também o nome do

¹⁶⁵ Como vimos no segundo capítulo, por uma especificidade da plataforma Wordpress, quando uma postagem é compartilhada via Twitter, a operação é registrada no campo dos comentários, deixando um rastro visível do perfil compartilhador.

usuário mais ativo da lista de e-mails¹⁶⁶.

Percebe-se que Matheus é um ator importante, deslocando as conexões e movimentando os fluxos de ações que compõem esse episódio. Mas é preciso notar como seus agenciamentos operam na medida em que se conectam a outros atores, como Jessé, banhistas que estabelecem uma relação mais periférica com a Praia, banhistas que estabelecem uma relação mais central, Luther Blissett, Omar Motta, o carro de som, as bandeiras, a Fundação Municipal de Cultura, o FIT, a quantidade de comentários das mensagens, o próprio blog etc. É possível observar como todos esses atores participam do episódio e contribuem, a seu modo, para que sentidos controversos escorreguem entre postagens, comentários e e-mails enviados à lista, em operações atravessadas e alimentadas pelas linhas de força da ausência de lideranças e da horizontalidade.

4.1.4 A praia, um ano depois: como transbordar os limites da manifestação?

O quarto e último episódio que buscamos analisar se passa um ano depois da primeira Praia da Estação, em virtude da realização de um Eventão de aniversário, que começa a ser planejado no fim de 2010. Como vimos no segundo capítulo, o mês de dezembro revela uma diminuição expressiva na movimentação nos três ambientes midiáticos, se comparado aos primeiros meses do ano. As Praias já não aconteciam desde maio e a conversação ocorria de modo bastante disperso, motivada por um ou outro chamado para intervenções na cidade. No dia 3 de dezembro, contudo, Luiz Gabriel Lopes envia à lista um e-mail com o assunto “convocatória extraordinária: praia da estação 11/12”, chamando os banhistas a retomar a Praia da Estação no sábado seguinte:

alô banhistas de plantão
o verão vem chegando e infelizmente nossa
proibição faz aniversário...
então queria chamar possíveis interessados pra
uma edição extraordinária da praia no dia*
11/12*
tomar um sol e discutir um pouco, tem muita
coisa osso rolando e seria bacana a gente se

¹⁶⁶ Coala Croata é o primeiro nome da listagem dos membros mais ativos da lista pracalivre_bh, com 334 mensagens enviadas. Embora apareça neste espaço Coala Croata, a exibição de mensagens na lista traz seu nome como Matheus Machado, o que pode ser explicado por uma mudança nas configurações do usuário.

rearticular pra produzir oposição aos desmandos
recentes do Lacerda
tá osso e continua osso...
quem animar, estarei lá a partir das 9:30
digam aí! (luiz gabriel lopes, em e-mail de
03/12/10)

O e-mail de Luiz é um ator central nesse episódio, já que gera uma série de agenciamentos importantes. O primeiro deles é a retomada das praias. São registradas 18 respostas ao e-mail, de usuários que aderem ao chamado e comemoram a proposta. No dia seguinte, Rafael Barros envia à lista um flyer para divulgação da ação, que nomeia “Praia da Estação – O Retorno”. Rita Garella envia, no mesmo dia, outro flyer. A convocatória também agencia postagens no blog e no perfil do Twitter, divulgando a Praia que aconteceria no fim de semana. No blog, são postados os flyers de Rafael e Rita. No Twitter, são registrados quatro tweets de divulgação: dois do próprio perfil @pracalivrebh e dois retweets (um de luiz gabriel lopes – @lglopes – e outro da banda Graveola e o Lixo Polifônico – @graveola¹⁶⁷). A Praia acontece e é agendada uma nova ocupação para a semana seguinte.

Na noite do dia 11, Bruno Vieira envia à lista um e-mail pedindo um relato sobre a retomada da Praia, já que não havia comparecido à ação. Kara responde ao e-mail e conta que um representante da Fundação Municipal de Cultura compareceu à Praia do dia 11, convidando os banhistas para uma conversa. O convite da FMC anima os banhistas, que marcam uma Praia para a semana seguinte e se mobilizam para planejar a conversa. No e-mail de Kara, é possível perceber a expectativa de que as praias fossem retomadas semanalmente (a expressão “toda semana” foi um dos jargões adotados pelos banhistas nas primeiras praias, cantado durante os banhos de caminhão pipa).

Bruno,
Não pude fazer ainda um relato por falta de tempo. Mas adianto que semana que vem tem outra praia marcada, sabado. Pra essa praia, ficou proposto do pessoa da secretaria de cultura de BH para conversarmos, as 14hrs. Isso porque alguém de lá mesmo quis convidar o pessoal da praia para conversar.
Inclusive, pessoal, Divulguemos essa praia de sabado que vem! Quem puder elaborar webflyers ai, bora fazer!
Toda Semana!
LIGA A FONTE!!! (Kara, em e-mail de
13/12/10)

¹⁶⁷ luiz gabriel lopes é integrante da banda.

No dia 21 de dezembro, os banhistas se reúnem na Praça para planejar a conversa com a FMC. Dois dias depois, Rafael Barros envia à lista um relato da reunião, em que explica a ideia de propor ao órgão uma reunião aberta em formato de audiência pública, conduzida por representantes de “movimentos culturais diretamente atingidos pela atual política cultural da cidade”. Ao fim do relato sobre a reunião, Rafael apresenta um chamado para a organização do terceiro Eventão. Não é possível compreender se o Eventão foi também conversado na reunião, se havia sido cogitado durante a Praia de sábado ou se é o próprio banhista quem faz a convocação. Mas Rafael já encaminha a data proposta para o evento (22 de janeiro de 2011) e confirma a participação da bateria da Escola de Samba Cidade Jardim¹⁶⁸.

É interessante perceber, no entanto, como os agenciamentos que compõem esse episódio vão se esboçando sucessivamente. O e-mail de Luiz Gabriel movimenta os banhistas inscritos na lista, que se organizam para realizar a Praia no dia proposto, por meio da produção de flyers e da divulgação no Twitter. A Praia acontece e é visitada por um representante da Fundação Municipal de Cultura, que convida os banhistas para uma conversa. Animados com a possibilidade de dialogar com a FMC e de retomar a realização semanal das manifestações, os banhistas agendam uma Praia para a semana seguinte e uma reunião presencial, para discutir a proposta de diálogo. Ao enviar à lista o relato da reunião, Rafael Barros comenta, além da proposta de formato definida, a ideia de realizar um Eventão de aniversário – que também é acolhida com alegria pelos banhistas.

O Eventão volta a aparecer na lista em uma cadeia de e-mails iniciada por Rafael Barros no dia 12 de janeiro de 2011, com o assunto “Bora tocar o Eventão?”. No e-mail, Rafael se posiciona a respeito de uma reportagem enviada à lista no fim de dezembro, atualiza a situação da conversa com a FMC (que acabou não acontecendo, em função de uma recusa da Fundação em assumir o formato proposto) e convoca os banhistas a se articularem para que o Eventão pudesse ser realizado em uma data próxima ao aniversário da Praia, chamando para um encontro presencial.

Agora vamos para o que interessa mesmo! rrsr
EVENTÃO!!!! Bora articular isso pro dia 22
mesmo pra gente não perder esse data de um ano
da praia? Acho que podíamos fazer uma
chamada de Ocupe a Cidade com alusão as
políticas públicas municipal e estadual tipo:
Contra o Principado do Curral Del Rei e o
Delegado do Estado! [...]

¹⁶⁸ A Cidade Jardim é uma escola de samba de Belo Horizonte, conhecida por confrontar o poder municipal desde que foi despejada de sua quadra pela prefeitura, no ano de 2008.

Bora encontrar para hablarmos sobre? Quet tal sexta agora de noite na Praia (Praça) tipo 19hs? O que vcs acham? Vamos que vamos galera!!! (Rafael Barros, em e-mail de 12/01/11)

O e-mail de Rafael tem 20 respostas, sendo grande parte delas de banhistas que apoiam a ideia. No dia 14 de janeiro, Fidelis Alcantara envia ao grupo um relato da reunião presencial, realizada com a presença de apenas três banhistas (Fidelis Alcantara, Rafael Barros e Luiz Gabriel Lopes, como consta no relato), em que são detalhadas as decisões relativas à programação do Eventão. Rafael responde ao e-mail, com a distribuição de algumas tarefas de organização entre os banhistas que haviam se manifestado na lista de e-mails. Os banhistas acertam que a conversa continuaria na Praia do dia seguinte (já que, desde a retomada em dezembro e saltando o período do Natal, as Praias vinham acontecendo semanalmente).

No dia 17, Bruno Vieira abre o que chama de tópico fixo, buscando centralizar a discussão em torno da organização do Eventão em uma só cadeia de e-mails. A conversa continua nesse tópico e migra, em seguida, para uma nova cadeia iniciada por Fidelis, que envia o release para o evento (como vimos no primeiro episódio, ainda que tenha sido o foco de uma controvérsia entre os banhistas, a prática de escrever releases para as ações torna-se algo comum). Alguns usuários sugerem pequenas modificações no texto e a versão final é publicada no blog¹⁶⁹, no dia 18/01/11 – sendo removidos, no texto postado, os contatos de telefone dos banhistas Rafael, Luiz Gabriel, Fidelis e Bruno, e de representantes das atrações programadas, que constam na versão enviada ao blog sob o subtítulo “Informações para a imprensa”.

Outras mensagens referentes à organização e logística do Eventão são trocadas, em diferentes cadeias de e-mails. Em um dos e-mails de Rafael Barros, é possível perceber que os banhistas criaram também um evento no Facebook para divulgar a ação. No blog, além do release, é publicado um flyer, também no dia 18/01¹⁷⁰. No Twitter, são registrados oito tweets que convocam para o Eventão (sete do próprio perfil @pracalivrebh e um retweet de Marcelo Procopio – @Marprocopio2). O Eventão é realizado no dia 22 de janeiro de 2011, com apresentações do grupo de maracatu Trovão das Minas e da bateria da Escola de Samba Cidade Jardim. O Eventão foi marcado ainda por uma performance dos banhistas, que

¹⁶⁹ Disponível em <http://pracalivrebh.wordpress.com/2011/01/18/um-ano-de-praia-da-estacao-com-o-3%c2%ba-eventao/> (Acesso: 30/03/13)

¹⁷⁰ Disponível em <http://pracalivrebh.wordpress.com/2011/01/18/terceiro-eventao-da-praia-da-estacao-1-ano-de-praia/> (Acesso: 30/03/13)

desceram da Praça Sete até a Praça da Estação imersos em uma lona azul, que representava o mar.

No dia 23, Matheus Machado inaugura o tópico “Ecos do Eventão”, em que envia alguns links sobre a cobertura midiática da ação e pede para que todos enviem os links que encontrarem. Alguns banhistas começam a conversar sobre os links, até que Rafael Barros envia sua avaliação do evento realizado:

Galera!

Muito linda a praia de aniversário! Uma multidão de gente feliz e o que, para mim, consiste no mais lindo desdobramento do mar mineiro: o encontro e a interação das pessoas que habitam e que cruzam aquele espaço no movimento ordinário da vida!!!!

Teve o tradicional embaço dos guardas, já que eles não podem deixar a coisa acontecer no liso!

Massa, com atrito a coisa reverbera mais...

Na minha avaliação ainda falta algo que comunique de maneira mais direta toda a discussão política implicada no movimento. Faixas, panfletos... Um ano e não conseguimos avançar nesse ponto... Creio que isso seja combustível para o viés que alimenta a imprensa que cobre a praia.

Mas de todo modo colocamos a praia em pauta na mídia com força o que atinge as medidas da prefeitura e o próprio prefeito. No Hoje em Dia deu matéria de capa e na Record uma chamada ao vivo no jornal do almoço. Devido a forma como o Hoje em Dia vinculou meu nome na matéria tomei a decisão de não mais falar com a imprensa sobre a praia.

O mar azul que desceu da Praça Sete fechando a Amazonas foi incrível !!!! (Rafael Barros, em e-mail de 24/01/11)

A partir do e-mail de Rafael, outros banhistas começam a responder ao tópico enviando sua própria avaliação do modo como a ação se transcorreu. Irene Bertachini e Matheus Machado compartilham o mesmo incômodo de Rafael em relação à ausência de material que comunicasse à população – acrescentando a ideia de que, se houvesse material para fazer cartazes, por exemplo, talvez os banhistas não tivessem o que escrever, pela ausência de discussões ampliadas sobre os propósitos da Praia. Matheus propõe a produção de um zine¹⁷¹ que pudesse facilitar o acesso da população à “discussão política implicada no movimento”, reaproveitando materiais postados no blog. A ideia é acolhida por diversos

¹⁷¹ Um zine (ou fanzine) é um material gráfico independente, barato e simples (no estilo “faça você mesmo”), de fácil reprodução.

banhistas, que se propõem a participar dessa produção. Em meio à conversação sobre o zine, Paulo Rocha busca expandir a avaliação do Eventão para uma “autocrítica de tudo que já foi feito e do que fazer daqui para frente” em relação à Praia.

Eu concordo que juntar 500 pessoas é fantástico mas acho que não conseguimos avançar para além do encontro festivo (novamente, que eu acho foda e muito válido pois propiciou encontros e momentos maravilhosos), as discussões esmoreceram demais (principalmente se notarmos as que haviam na lista anteriormente e que de tão parada começou a ser só spam), os eventos para além da praia (na tora, que trem é esse e os saraus) esvaziados... e acho importante começarmos a pensar de forma mais expandida, acho a questão do decreto importante mas vejo a praça como uma das pontas do iceberg de uma cidade gentrificada e que ficará ainda pior na Copa. Parece que esse âmbito fica eclipsado pela tamanha força agregadora que a praia e as questões da Praça tem.

É um possível questionamento se a praia ainda gera algum incomodo... (Paulo Rocha, em e-mail de 26/01/11)

A partir do e-mail de Paulo, começa a se esboçar uma discussão acerca do que a Praia se tornou, em um ano de ocupação da Praça. Ao que parece, a percepção geral é de que a Praia tinha uma potência grande de agregar interessados, reverberar questões e incomodar o poder público, mas que não avançou muito nas discussões em relação à cidade. Os banhistas defendem motivos diversos para isso, mas – seja por um “encarceramento da praia em um mesmo formato e discurso”, como acusa Paulo Rocha, por “falta de força e tática”, como afirma Matheus Machado, ou pela ausência de uma “análise jurídica dos decretos feita por juristas”, como defende Giovanni Campanha – o que parece emergir dos posicionamentos individuais é ideia de certo limite atingido pela manifestação. Ainda que todos os banhistas reconheçam a potência e a importância da Praia da Estação como um espaço de encontro e de festa, alguns deles começam a apontar o que pode ser compreendido como uma insuficiência dessa configuração.

Desde o início do tópico, a questão das lideranças é pincelada por um ou outro banhista. A princípio, pela insatisfação de Rafael Barros em ser tomado pela reportagem do Hoje em Dia como líder da Praia. Respondendo à angústia de Rafael, Lucas Mortimer avalia positivamente Rafael ser considerado “a figura representante da Praia da Estação”, e sugere que a escolha de um representante legítimo pudesse ser o “ingrediente faltante” para aprofundar a discussão em torno da Praia e envolver a população de forma mais efetiva. De

forma dispersa, ao longo da cadeia de e-mails, outros banhistas parecem se filiar a essa ideia, como illyushin zaak e luiz gabriel lopes.

acrescento a seguinte perspectiva: as lideranças já existem, galera, só se trata de assumirmos isso ou não e apesar de entender e curtir a simbologia da máxima "a praia não tem líderes", talvez já seja hora de atualizar o pensamento em relação a isso. há uma necessidade incontornável de ampliarmos nosso campo de influência nos rumos da política municipal: as eleições virão, e se não nos articularmos que nem "gente grande" podemos passar em branco e ser apenas um grupo de 500 pessoas numa cidade de 3 milhões de habitantes.

é o velho caso, ou a coisa cresce, ou a coisa morre... (luiz gabriel lopes, em e-mail de 29/01/11)

O debate sobre as lideranças agenda diversas respostas de usuários: quando a conversação entra nesse mérito, mais respostas são geradas. Em um movimento recorrente a todos os episódios, parece se configurar uma dinâmica de agenciamento em que, sempre que a conversação esbarra nas linhas de força, colocando em cheque em alguma medida o conjunto de enunciados que envolve anonimato, horizontalidade e ausência de lideranças, há intensa movimentação. Pode-se dizer que os episódios controversos estão todos ligados ao tensionamento (seja intencional ou ocasional) dessas linhas de força – e resultam simultaneamente em movimentos de retroalimentação dessas linhas e de fissuras em direções diferentes.

No caso deste episódio, é curioso observar como há aqui uma mudança sutil no tom da discussão, em relação aos episódios que se passam um ano antes. No episódio do release, por exemplo, os usuários buscavam se defender da acusação de tomar a liderança e qualquer proposta de institucionalização da manifestação (na forma de um coletivo ou movimento) tornava-se indizível, configurando a horizontalidade e o anonimato como linhas de força que direcionam o percurso da Praia ao longo de toda a sua existência. Neste episódio, alguns usuários começam a esboçar uma defesa das lideranças, pensando em superar os limites que a Praia teria alcançado. Ainda que essas propostas tenham gerado recusas enérgicas de usuários como Paulo Rocha e o debate tenha se direcionado para outros tipos de solução, pode-se dizer que a recepção dessas propostas foi bem mais amena do que teria sido um ano antes, como é possível perceber em uma das respostas de Matheus Machado.

sem dúvidas ou a coisa cresce, ou a coisa morre, e é disto que tratavam outros emails por aqui, pensando em outras formas de intervenção, dos limites da praia e etc. mas não sei se este papo de "atualizar o pensamento" pra virar "gente grande" vai realmente ajudar em alguma coisa. tô de saco cheio de "gente grande" pra falar a verdade.

se entendi o que cês querem dizer com "lideranças já existem", cês tão falando de pessoas reconhecidas pelos demais banhistas, ou por alguns deles, em alguns momentos chave. Isto existe, claro. Sempre tem alguém em que cê confia e procura opinião e olhares em alguns momentos. Mas na praia isto sempre foi fluido. Mudam as pessoas que participam da praia, mudam as pessoas que participam das reuniões, mudam as pessoas que postam no blog, mudam as tais de "lideranças" que cês falam.

Das pessoas que lembro frequentar sempre as reuniões em fevereiro, março e abril de 2010, somente uma estava na última praia que fui. E por pouco tempo. Ok, talvez duas. Quem é liderança então? E lembram quem foi na audiência pública? Eram três falando, né? E as 8 pessoas que foram à reunião na prefeitura? Elas são as lideranças?

Quando alguém diz que "nesta praia não há líderes" está se referindo obviamente às lideranças estabelecidas, burocráticas, aos delegados, aos representantes. Estas sim, nunca houveram. (Matheus Machado, em e-mail de 29/01/11)

Matheus é um dos principais defensores da solução que se esboça coletivamente ao longo do tópico para resolver os limites que a Praia alcançava: um investimento maior, por parte dos banhistas, em produção de material de mobilização. Outro tópico é aberto paralelamente a essa discussão com o assunto “Material gráfico da praia: zines, panfletos, jornais...”, a partir de um e-mail enviado por Rita Garella em 27 de janeiro. Alguns banhistas respondem com ideias para o zine (principalmente Matheus Machado, que envia três das oito respostas) e é agendado um encontro presencial para discutir os materiais que seriam produzidos. No dia 31 de janeiro, Rita Garella envia um convite para a reunião de criação coletiva do zine:

03 DE FEVEREIRO - QUINTA - 19 H

Troca de idéias sobre a criação de um zine (material gráfico) da Praça

[Para pensar formas de discutir e multiplicar assuntos da Praça e da cidade]

Traga idéias, textos, imagens...

Ponto de encontro: Praça da Estação

[se chover, embaixo do viaduto Santa Tereza]
pracalivrebh.wordpress.com (Rita Garella, em e-mail de 31/01/11)

É enviado também um flyer com o convite para essa reunião, postado no blog no dia 1 de fevereiro¹⁷². No dia 3 de fevereiro, Pedro Marra retoma o tópico “Ecos do Eventão” na lista de e-mails, dizendo que postou sua resposta no blog, devido ao tamanho do texto.

Bom... vou meter o bedelho nessa, porque a discussão me é cara... Talvez dê uma luz a questão do porque algumas pessoas desistiram de participar mais ativamente das ações da praia. O texto ficou longo, então publiquei no blog, para os que não tem saco para ler muitas linhas por aqui. segue o link:

<http://pracalivrebh.wordpress.com/2011/02/03/carta-avaliativa-de-1-an...>

E, ah... antes que venham com esse argumento, participar da discussão também é uma forma de agir. Não agir é calar-se quando se tem algo que se pensa relevante a dizer.

A resposta de Pedro é publicada no blog no mesmo dia, em uma postagem de título “Carta avaliativa de 1 ano, aberta aos comapnheiros de praia.”¹⁷³. No texto, Pedro reafirma a necessidade de se aproximar da população e critica o modo como iniciativas que se propunham a isso foram recebidas na lista de e-mails, com receio de cooptação e aparelhamento por parte de partidos e baixa adesão entre os banhistas. A postagem gera uma discussão que transita entre os dois ambientes: na lista, são enviados seis e-mails de resposta; no blog, a postagem tem 22 comentários (sendo, como posto no segundo capítulo, uma das dez postagens mais comentadas). O perfil no Twitter compartilha o link desse post também no dia 03/02, (em um movimento que parece dizer respeito menos ao post em si e mais à tentativa de linkar todo o conteúdo do blog nesse período, já que todas as outras postagens ganham tweets semelhantes).

É curioso como o debate se desenrola de modo diferente, em cada um dos ambientes. Na lista, todas as respostas acolhem em alguma medida as ponderações de Pedro – que, como é possível observar pela direção que tomou o tópico de avaliação do Eventão, vinham ao encontro do que os banhistas já estavam propondo. No blog, no entanto, grande parte dos comentários rechaça algum aspecto da crítica contida no post, buscando argumentar em outra

¹⁷² Disponível em <http://pracalivrebh.wordpress.com/2011/02/01/criacao-coletiva-de-zine/> (Acesso: 30/03/13)

¹⁷³ Disponível em <http://pracalivrebh.wordpress.com/2011/02/03/carta-avaliativa-de-1-ano-aberta-aos-comapnheiros-de-praia/> (Acesso: 30/03/13)

direção¹⁷⁴. Mais uma vez, parece evidente que vários dos usuários que comentam no blog não estão na lista (com exceção de [Conjunto Vazio], cujo comentário, como já vimos, provavelmente corresponde a Paulo Rocha).

Os rumos do debate na lista parecem passar pela resposta de Rafael Barros, que nos parece bastante emblemática diante do esvaziamento que acontece nos três ambientes ao longo do ano de 2011:

Pessoal,

Acredito que todos aqui concordamos com vários dos pontos que surgiram nos últimos e-mails. E continuamos, com mais ou menos vontade, nos preocupando com eles, pensando e tentando agir a partir deles. No entanto fico ruminando se não estamos, como já disse anteriormente, dando murro em ponta de faca.

A Praia enquanto movimento correu mundo, ganhou sua vida, com prós e contras. Na minha opinião muito mais prós do que contras. E considero legítima sua forma de atuação e suas formas de comunicação. Com todos os seus limites. É certo que nunca conseguiremos atingir toda a gente que gostaríamos, mas em muita gente já chegamos.

Tenho conversado com pessoas de vários movimentos sociais e o sentimento que nutrem pela praia é, ao contrário do que muito aqui se discute, positivo. E eles parecem aceitar de forma muito mais tranquila do que nós mesmos o fato de que esse é um movimento segmentarizado. Porque de uma forma ou de outra quase todo movimento é segmentarizado. A grande maioria dos que freqüentam, mobilizam, agitam, divulgam, discutem, pensam a praia são de uma classe média artística cultural da cidade? sim! E que ótimo que esse povo não tá em casa, ou no clube, ou na sala de cinema ou na frente do computador. E junto deles muitos outros lá estão e vão se somando. Sem contar nas reverberações que a praia sucitou na cidade que são incontestáveis.

Agora a grande questão posta e discutida, pelo que percebo, é: o que mais? E o que mais para mim significa além da praia. E para ir além da praia é preciso novas idéias, outras ações, mais alianças. A praia não imobiliza de forma alguma nada disso simplesmente porque isso independe da praia. Ela existe lá na Praça da Estação e os outros espaços estão aí para serem transformados. Mas cabe a nós traçar esses novos caminhos...

Acho ducaralho a iniciativa de produção de outros meios de comunicação das questões

¹⁷⁴ No Twitter, não há nenhum tipo de reverberação.

envolvidas na praia (coisa tardia que já vem sendo discutida a muito tempo) mas no mais, que a praia seja...
e fora ela? na borda dela?
vamos que vamos (Rafael Barros, em e-mail de 03/02/11)

Rafael problematiza as (auto)críticas diversas que os banhistas vinham discutindo na lista desde o Eventão, chamando atenção para iniciativas que poderiam surgir para além da Praia, às bordas da ocupação festiva da Praça da Estação. É interessante dizer, nesse sentido, que Rafael também é um dos membros mais ativos da lista de e-mails do Fora Lacerda, movimento que começa a se organizar em Belo Horizonte a partir de junho, tendo a Praia como horizonte simbólico. Se o Fora Lacerda compartilha diversas questões com a Praia (como a realização de ações de natureza festiva, que envolvem a ocupação do espaço da cidade¹⁷⁵; a sobreposição dessa ocupação a discussões realizadas em ambientes midiáticos; e a orientação por princípios como a horizontalidade e à ausência de lideranças), ele se diferencia na medida em que busca se relacionar com partidos, sindicatos e movimentos sociais tradicionais, definindo-se *a priori* como um movimento.

Como vimos no segundo capítulo, é possível notar, quando acaba o verão de 2011, um esvaziamento substancial dos três ambientes, acompanhado de uma tendência (sobretudo no perfil no Twitter) a compartilhar conteúdo do movimento Fora Lacerda e críticas ao então prefeito, de modo geral. Como já buscamos dizer, a nosso ver não se trata de um simples esvaziamento, mas de uma migração, já que diversos dos banhistas passam a participar ativamente das discussões do Fora Lacerda (Rafael Barros, Fidelis Alcantara, Bruno Vieira e Milene Migliano, para citar alguns). O movimento, inclusive, é quem passa a convocar a realização das Praias, por meio de sua página no Facebook (foi assim com as Praias da Savassi, a Praia do Trabalhador e a Praia dos Sobreviventes, em 2012, e a comemoração de três anos de Praia, em janeiro de 2013). Como previu Rafael, ações como discussão mais ampliada de questões relativas à cidade, aproximação de movimentos sociais e mobilização de uma diversidade maior de pessoas, focos de controvérsia em diversos episódios, são elementos importantes para o agenciamento de um novo movimento, que surge às bordas da Praia, como linha de fratura que se desdobra do emaranhado, estabelecendo novas conexões.

¹⁷⁵ Além das três Marchas Fora Lacerda, realizadas em 2011 e 2012, podem-se citar o envolvimento do Fora Lacerda em ações como o “Humanize uma pedra”, intervenção realizada no viaduto Paulo Mendes Campos que criticou a solução encontrada pela PBH de colocar pedras no espaço debaixo dos viadutos para evitar sua ocupação pela população em situação de rua.

4.2 Um mapa móvel dos sentidos

Na seção anterior, percorremos os quatro episódios selecionados buscando perceber como são atravessados por controvérsias, que dão a ver os movimentos de associação e agrupamento pelos quais a Praia é constituída. No primeiro episódio, diante da convocação anônima para a primeira Praia, discussões acerca de providências para sua divulgação revelam a existência de divergências em relação à configuração da manifestação. A afirmação de uma identidade é problematizada pela pouca afinidade construída e pela diversidade de pontos de vista entre os membros da lista de e-mails, tornando-se rapidamente algo “indizível”. As controvérsias descortinadas pelo release proposto trazem à tona sentidos ligados à recusa de lideranças, à horizontalidade e ao anonimato, que se configuram como linhas de força que vão atravessar todos os episódios.

A partir da instituição de uma Comissão Especial de Regulamentação de Eventos na Praça da Estação, o segundo episódio põe em questão a postura da Praia da Estação diante do poder público – que evolui para uma reflexão coletiva em torno da postura da Praia de forma geral. Se em um primeiro momento, os banhistas destoam uns dos outros quanto à decisão de reivindicar ou não a participação na Comissão, ao fim do episódio é possível perceber, mais uma vez, que o que está em jogo é a concepção que têm em torno do que estão fazendo. O anonimato das ações é aqui problematizado pela preocupação com “os de fora” e a necessidade de chegar à população torna-se um vetor importante, que passa a tensionar as ideias que se estabelecem como linhas de força. Fica evidente também que os posicionamentos coletivos acerca da Praia são construídos na intercessão entre os encontros presenciais e a conversação nos ambientes midiáticos – configurando um modo de agir em que as discussões efetivamente transbordam entre as duas esferas de interação.

O terceiro episódio insere-se em um contexto de manifestações populares contra o cancelamento do FIT pela Fundação Municipal de Cultura. Por meio de um conjunto de postagens e comentários no blog, práticas típicas da atuação política de partidos e movimentos sociais tradicionais são postas em conflito com a defesa de ideais como a horizontalidade e a ausência de lideranças. As rugosidades vão emergir na medida em que esses ideais são usados para justificar a recusa dos banhistas em relação a essas práticas; ou por outro lado, quando se tornam, em contrapartida, objeto de desconstrução e

problematização. É possível perceber ainda, a partir desse episódio, como os banhistas estabelecem diferentes dimensões de experiência uns com os outros e com a manifestação, a partir da participação nas Praias e reuniões presenciais, da frequência ao blog e ao perfil no Twitter e da inscrição na lista. Dimensões que parecem sobrepor-se na conformação de um modo de se relacionar com as questões que atravessam todos esses espaços.

No quarto e último episódio, um exercício de (auto)avaliação coletiva acerca do Eventão realizado em comemoração ao aniversário de um ano da Praia desdobra-se em discussões acerca de suas conquistas e limites. Divergindo tanto em relação aos motivos que levaram às limitações, quanto no que diz respeito aos modos de superá-las, os banhistas chegam novamente a um impasse que envolve a ausência de lideranças e a necessidade de se comunicar com a população “de fora” da Praia. O episódio dá a ver como os banhistas começam a gestar o que se tornaria posteriormente o movimento Fora Lacerda, que se desprende da Praia como uma espécie de fratura, mas reverbera e amplia suas questões.

Por meio da dimensão analítica do dispositivo, pudemos perceber como enunciados relacionados ao anonimato, à horizontalidade e à ausência de lideranças tomam a forma de linhas de força, impulsionados por certo protagonismo de banhistas ligados a coletivos libertários ou simpatizantes da perspectiva anarquista e assumidos por grande parte dos manifestantes. Essas linhas atravessam todos os episódios. Em alguns deles, inviabilizam – e “invisibilizam” – posicionamentos diferentes, como no episódio do release, em que os enunciados em torno de “movimento” e “coletivo” tendem a desaparecer. Em outros, como no episódio da Comissão, em que o posicionamento coletivo é expresso por meio de quatro cartas, assinadas por nomes coletivos, as linhas de força orientam as ações em sua própria direção. As linhas também mobilizam controvérsias sempre que são postas em cheque, como no episódio do Beijola, em que os questionamentos acerca da participação de grupos partidários geram um debate agressivo entre usuários do blog.

Mas essas linhas são a todo tempo tensionadas pelos desdobramentos da ação conjunta de atores diversos, que esbarram em suas bordas quando a Praia é confrontada com a necessidade de expandir a discussão acerca do decreto para a população da cidade, por exemplo. No episódio do Beijola, é possível entrever linhas de fuga, na medida em que é questionada a verdadeira adesão dos banhistas aos enunciados de horizontalidade. No episódio do Eventão, pode-se dizer de uma linha de fratura que prenuncia a criação de um novo movimento alguns meses depois. Ainda que não deixem de configurar linhas de força, portanto, sentidos associados ao anonimato e à horizontalidade não podem ser compreendidos

como definidores absolutos das ações.

Podemos tomar, assim, cada um dos episódios selecionados como um dispositivo específico, dentro do qual essas linhas se expandem e se contraem, conformando jogos de poder que fazem emergir determinados sentidos em detrimento de outros. Ao mesmo tempo, as linhas atravessam todos os episódios, fazendo com que se encaixem, estabelecendo conexões entre uns e outros e acoplando todos eles ao dispositivo-Praia, de forma mais ampla. Os movimentos das linhas atuam sobre as curvas de visibilidade e enunciação da Praia, conduzindo os regimes de luz e de enunciados que dizem da manifestação. Definir a Praia da Estação parece configurar uma tarefa difícil justamente em função desses movimentos, que deixam entrever embates de natureza diversa e dificultam qualquer tipo de “achatamento” das perspectivas em jogo. É preciso perceber também como o que coloca essas linhas em movimento é justamente o que chamamos aqui de ator-rede, ou seja, qualquer entidade cuja ação provoca deslocamentos e transformações na rede que se articula em torno da Praia. A dimensão analítica do agenciamento reside justamente nessas operações de constituição do “social”, às quais Latour chamaria “traduções”¹⁷⁶. “Ator-rede”, “agenciamento” e “dispositivo” são assim três dimensões do mesmo fenômeno.

Nos episódios selecionados, alguns atores sobressaem, revelando-se fundamentais para a compreensão das controvérsias agenciadas. Entre os banhistas, Paulo Rocha, Matheus Machado, Luiz Gabriel Lopes e Rafael Barros parecem destacar-se pela relação central que estabelecem com a manifestação (estando nas Praias, nos ambientes midiáticos e nas reuniões presenciais) e pelo modo como suas ações desencadeiam controvérsias e transformações nos episódios: Paulo Rocha atua sempre com bastante fervor na alimentação dos sentidos associados ao anonimato e à horizontalidade que tornam-se linhas de força. Matheus Machado, além de reforçar esses mesmos enunciados, articula-se de diversas formas para reverberar seus pontos de vista, sendo um agente no movimento de transbordar sentidos entre ambientes distintos. Luiz Gabriel Lopes é quem propõe e defende o release no primeiro episódio, tensionando as linhas de força que já se delineavam; além de convocar a retomada da Praia, no episódio 4, agenciando uma nova temporada de contestação. Rafael Barros, transformado a contragosto em liderança pela mídia, é o grande articulador do terceiro Eventão e do movimento de autoavaliação coletiva que se dá em seguida.

Mas também atores não-humanos ganham relevância no processo observado, como os

¹⁷⁶ Como vimos no capítulo anterior, Latour (2012) compreende o “social” como uma série de associações entre elementos heterogêneos (LATOURE, 2012, p. 23), e não como um domínio ou uma esfera da realidade. A ideia de “tradução” corresponde a um deslocamento ou transformação que atua no reagrupamento do “social”.

decretos da PBH, o perfil no Twitter, a lista de e-mails, o blog, os comentários, o release, as bandeiras e o carro de som levados para a manifestação contra o cancelamento do FIT, Luther Blissett e os outros nomes coletivos utilizados, os Eventões e as reuniões presenciais. Pode ser que o ator mais relevante de todos seja, afinal, a própria Praça da Estação, disputada entre grupos evangélicos, socialites gestoras de Museus, moradores do entorno, a prefeitura, os banhistas. Para compreender o modo como os sentidos escorregam entre os episódios, é preciso atentar para os deslocamentos realizados por todas essas entidades.

É possível perceber ainda, como vimos no capítulo anterior, que atores e linhas relacionam-se em uma dinâmica de afetação mútua. Se as operações de agenciamento fazem com que as linhas se movimentem, o contrário também pode ser observado: as linhas orientam e desorientam as ações dos atores, delimitam sentidos possíveis ao invisibilizar determinados regimes de enunciados e organizam regimes de luz nos quais os atores estão imersos. É no encontro das duas dimensões analíticas, no entrelaçamento entre os atores (que agenciam e desencadeiam transformações) e as linhas (que orientam e são alimentadas pelas ações) que podemos observar a partir das controvérsias mobilizadas nos episódios selecionados, que buscamos fazer emergir as conexões de sentidos.

Podemos dizer que os episódios acima são atravessados por sentidos que se circulam em diversas direções. Como vimos ao longo da dissertação, são arranjos provisórios de sentidos, conexões que se aproximam e se distanciam de acordo com os agenciamentos rastreáveis na textualidade investigada. De um lado, as linhas de força caracterizadas por enunciados como o anonimato, a horizontalidade e a ausência de lideranças parecem caminhar para uma configuração da Praia da Estação como uma ação relacionada à prática de *ativismo*. Como define André Mesquita (2008), o ativismo pode ser considerado uma ação que visa mudanças sociais e políticas, envolvendo a prática da ação direta e da desobediência civil. Como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, o ativismo contemporâneo é influenciado em grande medida pelo pensamento libertário, pelo levante zapatista e pelos Dias de Ação Global, buscando formar redes de ação coletiva que se utilizam das novas tecnologias de comunicação e da realização de ações festivas para atingir seus objetivos, dissipando-se logo em seguida. É possível pensar o ativismo a partir da definição de Bobbio (1998) acerca dos fenômenos coletivos de agregado.

Nos fenômenos coletivos de agregado, dá-se um comportamento similar num grande número de indivíduos, sem que se formem novas identidades. Uma vez desaparecido o elemento, a tensão, a disfunção que deu lugar a tais comportamentos coletivos, bem pouco terá mudado em quem neles participou. E o caso do pânico, da multidão,

da moda, do boom. (BOBBIO, 1998, p. 787).

Em diversos momentos nos episódios selecionados, as conexões que emergem das controvérsias atuam de modo a aproximar a Praia dessas referências. No episódio da Comissão, por exemplo, a carta assinada por Omar Motta chega a identificar a Praia como “mais uma ação direta de Desobediência Civil dos belorizontinos que se sentem agredidos em seus direitos constitucionais mais básicos pelo Decreto Nº 13.798”. Tanto nesse episódio como no episódio do Eventão, o anonimato é destacado como forma de respeitar os banhistas que responderam ao chamado da Praia como desobediência civil, sem se filiarem a nenhum tipo de discurso comum. Ademais, podemos citar toda uma rede de questões que gravitam em torno da Praia que podem ser associadas à prática ativista, de forma geral – e ao pensamento libertário, de modo mais específico: o apelo a iniciativas de autogestão na organização dos Eventões; o blog com login e senha abertos, divulgados em sua página inicial; a utilização dos nomes coletivos etc.

Em uma chave semelhante, que também parte do anonimato como linha de força, mas articula a essa ideia uma referência à dimensão poética das práticas da Praia e ao seu papel de interferência no cotidiano da cidade, pode-se observar como emergem sentidos que associam a Praia da Estação a uma espécie de *intervenção urbana*. Em um texto sobre as intervenções urbanas do grupo Poro, André Brasil (2011) comenta o caráter de “insignificância” que atribui a essas ações, “deslocamentos mínimos, acontecimentos sutis, no limite entre ver e não se ver” (BRASIL, 2011, p. 33). Avessas e alheias aos circuitos do espetáculo e das instituições, as intervenções designariam assim pequenos gestos, anônimos e ordinários. A potência de algumas dessas intervenções estaria ligada a um agir político que não se manifesta no campo dos enunciados, mas do *enunciável*.

Em uma leitura bastante particular e parcial do trabalho do Poro, diria que várias de suas intervenções são políticas não porque operam no domínio dos enunciados, mas sim naquele do enunciável. O primeiro é o lugar dos sentidos, dos slogans e das palavras de ordem. Intervir aí significa contrapor, irônica ou literalmente, os nossos slogans e palavras de ordem àqueles da mídia e da publicidade. O segundo é o domínio do sensível, no qual se estabelecem os limites entre o que é ou não possível de ser dito e visto em determinado momento histórico. Intervir aí significa atuar no sensível da cidade, em seu horizonte de possibilidades, nas condições que tornam possíveis esta ou aquela imagem, este ou aquele enunciado. (BRASIL, 2011, p. 35)

Novamente, entre os episódios que analisamos, é possível perceber como algumas conexões tendem a associar à Praia da Estação qualidades de uma intervenção na cidade. No episódio do release, por exemplo, os enunciados defendidos por banhistas como Paulo Rocha

buscam recusar a espetacularização da Praia, chamando atenção para seu caráter efêmero e espontâneo. A dimensão poética da Praia é ressaltada em muitos dos comentários reunidos no episódio do Beijola e em diversos dos textos publicados no blog. Além disso, a leitura de Brasil (2011), que enxerga nas intervenções o rompimento dos limites do possível parece bastante adequada para caracterizar a irrupção de uma Praia no hipercentro de Belo Horizonte. Nessa medida, a Praia pode ser associada a uma ideia de reinvenção da cidade, no domínio do sensível.

Mas não é possível desvincula-la do domínio dos sentidos, das palavras de ordem, da contestação no nível dos enunciados. Desse outro lado, o vetor que toma forma em virtude da preocupação com o “debate público”, com a participação em esferas institucionais de atuação e com a mobilização dos “de fora” parece tensionar as configurações acima propostas, aproximando-se de algumas dimensões do que se poderia chamar de *movimento social*. Bobbio (1998) define os movimentos sociais como “tentativas, fundadas num conjunto de valores comuns, destinadas a definir as formas de ação social e a influir nos seus resultados” (BOBBIO, 1998, p. 787). Caracterizados como fenômenos coletivos de grupo (de forma oposta aos fenômenos coletivos de agregado), os movimentos sociais revelam o surgimento de coletividades que se unem “pela consciência de um destino comum e pela persuasão de uma comum esperança” (BOBBIO, 1998, p. 787).

Ainda que a ideia de uma identidade comum estabelecida *a priori* seja refutada em diversos dos episódios (por meio da recusa em relação ao release e da decisão de escrever quatro cartas abertas ao invés de apenas uma, por exemplo), é possível perceber como essa identidade é acionada sempre que vem à tona a proposta de elaborar material para aproximar e mobilizar a população. Esse parece ser o foco de grande parte das tensões que identificamos nos episódios: grande parte dos banhistas se recusa a assumir um discurso único, mas quase todos parecem concordar com a necessidade de se fazer entender pelos “de fora” da Praia. Alguns banhistas, como Matheus Machado no episódio do Eventão, buscam conciliar as duas propostas, em um zine que trouxesse posicionamentos múltiplos acerca da Praia, por exemplo. Mas de forma geral, a necessidade da mobilização popular em torno da Praia parece convocar essa ideia de um *comum* como ponto de partida, construída pelos movimentos sociais.

Parece-nos uma tarefa impossível medir a intensidade das conexões que cada um desses arranjos de sentidos agrega em si, optando por uma ou outra configuração para dizer da Praia da Estação. É diante de sua polivalência e instabilidade, das numerosas sobreposições e dos intensos atravessamentos que essas conexões exercem entre si (e ainda das inúmeras

possibilidades de novos arranjos), que afirmamos que a configuração sociopolítica da Praia parece apontar para uma ideia de “política” que não nos faça escolher entre uns e outros. Para compreender sua configuração, convocamos o deslocamento proposto por Latour (2004) para discutir o conceito. Na concepção do autor, a ideia de “política” não designa um domínio próprio, distinto de outros domínios que poderiam, de forma correlata, ser chamados de econômico, legal, etc. De modo semelhante ao movimento que o autor busca empreender em relação ao “social” (Latour, 2012), sua proposta se concentra em desconstruir e ressignificar essa noção.

Podemos ser deputados na assembléia e não falarmos de maneira política. Inversamente, podemos nos encontrar em família, num escritório, em uma empresa, e falar politicamente de uma questão qualquer, mesmo que nenhuma das palavras pronunciadas indique que elas pertencem de algum modo ao domínio político. (LATOURE, 2004, p. 13)

Latour (2004) vai caracterizar “política” como o que chama de “regime de enunciação”. Uma enunciação pode ser considerada política se visa a fazer existir aquilo que não existiria de outra forma: “o público como totalidade provisoriamente definida” (LATOURE, 2004, p. 11). É evidente como está pressuposta aqui a ideia fundadora da sociologia das associações de que os grupos e agregados sociais não existem de antemão, sendo necessário, para compreendê-los, fazê-los existir. “Público”, nessa medida, não diz respeito a uma oposição em relação ao que seria “privado”. Refere-se sim ao resultado das consequências (sempre inesperadas) das ações.

A política deve ser pensada, desse modo, como ação instituidora de relações: ela diz respeito ao trabalho de agrupar e reagrupar os agregados sociais. É nesse sentido que Latour busca distanciar a ideia de política de noções como transparência, exatidão, não-deformação e linha reta, de modo a ressaltar seu caráter performativo. Se podemos considerar a política como “o que faz existir”, devemos assumir, desde já, que ela será “torta, retorcida, esperta, comprometedora, infiel, manipuladora, mutável” (LATOURE, 2004, p. 15).

Pode-se muito bem falar de eleição, de relações de força, de relações internacionais, de luta de influência, etc., sem por isso proferir politicamente tais palavras: para fazê-las perder seu sentido, sua chave, sua tonalidade, seu spin próprio, é suficiente que atribuamos às coisas assim mobilizadas uma transferência sem deformação. Falando de “relações de dominação”, acreditamos estar falando de política, mas como essas relações de força se deslocam em linha reta, à maneira da informação, e não em linha curva, por tradução, não é por isso que estamos falando politicamente. (LATOURE, 2004, p. 11)

Se Latour (2012) compreende o “social” como resultado das operações dos atores, a política parece designar essas próprias operações: movimentos de tradução, deslocamento e transformação. Podemos dizer, assim, que a ação política institui o social, compreendido como agenciamento. Aqui parece residir a chave para compreender a configuração sociopolítica que emerge das conexões de sentidos que tecemos em torno da Praia da Estação: não se trata de atribuir à Praia a configuração de um movimento social, um fenômeno de ativismo, uma intervenção urbana, nem nada que possa circunscrevê-la em um domínio ou uma esfera considerada política de antemão. Trata-se, sim, de perceber como essa configuração será constantemente reconfigurada (e ainda transfigurada, desfigurada) pelos atores (humanos e não-humanos) envolvidos em seu permanente reagrupamento.

Com todas as ambiguidades e contradições com que a Praia se apresenta, o que as conexões de sentidos parecem dar a ver é a permanente tentativa de construção, entre os banhistas, de um *mundo comum*. Não como aquele que caracterizaria movimentos sociais segundo Bobbio (1998), que parece estar dado de partida. Nos termos da política de Latour, um mundo comum só é possível quando deixa de ser pensado como algo que existe do lado de fora dos movimentos incessantes de (re)agrupamentos e conexões, tornando-se “algo que vamos construir, a unhas e dentes, juntos” (LATOUR, 1994 *apud* VENTURINI, 2010). A configuração que parece tomar forma nas conexões que emergem das controvérsias rastreadas na textualidade da Praia da Estação aponta, nessa medida, para essa tentativa – “retorcida”, “comprometedora” e “infel”, e, por isso mesmo, política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, partimos da proposta de cartografar as controvérsias que atravessam a textualidade escorregadia da Praia da Estação, buscando esboçar um “mapa-móvel” das conexões de sentidos que configuram a Praia como fenômeno sociopolítico. Para além do mapa que apresentamos no último capítulo, no entanto, é preciso perceber como a dissertação que aqui se encerra precisa ser compreendida, ela mesma, como uma cartografia. Relativizando mais uma vez as fronteiras da distinção de Michel de Certeau (2009) acerca dos mapas e percursos, que apresentamos no terceiro capítulo, afirmamos que este trabalho é, ele todo, “mapa-percurso”, trazendo inscritas em si as marcas de nossa tentativa de lidar com a inconstância da Praia da Estação. Sem a possibilidade de recorrer a coordenadas pré-estabelecidas, guiamo-nos aqui por pistas, vestígios de um objeto que se mostrou indisciplinado e arredo. Esta não poderia ser uma dissertação transparente: se nos propomos a pisar em um espaço feito de movimentos, os tropeços e as encruzilhadas estão todos aqui.

Um dos primeiros pontos de localização ao longo do caminho da pesquisa foi o encontro com a Teoria Ator-Rede e com o método da cartografia, que possibilitaram o desenvolvimento de uma abordagem metodológica em sintonia com a fluidez que caracteriza nosso objeto de pesquisa: o que chamamos de “cartografia das conexões”. Sem a pretensão de explicar o que se desenrolava entre os três ambientes midiáticos que elegemos para a análise (o blog, a lista de e-mails e o perfil no Twitter criados para a Praia), nossa proposta foi seguir os vestígios dos atores (humanos e não-humanos) envolvidos nas operações de associação e agrupamento em torno da Praia, em uma tentativa de cartografar conexões de sentidos, arranjos passageiros que pudessem nos dizer da dinâmica sociopolítica que emergia desses processos.

Como uma das escolhas mais importantes de trajeto, optamos por tecer essa rede de sentidos por meio de seus buracos. Fomos assim em busca de controvérsias, incertezas compartilhadas entre os banhistas que permitem apreender o conjunto de mecanismos utilizados para associar e agrupar sentidos em torno da Praia. Por meio do traçado da articulação entre as linhas que se embaraçam no dispositivo-praia e as operações de agenciamento que atravessam e movimentam essas linhas, buscamos fazer emergir as conexões de sentidos em direção a uma configuração sociopolítica.

Na tentativa de responder à questão inicial a que nos propomos, ou seja, compreender

como a textualidade construída entre os registros textuais encontrados no blog, na lista de e-mails e no perfil do Twitter da Praia da Estação revela o agenciamento de conexões de sentido em torno da Praia e em que medida as controvérsias identificadas em meio a essa textualidade atuam na direção da conformação reticular da Praia como um fenômeno sociopolítico, podemos listar algumas questões que se configuram como conclusões.

Por meio da cartografia das conexões, vimos como agenciamentos que se dão nos primeiros dias de articulação contra o decreto, impulsionados sobretudo por membros e simpatizantes de coletivos libertários em Belo Horizonte, fazem com que enunciados relacionados à horizontalidade, a ausência de lideranças e o anonimato tomem a forma de linhas de força que atravessam o dispositivo-Praia. Essas linhas atuam na conformação das curvas de visibilidade e enunciação por meio das quais o fenômeno é definido, evidenciando o movimento de invisibilizar enunciados contrários a elas (como a ideia de que a Praia poderia ser um “coletivo” ou um “movimento social”). Ademais, orientam decisões coletivas e mobilizam controvérsias sempre que são atravessadas por questões que buscam desestabilizá-las. A controvérsia pode ser compreendida, dessa maneira, como um sintoma de que algo está sendo construído, reconstruído, elaborado pelos atores em jogo.

Embora atuem fortemente durante todo o percurso analisado, as linhas de força são a permanentemente tensionadas por agenciamentos de outras naturezas. Em alguns momentos, é possível entrever a emergência de linhas de fuga, que desestabilizam e enfraquecem a ideia de horizontalidade, criando brechas para que as questões sobre lideranças apareçam em determinados momentos. A necessidade de expandir a discussão acerca do decreto para a população da cidade torna-se um vetor importante nesse sentido, que atravessa todos os episódios injetando ambiguidades e tensões nas linhas e curvas do dispositivo. É curioso como esse vetor possibilita antever a criação do Movimento Fora Lacerda, como uma espécie de linha de fratura que se desprende do dispositivo-Praia e segue em busca de novas conexões.

É interessante perceber também como se estabelece uma dinâmica de agenciamento em que os posicionamentos coletivos acerca da Praia da Estação são construídos na intercessão entre os encontros presenciais (que têm um papel importante na construção de acordos e consensos) e a conversação que atravessa os três ambientes midiáticos, configurando um modo reticular de ação em que as discussões levadas a cabo pelos banhistas transbordam entre as duas esferas de interação. Pode-se dizer assim de diferentes dimensões da experiência dos sujeitos em relação uns aos outros e à Praia, de forma geral. Traçamos a

existência de camadas de participação que se articulam e se sobrepõem à medida que os vínculos tornam-se mais fortes. Entre a participação nas Praias, a frequência às reuniões presenciais, as visitas ao blog e ao perfil no Twitter (e o compartilhamento de seus conteúdos) e a inscrição e participação na lista de e-mails, estabelecem-se nuances que trazem diferenças no modo como esses banhistas se relacionam com as questões que atravessam todos esses espaços.

Das articulações e dos embates entre atores-rede e as linhas do dispositivo que buscamos desembaraçar, é possível perceber como são agenciadas conexões de sentidos de diferentes naturezas, que ora se aproximam e ora se distanciam de modos de agir politicamente. Em determinados arranjos de sentidos, a Praia é significada como um fenômeno de ativismo, um agregado de sujeitos que se reúne para ações de desobediência civil e logo se dissipa. Em outros, as linhas de força orientam sua configuração como uma espécie de intervenção urbana, alargando os limites do possível no cenário da cidade. De modo contraditório, revelando as tensões implicadas nesses sentidos, é possível ainda notar como alguns arranjos motivados pelo vetor de comunicar aos “de fora” da Praia mobilizam a ideia de um movimento social.

Porém, o que esses sentidos parecem revelar é o modo como, mais importante do que definir uma ou outra configuração para qualificar o agir político da Praia da Estação, é perceber como a tensão revela-se um indício da existência mesma da política nessas conexões. Nossa cartografia não caminha, assim, na direção de enquadrar à Praia em uma configuração pré-determinada (como poderia ser um movimento social, uma intervenção urbana ou uma prática de ativismo). Ao contrário, nosso mapa parece revelar como a configuração da Praia da Estação só pode ser considerada política na medida em que permanece sendo constantemente negociada nas operações dos atores envolvidos, no vai e vem que caracteriza essa onda.

Pode ser possível, a partir do desenho de questões como essas, pensar em hipóteses que derivam da pesquisa e sugerem novos percursos investigativos. O modo como os sentidos se articulam parece apontar para uma reflexão interessante em relação à tensão permanente que se estabelece entre um agir no domínio do sensível (por meio de ações anônimas, sutis e efêmeras, que buscam alargar os horizontes de possibilidade na cidade) e um agir no domínio dos sentidos (por meio de estratégias de mobilização que buscam formas de se comunicar com a população, inserindo a discussão no que os banhistas chamam de “debate público”). Como esses domínios podem ser caracterizados? Que tipo de relação convocam? Como a

tensão é administrada pelos atores?

É interessante também perceber como, enquanto a noção de rede é esgarçada em múltiplas direções, a ideia de ocupação simplesmente não aparece nas análises. Nossa hipótese é que a ocupação não constitui um problema para nenhum dos arranjos de sentidos que se fazem possíveis, sendo tomada de antemão como um consenso entre os banhistas. Nesse sentido, uma questão de natureza conceitual-metodológica pode ser retomada: como lidar com o que não agencia controvérsias? Se os atores permanecem em silêncio, é preciso deixá-los de fora de qualquer movimento analítico?

Outras questões se delineiam, no sentido de ampliar a reflexão em torno da Praia para uma série de outras práticas contemporâneas. De um lado, é possível perceber como a Praia da Estação não parece estar isolada de outros fenômenos de protesto e contestação no Brasil e no mundo. Seria possível dizer que estamos presenciando a configuração de um modo de agir político da contemporaneidade? De outro, parece urgente a necessidade de iluminar o modo como tecnologias de comunicação criam novas dimensões de experiência no espaço das cidades. Como compreender o espaço urbano contemporâneo partindo da percepção que ele é atravessado por fluxos que, como vimos, sobrepõem dimensões online e offline? O que essa sobreposição implica?

Questões como essas podem ser retomadas em possíveis desdobramentos futuros desta pesquisa. Por ora, as conexões de sentidos que emergem da textualidade escorregadia da Praia da Estação parecem revelar a pertinência de se debruçar sobre objetos como este, que demandam abordagens pouco convencionais e podem trazer novas contribuições para a compreensão das práticas contemporâneas de comunicação. Nosso trajeto em direção à Praia se encerra, assim, abrindo caminho para futuras caminhadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIL, Gonzalo. **Análisis crítico de textos visuales** - Mirar lo que nos mira. Madrid: Editorial Síntesis, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. “O que é um dispositivo?” Em: **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

ALZAMORA, Geane Carvalho. “Fluxos de informação no ciberespaço – conexões emergentes”. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 13, 2007.

ASSIS, Érico Gonçalves de. Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2006. [Dissertação de mestrado]

BAKHTIN, Mikhail. “O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas.” In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Laura Pozzana. KASTRUP, Virginia. “Cartografar é acompanhar processos”. Em: PASSOS, E. KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

BELISÁRIO, Adriano. “Okupar é resistir: Squatters unem cultura punk e ativismo.” Rio de Janeiro: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. 27. ago. 2008.

BEY, Hakim. **Zona autônoma temporária**. São Paulo: Conrad, 2004.

BLISSET, Luther. **Guerrilha psíquica**. São Paulo: Conrad, 2001.

BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Vol. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BRASIL, André. Insignificâncias: a política nas ações do Poro. Em: CAMPBELL, Brígida. TERÇA-NADA, Marcelo. **Intervalo, Respiro, Pequenos deslocamentos: Ações poéticas do Poro**. São Paulo: Radical Livros: 2011.

CALLON, Michel. “Entrevista com Michel Callon: dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos.” **Sociologias** [online], n.19, 2008.

CASTELFRANCHI, Yuri. As serpentes e o bastão: Tecnociência, neoliberalismo e inexorabilidade. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008. [Tese de doutorado]

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Volume I – A sociedade em rede. Paz e Terra: São Paulo, 2001.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y poder**. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. **Situacionista**: teoria e prática da revolução. São Paulo: Conrad, 2002.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: V. 1. artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 2009.

DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Vega. Lisboa, 1996.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

FAUSTO NETO, Antonio. “As bordas da circulação...”. **ALCEU**, v. 10 - n.20, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, Leticia Luna de. “Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica.” **Comum**. Rio de Janeiro, v.11, nº 26. 2006

GUARNACCIA, Mateo. **Provos**: Amsterdam e o nascimento da contracultura. São Paulo: Conrad, 2010.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. Niterói: **GEOgraphia**, v. 17, 2008.

HARVEY, David. A liberdade da cidade. São Paulo: **Revista Urbania**, 2009

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein. “Notas sobre Espaço Público e Imagens da Cidade”. São Paulo: **Arquitextos**, v. 110, 2009.

JURIS, Jeffrey. “A New Way of Doing Politics? Global Justice Movements and the Cultural Logic of Networking”, *Recherches sociologiques et anthropologiques* [Online], 38-1, 2007.

KASTRUP, Virginia. “A rede: uma figura empírica da ontologia do presente.” Em: PARENTE, André (Org.). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004.

KASTRUP, Virginia. “O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo”. Em: PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virginia. ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

KASTRUP, Virginia. BARROS, Regina Benevides de. “Movimentos-funções do dispositivo

na prática da cartografia.” Em: PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virginia. ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

KEMPF, Rafael. “Afetada pela crise, a classe média vai às ruas.” Em: **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 04 mai. 2012.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012. Bauru: Edusc, 2012.

LATOURE, Bruno. “E se fálássemos um pouco de política?” **Política & Sociedade**, v.3, n.4. 2004.

LAW, John. Notas sobre a Teoria do Ator-Rede: ordenamento, estratégia, e heterogeneidade. Tradução de Fernando Manso. Rio de Janeiro: **Comum**, 2006.

LAW, John. “Actor Network Theory and Material Semiotics”, versão de 25 de abril de 2007. Disponível em:

<http://www.heterogeneities.net/publications/Law2007ANTandMaterialSemiotics.pdf>,
(Acesso: 02/10/12).

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Documentos, 1969.

MANOVICH, Lev. “The practice of every day media life”, 2008, online. Disponível em: http://www.manovich.net/TEXTS_07.HTM (Acesso: 20/08/12)

MARTINHO, Cássio. “Morfologia de rede e ação social”. Em: MARTINHO, Cássio. FÉLIX, Cristiane. **Vida em rede: conexões, relacionamentos e caminhos para uma nova sociedade**. Barueri: Instituto C&A, 2011.

MESQUITA, André. **Insurgências Poéticas: Arte Ativista e Ação Coletiva**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. [Dissertação de mestrado]

MUSSO, Pierre. “A filosofia da rede”. Em: PARENTE, André (org). **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

OLIVEIRA, Igor Thiago Moreira. Uma "Praia" nas Alterosas, uma "antena parabólica" ativista: configurações contemporâneas da contestação social de jovens em Belo Horizonte. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. [Dissertação de mestrado].

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. “Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos”. In MORAES, Dênis de (org). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

ORTELLADO, Pablo. Introdução. Em: ORTELLADO, Pablo; RYOKI, André. **Estamos vencendo: resistência global no Brasil**. São Paulo: Conrad, 2004.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virginia. ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PEDROSA, Maria Isabel. CARVALHO, Ana Maria Almeida. Análise qualitativa de episódios

de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. **Psicologia: reflexão e crítica**, 2005.

PICHONELLI, M.; MARTINS, R. “Trincheiras na web”. **Revista Carta Capital**, São Paulo, 29 jun. 2011.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**. Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RUIZ DI GIOVANNI, Júlia. **Artes do impossível**: protesto de rua no movimento antiglobalização. São Paulo: Annablume, 2012.

SASSEN, Saskia. “A política como lugar”. São Paulo: **O Estado de S. Paulo**. 24. dez. 2011.

VENTURINI, Tommaso. “Diving in Magma: How to explore controversies with actor-network theory”. **Public Understanding of Science**, 19. 2010.

VENTURINI, Tommaso. “Building on Faults: How to represent controversies with digital metod”. **Public Understanding of Science**, v. 21, n. 7. 2012.

VILELA, Nice Marçal. Hipercentro de Belo Horizonte: movimentos e transformações espaciais recentes. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.